

A decorative border with intricate floral and scrollwork patterns in a dark blue color, framing the central text.

Fragmentada

Teri Terry

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

*Em um mundo dominado por seus inimigos,
em quem você poderá confiar?*

FRAGMENTADA

TERI TERRY

FAROL
LITERÁRIO

 Livros

DADOS DE COPYRIG HT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o

FRAGMENTADA

FRAGMENTADA

FAROL
LITERÁRIO

conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

“Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando

por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo

nível.”

Teri Terry

Tradução: Flávia Côrtes

Copy right © 2013 do texto: Teri Terry

Copy right © 2013 da edição brasileira: Farol Literário Todos os direitos reservados ao autor.

Título original: *Fractured*

Publicado originalmente em inglês em 2013 pela Orchard Books.

DIRETOR EDITORIAL: Raul Maia Junior

EDITORA: Eliana Gagliotti

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Varanda

TRADUÇÃO: Flávia Côrtes

PREPARAÇÃO DE TEXTO: Eliane de Abreu Santoro

REVISÃO: Simone Zac / Paulo Santoro

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Claudio Tito Braghini Junior

PRODUÇÃO DIGITAL: Estúdio Editores.com

Texto em conformidade com as novas regras

ortográficas do acordo da língua portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

Terry, Teri

Fragmentada [livro eletrônico] / Teri Terry ; tradução [de] Flávia Côrtes. – São Paulo : Farol Literário, 2013.

1 m bp ; ePUB.

ISBN 978-85-8277-036-8

1. Ficção - Inglesa. 2. Memória - ficção juvenil. 3. Identidade (Psicologia) -

ficção juvenil. 4. Escolas de ensino médio - ficção juvenil. 5. Ficção científica. I.

Côrtes, Flávia, trad. II. Título.

T329f CDD 823

1a edição • novembro • 2013

Farol Literário

Um abraço do grupo DCL — Difusão Cultural do Livro Rua
Manuel Pinto de Carvalho, 80 — Bairro do Limão CEP 02712-120 —
São Paulo — SP

À memória de meu pai.

CAPÍTULO 1

A chuva tem muitas utilidades.

Árvores com o estas à minha volta precisam de chuva para viver e crescer.

Ela apaga os rastros, esconde as pegadas. Faz com que as trilhas fiquem difíceis, e hoje isso é uma coisa boa.

Mas, acima de tudo, lava o sangue da minha pele, das minhas roupas. Estou de pé, tremendo, enquanto o céu se abre sobre mim. Cruzo meus braços, esfregando-os várias vezes na chuva congelante. Os traços escarlates há muito já se foram da minha pele, mas não consigo parar. O verme ainda me ancha minha mente. Isso levará mais tempo para sair, mas agora eu me lembro com o fazer. Memórias podem ser fragmentadas, encobertas por medo e negação, e trancadas atrás de uma parede. Paredes de tijolos, com a que Wayne construiu.

Ele está morto? Está morrendo? Estremeço, e não apenas pelo frio. Será que o deixei sofrendo? Devo voltar e ver se posso ajudá-lo. Não importa o que ele seja, ou o que tenha feito, será que me erece ficar estirado lá, sozinho e com dor?

Mas, se alguém descobrir o que fiz, será o meu fim. Eu não deveria ser capaz de ferir alguém. Mesmo o que eu tenha apenas me defendido do ataque de Wayne.

Reiniciados são incapazes de cometer atos de violência, mas eu cometi; Reiniciados são incapazes de lembrar algo do próprio passado, mas eu me lembro. Os Lordeiros me levariam. Provavelmente iriam dissecar meu cérebro

para descobrir o que houve de errado, o porquê de meu Nível ter falhado em controlar minhas ações. Talvez eles fizessem isso comigo enquanto eu ainda estivesse viva.

Ninguém jamais poderia saber. Eu deveria ter verificado se ele estava morto, mas agora é tarde. Não posso arriscar voltar. *Você não*

conseguiu fazer isso antes, o que faz você pensar que agora conseguirá?
Um a voz zom bou dentro de m im .

Um a dorm ência se espalha por m inha pele, m úsculos e ossos. Tão frio.

Recosto-m e em um a árvore, os j oelhos se dobrando, caindo ao chão. Quero ficar parada. Quieta, sem m e m over. Sem pensar, sentir ou m achucar, nunca m ais.

Até que venham os Lordeiros.

Corra!

Me levanto. E m eus pés com eçam a cam inhar, então a correr lentam ente, para finalm ente voar entre as árvores em direção à trilha, pelos cam pos. Para a estrada, onde um a van branca m arcava o local em que Way ne havia desaparecido: *Melhores Construtores* pintado na parte lateral. Tenho m edo de que alguém m e vej a saindo da m ata aqui, próxim o à van, onde vão acabar procurando por ele, quando notarem sua ausência. Mas a estrada está vazia sob o céu raivoso; gotas de chuva caem com tanta força contra o asfalto, que respingam de volta quando passo correndo.

Chuva. Existe algum a outra utilidade, algum outro significado, m as ela escorre e esco a por m inha m ente com o rios por m eu corpo. E se vai.

A porta se abre antes que eu a alcance: um a m ãe preocupada m e puxa para dentro.

Ela não pode saber. Há poucas horas eu não teria sido capaz de esconder m eus sentim entos; eu não sabia com o. Relaxo m eu rosto, tirando o pânico dos olhos.

Apática com o um a Reiniciada deve ser.

— Ky la, você está ensopada — um a m ão quente toca m inha bochecha. Olhos preocupados. — Os seus níveis estão bons? — ela pergunta, pega m eu pulso para ver o Nivo, e eu olho com interesse. Eu deveria estar com níveis baixos, perigosam ente baixos. Mas as coisas haviam m udado.

6.3. O Nivo pensa que estou feliz. Oba!

Ela m e m andou para o banho e lá eu tento novam ente. Pensar. A

água está

muito quente e eu relaxo, ainda anestesiada. Ainda tremendo. A queimadura com o calor para confortar o meu corpo, minha cabeça está um pouco mais bagunçada.

O que foi que aconteceu?

Tudo antes de Way não parece enevoado, como quando se olha por um vidro embaçado. Como se olhasse para uma pessoa diferente, alguém que parece a mim mesmo por fora: Ky-la, pouco mais de um metro e meio, olhos verdes, cabelos loiros. Reiniciada. Um tanto diferente da anterior, talvez, um pouco mais consciente e com alguns problemas de controle, mas eu *fui* Reiniciada: Lordeiros apagaram minha mente com a punição por crimes dos quais não me lembro mais. Minhas memórias e passado deveriam ter desaparecido para sempre.

Então, o que foi que aconteceu?

Esta tarde, saí para uma caminhada. Foi isso. Eu queria pensar sobre Ben.

Novas ondas de dor vieram junto com seu nome, pior do que antes, tanto que quase chorei.

Não perca o *foco*. E depois, o que aconteceu?

Aquele inútil, Way não: ele me seguiu pela mata. Me forcei a pensar no que ele fez, no que tentou fazer, suas mãos me agarrando, e o medo e a raiva voltaram.

Ele me deixara zangada, tomada de tal modo por uma fúria insana, que ataquei sem pensar. E algo dentro de mim *mudou*. Transformou-se, caiu, realinhou-se.

Penso nas carnes sangrentas de seu corpo, e me encolho: eu fiz *aquilo*? De alguma forma, uma Reiniciada — eu — era violenta. E não era só isso: eu me lembro brava de coisas, sentimentos e imagens do meu passado. De antes de ter sido Reiniciada. Impossível!

Não era impossível. Aconteceu.

Agora não sou mais apenas a Ky-la, o nome dado a mim no hospital quando fui Reiniciada, há meses de um ano. Sou algo — alguém — mais. E não sei se gosto disso.

Ra-ta-ta-tá!

Giro o corpo para fora da banheira, espalhando água pelo chão.

— Ky la, está tudo bem ?

A porta. Alguém — m am ãe — acabou de bater à porta. Foi só isso. Relaxo os punhos.

Acalme-se.

— Tudo bem — consegui responder.

— Você vai ficar com a pele toda enrugada se continuar aí um pouco m ais. O

j antar está pronto.

No andar de baixo, com m am ãe, está m inha irm ã, Am y, e o namorado, Jazz.

Am y : Reiniciada e designada para esta fam ília com o eu, m as diferente em tantos aspectos. Sem pre radiante, cheia de vida e tagarelice, alta, a pele com o de um chocolate quente, e eu um a pequena, quieta e pálida som bra. E Jazz é natural, não um Reiniciado. Aj uizado, m enos quando observa a bela Am y, sonhador. É

um alívio que papai esteja a longe. Posso ficar sem seu olhar preocupado hoj e à noite, m ensurando, certificando-se de que nada esteja a saindo errado.

Assado de dom ingo.

Conversa sobre o estágio de Am y e a nova câm era de Jazz. Am y tagarela em polgada sobre ter sido convidada para trabalhar, depois de form ada, no consultório do m édico local, onde ela estagiou.

Mam ãe olha para m im .

— Vam os ver — ela diz. E eu vej o algo m ais: ela não m e quer sozinha depois do colégio.

— Eu não preciso de um a babá — digo, em bora não tenha tanta certeza.

A tarde vai se esvaindo em noite e eu subo as escadas. Escovo os

dentess e observo pela j anela. Olhos verdes m e olham de volta, grandes e fam iliares, m as vendo coisas que não viam antes.

Coisas sim ples, m as nada é sim ples.

Uma dor pungente no tornozelo insiste em que eu pare de correr, exige isso.
O

perseguidor está ficando para trás, mas logo estará perto. Ele não descansará.

Esconda-se!

Lanço-me entre as árvores e me jogo num riacho gelado para não deixar rastros. Rastejo sob os arbustos espinhentos, ignorando os puxões em meus cabelos e roupas. Sinto dor quando um deles acerta meu braço.

Não posso ser encontrada. De novo não.

Arrasto-me pelo chão, empurrando folhas, frias e podres, com os braços e pernas. Uma luz passa pelas árvores acima: congelo. Ela desce devagar, direto

sobre meu esconderijo. Eu só volto a respirar quando ela se afasta e parte em outra direção.

Ouç passos. Eles se aproximam, e então continuam e seguem adiante até não serem mais ouvidos.

Agora espere. Calculei uma hora; tensa, úmida e fria. Com todas as criaturas correndo, cada galho movendo-se na brisa, sinto medo. Mas, quanto mais os minutos passam, mais começo a acreditar. Desta vez, posso ter sucesso.

O céu já está brilhando quando retorno, um passo adiante do outro, com cuidado. Os pássaros iniciam seus cantos da manhã e meus espíritos cantam com eles enquanto me levanto. Será que finalmente ganhei no jogo de pique-esconde do Nico? Eu poderia ser a primeira?

Uma luz ofusca meus olhos.

— Aí está você! — Nico segura meu braço, me puxa para cima e eu grito de dor no tornozelo, mas não dói tanto quanto o desapontamento, quente e amargo. Eu falhei, de novo.

Ele tira as folhas das minhas roupas. Passa um braço morno ao redor da minha cintura para me ajudar a voltar para o acampamento, e sua

proximidade, sua presença, ressoa pelo meu corpo apesar do medo e da dor.

— Você sabe que nunca vai sair daqui, não sabe? — Ele pergunta, ao mesmo tempo orgulhoso e desapontado comigo. — Eu sempre vou achar você — Nico se inclina para baixo e me beija na testa. Um raro gesto de afeição que, sei, não vai tornar mais branda seja qual for a punição que ele tem em mente.

Eu jamais sairei daqui.

Ele sempre me encontrará...

CAPÍTULO 2

Ouçoo um distante *triiimmm* no meio do nada. Isso me traz certo desgosto, meio acordada, meio confusa, e então sigo numa lenta deriva de volta aos meus sonhos.

O *triiimmm* soa novamente.

Que injusto!

Acordo num instante e me levanto num pulo, mas algo me segura e eu quase grito, luto, lanço-o ao chão, e agacho numa postura de luta. Pronta para o ataque.

Pronta para qualquer coisa...

Mas não para aquilo. Formas estranhas e assustadoras se distorcem e se modificam, tornando-se coisas com uns. Um a cada. Um despertador, que ainda está tocando, sobre uma cômoda. O que me segurava, as cobertas: a minha aioria estava agora no chão. Carpete sob pés descalços. Uma luz fraca vinda de uma janela aberta. Um gato sonolento e rabugento, me olhando em protesto, pego em flagrante sobre as cobertas no chão.

Controle-se.

Alcanço o botão do despertador. Faço força para respirar mais lentamente —

inspiro, expiro, inspiro, expiro —, tento acalmar as batidas do meu coração, mas meus nervos ainda gritam.

Sebastian me olha do chão, os pelos eriçados.

— Você ainda m e conhece, gato? — sussurro, esticando a m ão para que ele a cheire, e acaricio seu pelo, para acalm ar tanto a ele quanto a m im . Arrum o novam ente os cobertores sobre a cam a e Sebastian salta sobre eles, se aconchegando, m as m antendo os olhos entreabertos. Observando.

Quando acordo, sinto que estive lá. Meio adorm ecida, m e lem bro de cada detalhe. Os abrigos im provisados, as barracas. A um idade e o frio, a fum aça da m adeira queim ada, o farfalhar das árvores, as aves da m adrugada. Vozes que sussurram . No entanto, quanto m ais desperto, m ais as lem branças se esvaem . Os detalhes se perdem . Um sonho, ou um lugar real?

Meu Nivo m arca 5.8, m eio-feliz, em bora m eu coração ainda bata forte. Após o que houve, m eus níveis deveriam ter despencado. Giro o Nivo em m eu pulso com força: e nada acontece. Ele deveria ao m enos m e causar dor. Crim inosos Reiniciados não podem ser violentos para si m esm os ou para os outros, não enquanto o Nivo controlar cada sentim ento. Não enquanto causar desm aios ou m orte se o usuário ficar m uito chateado ou irritado. Eu deveria estar m orta pelo que fiz ontem : eletrocutada pelo chip que colocaram em m eu cérebro quando fui Reiniciada.

Ecos do pesadelo da noite anterior preenchem m inha m ente: *nunca conseguirei fugir. Ele sempre me encontrará...*

Nico! É esse o nom e dele. Ele não é apenas um sonho. É real. Olhos de um

azul pálido cintilam em m inha m ente, olhos que podem refletir frio ou calor em um instante. Ele saberá o que tudo isso significa. Um a parte viva e real do m eu passado que de algum a form a surgiu nesta vida: curiosam ente no papel do m eu professor de biologia. Um a estranha transform ação de... de... o quê? A m em ória escapa e falha. Meus punhos se fecham em resposta à frustração. Eu o tive ali, estava claro quem e o que ele era; m as, a seguir, o nada.

Nico saberá. Mas devo perguntar? Fosse lá quem ele tivesse sido, ou quem ele é agora, de um a coisa eu sei: ele é perigoso. Só de pensar no nom e dele, m eu estôm ago dá voltas, tanto por m edo quanto por saudade. De estar perto dele, não im portam os custos.

Ele sempre me encontrará.

Alguém bate à porta.

— Ky la, você j á levantou? Vai se atrasar para o colégio.

— Sua carruagem , senhoras — diz Jazz, curvando-se respeitoso. Ele coloca o pé na porta do carro e a escancara. Eu m e aj eito no banco traseiro e Am y no da frente. E, apesar de existir um a sensação de ritual em tudo isso, a m esm a coisa todas as m anhãs, há algo de *estranho* no ar. Um a m esm ice que irrita.

Observo pela j anela durante o cam inho: fazendas. Restolho de colheitas. Vacas e ovelhas nos encaram , m astigando placidam ente. Som os um rebanho a cam inho do colégio, sem questionar as forças que nos m antêm em nossas vidas previsíveis. Qual a diferença?

— Ky la? Terra cham ando Ky la.

Am y está voltada para m im .

— Desculpe. Você falou algum a coisa?

— Só estava perguntando se você se im porta que eu trabalhe depois do colégio.

Seriam quatro dias na sem ana, de segunda a quinta. Mam ãe acha que talvez você não deva ficar tanto tem po sozinha. Ela m e disse para conversar com você sobre isso.

— Está tudo bem , de verdade. Por m im , sem problem as. Quando você com eça?

— Am anã — ela responde, com um olhar de culpa.

— Você j á tinha dito a eles que podia, não foi? — pergunto.

— Acertou na m osca! — diz Jazz. — Mas e eu? E quanto ao nosso tem po j untos? — e eles fingem discutir pelo resto do cam inho.

A m anã está enevoadada. Escanear m eu identificador em cada aula, sentar, fingir ouvir. Tentar m anter um olhar atento, de quem anseia por aprender, para que ninguém tenha m otivo para m e notar. Escanear o identificador novam ente.

Alm oço sozinha: ignorada com o sem pre, pela m aioria dos outros alunos que se m antêm longe dos Reiniciados. Até gostavam de Ben, m as eu não sou m uito querida. Especialm ente agora, que ele desapareceu.

Ben, onde está você? Seu sorriso, o toque firm e e quente de sua m ão

na minha, o jeito com o qual os olhos dele refletiam seu interior. Tudo isso se contorce com o um a faca em minhas entranhas, a dor é tão real que tenho de me abraçar para aguentar.

Uma parte de mim sabe que não posso controlar isso por muito mais tempo.

Preciso colocar para fora.

Mas não aqui. Não agora.

E então, finalmente, chega a hora da aula de biologia. Um mal-estar enjoado cresce em meu estômago à medida que entro no laboratório. E se eu estivesse louca e não fosse o Nico coisa nenhuma? Será que ele sequer existe?

E se for ele? E daí?

Passo meu cartão na porta, vou até um banco no fundo e me sento, tudo isso antes de ter coragem de olhar: não sei se meus pés continuarão funcionando se meus olhos confirmarem o que não paro de imaginar.

E lá está ele: o senhor Hatten, professor de biologia. Eu o encaro, mas as tudo bem, todas as garotas fazem isso. Não é apenas por ele ser muito jovem e bonito para um professor; há algo mais. E não são apenas aqueles olhos, aquele cabelo loiro ondulado, com reflexos, mais com o orgulho do que se esperaria para um professor, ou que ele seja tão alto e perfeito — é mais do que isso. Algo sobre a maneira com a qual ele se controla: parado, já posicionado para o ataque. Com o um leopardo, aguardando o momento de dar o bote. Tudo nele diz *perigo*.

Nico. É o Nico realmente; sem dúvida nenhuma. Os olhos, de um inesquecível azul desbotado com contorno escuro, esquadriham a sala. Eles param ao encontrar os meus. Enquanto olho para ele, sinto um estalo por dentro, um

reconhecimento, quase um choque físico que faz disso algo *real*. Quando ele finalmente desvia o olhar, é com o se eu tivesse sido solta após um forte abraço.

Não era minha imaginação. Nico *está*, neste momento, do outro lado da sala.

Não importa se sei disso por memórias de agora ou de antes, com

paradas e m isturadas. Até tê-lo visto, por m im m esm a, com esses olhos que ainda estão aprendendo a entender as coisas, eu não *sabia* realm ente.

Depois m e lem bro de que, em bora as garotas em suas aulas possam encará-lo, eu não posso; ao m enos, não m uito.

Então, durante a aula, tento não olhar, m as é um a batalha perdida. Os olhos dele vêm na m inha direção de vez em quando. Seria curiosidade? Ele queria perguntar algum a coisa? Há um certo interesse quando eles se cruzam com os m eus.

Cuidado. Antes que possa entender o que ele é e o que quer, não o deixe saber que algum a coisa m udou. Forço os olhos em direção ao caderno na m inha frente; para a caneta que desliza pela página, deixando para trás espirais azuis, rascunhos m alfeitos onde deveria haver anotações. A m ão no piloto autom ático.

A caneta; a m ão... *mão esquerda*. Sem que m e dê conta, eu a estou segurando com a m ão esquerda.

Mas eu sou destra. Não sou?

Eu *tenho* de ser destra!

Prendo a respiração, o terror tom a conta de m im . Com eço a trem er.

Tudo fica escuro.

*

Ela estende a mão. A mão direita. As lágrimas descem por seu rosto.

— *Por favor, me ajude...*

Ela é tão jovem, uma criança. Ela implorava com os olhos, tinha medo. Eu faria qualquer coisa para ajudá-la, mas não consigo alcançá-la. Quanto mais me aproximo, quanto mais me esforço, mais distante a mão dela parece estar. Algum truque ótico a faz estar sempre virada para a direita. A mão sempre muito longe para alcançar.

— *Por favor, me ajude...*

— *Me dê sua outra mão!* — *eu digo, e ela balança a cabeça negativamente, os*

olhos arregalados. Mas eu repito a exigência, até que finalmente ela me estende a mão esquerda, que estava às suas costas, fora de vista.

Os dedos estão torcidos, ensanguentados. Quebrados. Uma súbita visão salta em minha mente: um tijolo. Dedos esmagados com um tijolo. Perco o fôlego.

Não posso agarrar a mão dela, não daquele jeito.

Ela abaixa as mãos e balança a cabeça, desvanecendo-se. Tremeluzindo até que posso ver através dela, como se fosse névoa.

Corro para ela. Mas é tarde demais.

Ela se foi.

— Estou bem agora. Não dormi direito ontem à noite, só isso. Estou bem —

insisto. — Posso voltar para a aula?

A enfermeira do colégio não sorri.

— Eu decido isso — ela diz.

Ela escaneia meu Nivo e franze a testa. Meu estômago dá voltas, tem o que será meu ostrado. Meus níveis deveriam ter caído depois do que aconteceu: até pesadelos costumavam me fazer apagar quando o aparelho estava em ordem.

Mas quem sabe com o está agora?

— Parece que você desmaiou; seus níveis estavam bons. Você almoçou?

Dê a ela um motivo.

— Não. Eu estava sem fome — me entendi.

— Ky lá, você precisa comer — ela balança a cabeça e verifica a taxa de açúcar em meu sangue, me dá chá com biscoitos e, antes de sair da sala, me manda ficar ali sentada quietinha até o sinal de saída.

Uma vez sozinha, não consigo impedir que meus pensamentos voem. A garota de meu sonho quebrada do meu pesadelo, ou visão, seja lá o que era aquilo... eu sei quem é ela. Eu a reconheci com o meu antigo versão de mim mesmo: meus olhos, estrutura óssea, tudo.

Lucy Connor: desaparecida há anos de sua escola, em Keswick, aos dez anos de idade, com o denunciado no DEA. Desaparecidos em Ação, um site ilegal que eu havia visto algum as sem anas antes, na casa do primo do Jazz. Ela era parte de mim quando fui Reiniciada. Mesmo com as memórias descobertas recentemente, não consigo lembrar de ser ela, ou de qualquer outra coisa sobre sua vida. Nem mesmo consigo pensar nela com o “eu”. Ela é

diferente, outra, apartada.

Com o que é que Lucy se encaixa nesta confusão no meu cérebro? Chuto a mesma, frustrada. As coisas estão lá, mesmo entendidas. Sinto que as conheço, mas, quando foco nos detalhes, elas escapam. Confusas e irreais.

E tudo veio à tona quando me dei conta de estar usando a mão esquerda. Será que o Nico viu? Se ele viu que eu estava escrevendo com minha mão esquerda, ele saberá que algo mudou. Eu deveria ser destra, e isso é importante, tão importante... mas, quando tento focar na razão *por que* eu deveria ser destra, por que eu era antes, por que não pareço mais ser, não consigo decifrar. A memória se torna disforme, com os dedos amagados por um tijolo.

CAPÍTULO 3

Mamãe aparece na enfermaria assim que toca o sinal de saída.

— Olá!

— Oi. Eles chamaram você?

— Claro.

— Desculpe. Eu estou ótima.

— Deve ser por isso que você dormiu no meio da aula e veio acabar aqui.

— Estou bem agora.

Mamãe busca por Amy e nos leva para casa. Assim que atravessam os portões, corro para as escadas.

— Ky-la, espere. Quero falar com você um minuto — mamãe sorri, mas é um daqueles sorrisos que aparecem mais nos lábios do que no rosto todo. —

Chocolate quente? — Ela oferece, e eu a sigo até a cozinha. Ela não conversa enquanto enche a chaleira e prepara a bebida. Mam ãe não é m uito de falar, a não ser que tenha algo a dizer.

Ela tem algo a dizer. E eu sinto um desconforto no estôm ago. Será que ela notou m inha m udança? Talvez se eu contar, ela possa m e aj udar e...

Não confie nela.

Quando fui Reiniciada, m e tornei um a página em branco. Levei nove m eses no hospital para aprender a funcionar: andar, falar e lidar com o m eu Nivo.

Depois fui designada para esta fam ília. Aprendi a vê-la com o um a am iga, alguém em quem posso confiar: m as eu conheço essas pessoas há quanto tem po

m esm o? Nem dois m eses. Parece m uito m ais porque foi m inha vida inteira fora do hospital, tudo de que eu m e lem brava. Agora que consigo enxergar um pouco m ais além , sei que as pessoas devem ser vistas com suspeita, não com confiança.

Ela põe as bebidas na m esa à nossa frente, e eu envolvo a caneca com as m ãos, para aquecê-las.

— O que houve? — ela pergunta.

— Acho que desm aiei.

— Por quê? A enferm eira disse que você não com eu, apesar de sua lancheira estar m isteriosam ente vazia.

Fico em silêncio e tom o m eu chocolate quente, focando naquela doçura m eio am arga. Nada que eu disser sobre isso fará m uito sentido, nem m esm o para m im . Escrever com m inha m ão esquerda m e fez *desmaiar*? E aquele sonho, ou sej a lá o que foi aquilo. Estrem eço por dentro.

— Ky la, eu sei com o as coisas estão com plicadas para você agora. Se algum dia você quiser conversar, pode confiar em m im , você sabe. Sobre Ben, ou qualquer outra coisa. Pode m e acordar se não conseguir dorm ir. Tudo bem .

Meus olhos com eçam a se encher de lágrim as assim que ouço o nom e de Ben, e eu pisco com pulsivam ente. Se ao m enos ela soubesse o

quão com plicadas as coisas *realmente* estavam ; se ela ao m enos soubesse o outro lado da história.

Tenho vontade de contar a ela, m as com o ela iria m e olhar se soubesse que talvez eu tenha m atado alguém ? De qualquer form a, pode ser que ela não se im porte de ser acordada, m as papai, sim .

— Quando papai volta? — pergunto, subitam ente consciente de sua contínua ausência. Ele sem pre viaj a a trabalho: instalando e fazendo a m anutenção de com putadores do governo por todo o país. Mas costum a estar em casa à noite, ao m enos duas vezes por sem ana.

— Bem , talvez ele fique um tem po longe de casa.

— Por quê? — pergunto cuidadosam ente, para esconder o alívio que sinto por dentro.

Ela se levanta e lava nossas canecas.

— Você parece cansada, Ky la. Por que não tira um a soneca antes do j antar?

Fim da conversa.

Mais tarde, naquela noite, estou perdida em sonhos confusos: correndo, perseguindo e sendo perseguida ao m esm o tem po. Acordo, talvez pela décim a vez, dou um soco no travesseiro e suspiro. Meus ouvidos captam um som distante, algo se quebrando do lado de fora. Talvez, afinal, eu não tenha sido acordada pelos sonhos desta vez.

Atravesso o quarto até a j anela e puxo as cortinas para o lado. O vento leva folhas soltas pelo j ardim . As árvores parecem ter perdido todas as folhas de um a vez. A tem pestade de ontem transform ou o m undo em um a lixeira: folhas laranj a e verm elhas giram pelo ar e ao redor de um carro escuro ali em frente.

A porta do carro se abre e um a m ulher sai; cabelos longos e encaracolados caem por seu rosto. Prendo a respiração. Seria possível? Ela puxa o cabelo para o lado enquanto bate a porta com um a das m ãos, e eu tenho certeza: é a senhora Nix. A m ãe de Ben.

Seguro com força a beirada da j anela. Por que ela está aqui?

Um entusiasm o percorre m eu corpo: talvez ela tenha notícias de Ben! Mas, quase no m esm o instante em que esse pensam ento se form a, ele vai em bora. O

rosto dela, iluminado pela lua, está atorm entado e pálido. Se ela tem notícias, não são boas. Ouço passos sobre o cascalho abaixo e um a luz se acende na porta da frente.

Talvez ela tenha vindo para exigir que eu diga o que houve com o Ben, o que eu fiz. Talvez ela vá contar à mamãe que eu estive lá antes de os Lordeiros o levarem . Aquela lem brança dói em mim inha mente: Ben em agonia; o rangido da porta quando sua mãe entrou. Eu tinha dito a ela que o encontrei com o Nivo cortado e...

O rangido da porta. Ela teve de destrancar a porta para entrar. Eu tinha dito a ela que o encontrei daquele jeito, mas ela sabia que eu estava me entendendo. Se não, com a porta poderia estar trancada quando ela chegou?

A porta se abre no térreo; ouço sussurros.

Preciso saber.

Saio do quarto em silêncio e desço a escada escura com cuidado, um pé de cada vez. Escuto.

Ouço o suave assovio da chaleira, vozes baixas; elas estão na cozinha.

Mais um degrau, e mais um outro. A porta da cozinha está entreaberta.

Algo encosta em minha perna e dou um salto, quase grito, e então percebo que é Sebastian. Ele dá voltas em minha perna, ronronando.

Por favor, fique quieto, eu imploro silenciosamente, me curvando para coçar atrás de suas orelhas. Mas, quando faço isso, meu cotovelo bate na mesa do *hall*.

Prendo a respiração. Passos se aproximam ! Corro para a escuridão do escritório.

— Era só o gato — ouço mamãe dizer, e então um movimento e um “m iau”

bem baixinho. Passos de volta à cozinha; um clique quando ela fecha a porta. Me arrasto de volta ao *hall* para ouvir.

— Lamento muito pelo Ben — diz mamãe. Ouço movimento de cadeiras. —

Mas você não deveria ter vindo aqui.

— Por favor, você precisa aj udar.

— Não com preendo. Com o?

— Já tentam os de tudo para descobrir o que houve com ele. Tudo. Eles não nos dizem nada. Achei que, talvez, você pudesse... — sua voz falha.

Mam ãe tem seus contatos. Do tipo político: o pai era o Prim eiro Ministro antes de ser assassinado, do lado dos Lordeiros na Coalizão. Será que ela pode aj udar?

Apuro m eus ouvidos.

— Sinto m uito. Eu j á tentei, por causa da Ky la. Mas não há nada.

— Não sei a quem m ais recorrer — ouço sons abafados, fungadas e soluços.

Ela está chorando; a m ãe de Ben está chorando.

— Ouça. Para o seu próprio bem , você precisa parar de perguntar. Ao m enos por enquanto.

E não há lógica, pensam ento, controle: não posso evitar. Meus olhos m arej am , m inha garganta se fecha. Mam ãe tentou descobrir o que houve com Ben. Por m inha causa. Ela nunca m e disse, pois nunca descobriu nada. Ela se arriscou: fazer perguntas sobre as atividades dos Lordeiros é perigoso. Potencialm ente letal.

Um risco que a m ãe de Ben está correndo, agora m esm o.

Quando elas com eçam a se despedir, subo novam ente as escadas de volta ao m eu quarto. O alívio pelo fato de a m ãe de Ben não ter contado à m am ãe que

m e encontrou com Ben naquele dia m istura-se à com paixão. Ela se sente com o eu: a perda. Ben foi filho deles por m ais de três anos, desde que foi Reiniciado.

Ele m e contou que eles eram m uito próxim os. Eu queria poder correr até ela e com partilhar essa dor, j untas, m as não ousou.

Abraço a m im m esm a, com força. *Ben*. Sussurro seu nom e, m as ele não pode responder. A dor m e arrebatava. Me esm aga. Me parte em um m ilhão de pedaços.

Antes, eu tinha de im pedir esses sentim entos, ou m eu Nivo m e faria apagar.

Agora que ele não funciona, a dor é grande dem ais, e eu estou ofegante. É com o um a cirurgia sem anestesia: o golpe de um a lâmina, lá no fundo.

Ben se foi. Meu cérebro funciona m elhor agora, não im portam as m em órias perturbadas que estão ali. Ele se foi e nunca irá voltar. Ainda que tivesse sobrevivido à retirada de seu Nivo, não há chance de ter sobrevivido aos Lordeiros. Com m inhas m em órias veio a constatação: quando os Lordeiros pegam alguém , eles nunca retornam .

Dói tanto que quero m e livrar disso, m e esconder. Mas a m em ória de Ben é algo que devo m anter. Esta dor é tudo o que m e resta dele.

A m ãe de Ben sai pela porta alguns m om entos depois. Senta-se no carro e perm anece alguns m inutos curvada sobre o volante antes de partir. Quando ela se vai, um a chuva fina com eça a cair.

Assim que ela som e de vista, abro a j anela toda, debruço-m e e estico os braços para a noite. Gotas geladas caem levem ente sobre m inha pele, j unto com lágrim as quentes.

Chuva. Isso parece im portante, se aguça em m inha m em ória, e então se vai.

CAPÍTULO 4

Me inclino sobre o esboço, desenhando com fúria folhas e galhos, sem m e esquecer de usar a m ão direita. O novo professor de arte finalmente chega e não parece perigoso, nem inspirador. Ele não se parece com nada. Ele não é páreo para Gianelli, a quem substituiu. Mas, desde que eu possa desenhar, qualquer coisa, m esm o que sej am apenas árvores, com o pedido, não m e im porto o quão insípido sej a o professor.

Ele anda pela sala, fazendo com entários aqui e ali, até que para olhando sobre m eu om bro.

— Hum ... bem ... isto é interessante — ele diz, e segue adiante.

Olho para m inha folha de papel. Desenhei um a floresta inteira de árvores raivosas e, nas som bras abaixo delas, um a form a escura, com olhos.

O que Gianelli faria com isso? Ele teria dito para que eu fosse devagar e tomasse mais cuidado, e teria razão. Mas ele também teria gostado da selvageria.

Com ecei de novo, relaxada, pelo som do carvão sobre o papel. As árvores estão em nós raivosas. Desta vez, o próprio Gianelli olha para mim, sob suas mãos. Ninguém, a não ser eu, o reconheceria: eu sei o que acontece quando você desenha alguém desaparecido, com o que ele fez. Em vez disso, eu o desenho com o que eu imagino que ele teria sido, um jovem perdido num esboço. Não o homem velho que os Lordeiros levaram embora.

Um hora depois, escaneio meu identificador na porta da sala de estudo e entro. Sigo para o fundo...

— Ky-la?

Eu paro. *Essa voz: aqui?* Eu me viro. Nico está recostado na mesa da frente da sala. Ele sorri, um sorriso lento e preguiçoso.

— Espero que esteja se sentindo melhor hoje.

— Estou bem, professor — respondo, me afastando em direção à minha cadeira, sem me abalar.

Não devia ser uma surpresa a presença dele com o professor entediado e responsável por garantir que estudem em silêncio. Eles mudam o tempo todo, então cedo ou tarde teria de ser Nico. Mas eu não esperava dar de cara com ele novamente tão cedo assim. Tive de segurar minhas mãos juntas em meu colo por um momento para que parassem de tremer.

Abro o trabalho de álgebra: algo que posso fingir estar fazendo sem me esforçar muito. Tento olhar para a página, enquanto seguro o lápis com cuidado em minha mão direita. Nico tem uma caneta vermelha e papéis para preencher na mesa à sua frente. Em breve eu possa ver que ele está fingindo tanto quanto eu, olhando para mim o tempo todo.

É claro que eu não saberia dessas coisas se eu não estivesse olhando para *ele*.

Eu respiro fundo e tento encontrar o valor de X em uma equação.

Mas os números se embaralham, não se comportam, e minha mente voa

enquanto os minutos passam. Rabisco os contornos da página e desenho vinhas e folhas ao redor da data que, com o tempo, coloquei na parte superior. Mas então os minutos me saltam à vista: 3/11. É dia 3 de novembro.

Ouçoo quase um *estalo* dentro de mim, e então tudo se encaixa.

Hoje é o meu aniversário. Eu nasci há dezessete anos, mas sou a única que sabe disso.

Sinto arrepios nos braços. Sei a data *real* do meu aniversário, não aquela que me foi dada pelo hospital quando minha identidade foi modificada, quando meu passado foi roubado.

Meu aniversário? Tento me concentrar nessa ideia, mas não há nada mais.

Nada de bolo, festas ou presentes; essa data não significa nada. Mesmo assim, sinto que há mais dentro de mim, coisas que posso encontrar e aprender, se eu começar a sondar.

Algumas das memórias que recuperei são fatos que parecem distantes. Com o tempo eu tivesse lido arquivos sobre mim mesmo e me lembrasse de certas partes e de outras, não. Não há sentimento envolvido.

Eu sei sobre o *site* das crianças desaparecidas, que eu era a Lucy, que desapareceu quando tinha dez anos, mas não consigo me lembrar de nada daquela vida. E então, de alguma forma, reapareço com o adolescente e ali está Nico. Foi a partir daquele momento que minhas memórias foram roubadas; não há nada antes disso.

Nico é o único que pode ter respostas. Tudo que tenho de fazer é contar a ele que me lembro de quem ele era. Mas será que eu realmente quero saber?

Quando o sinal para tocar, ainda que eu diga a mim mesmo para fugir dali e decidir depois se falo com ele ou não, até que tudo faça sentido, eu faço hora.

Um estremecimento de... em polgação? medo?... desce por minha coluna. Ando lentamente até a frente da sala. Nico está de pé ao lado da porta. O último aluno se foi. Estam os só eu e ele.

Vá logo embora, digo a mim mesmo e passo por ele.

— Feliz aniversário, Chuva — ele diz, baixinho.

Eu me viro. Nossos olhos se encontram .

— Chuva? — sussurro. Digerindo aquele nome e, tentando entender.
Chuva.

Outra época e lugar passam por mim em um segundo, vívidos e claros: escolhi esse nome e para mim há três anos, em meu aniversário de quatorze anos: eu me lembro! Esse é o *meu* nome. E não Lucy, o nome que meus pais me deram quando nasci. Nem Ky la, o escolhido em meses atrás por uma enfermeira indiferente que preencheu o formulário de um hospital após eu ter sido Reiniciada. Chuva é o *meu* nome. E, assim que ouço o som do meu nome dito em voz alta, finalmente, explode qualquer resistência e qualquer barreira que ainda existissem .

Os olhos dele se arregalam e cintilam . Ele me conhece, e há algo mais. Ele sabe que eu sei quem é *ele*.

Perigo.

A adrenalina toma meu corpo, uma explosão de energia: lute, ou fuja.

Mas aquele olhar sombrio do rosto dele com o qual nunca tivesse estado ali e ele dá um passo atrás.

— Tente se lembrar do trabalho de biologia para amanhã, Ky la — ele diz, o olhar por cima dos meus ombros.

Eu me viro e vejo a senhora Ali. Sinto uma onda de ódio, depois de muito tempo: mas é um tempo que a Ky la sente. Eu não tenho tempo dela. Chuva não tem tempo de nada!

— Tente se lembrar — repete Nico, desta vez sem se referir ao trabalho de casa, inventado para despistar os ouvidos da senhora Ali. Ele desaparece pelo corredor.

Tente se lembrar...

— Precisamos ter uma conversinha — diz a senhora Ali, sorrindo. Ela é muito mais perigosa quando sorri.

Amassamos os olhos. E retribuio o sorriso.

— Claro — respondo, tentando acalmar o turbilhão dentro de mim .

Meu nome! Eu sou a *Chuva*.

— Não vou mais acompanhar você entre uma aula e outra; você obviamente já conhece bem o colégio agora — ela diz.

— Bem, obrigada, então, pela ajuda — respondo o mais docemente possível.

Os olhos dela se estreitam.

— Me disseram que você anda distraída durante as aulas, sem prestar atenção e entristecida. Mas você parece feliz hoje.

— Ah, desculpe. Mas me sinto muito melhor, sim.

— Você sabe, Kyli, se alguma coisa estiver incomodando você, pode confiar em mim — ela sorri novamente e sinto um arrepio descer minha coluna.

Tenha cuidado. Oficialmente, ela pode ser uma mera professora substituta, mas é muito mais do que isso. Ela tem me observado, esperando por qualquer sinal, qualquer escorregão. Qualquer coisa diversa do rígido com portamento que se espera de um Reiniciado — qualquer indício de retorno aos meus hábitos criminosos — e eu seria devolvida aos Lordeiros. Exterminada.

— Está tudo bem. Sério.

— Certo, continue assim. Você precisa dar o seu melhor no colégio, em casa, na sua comunidade...

— Cumprir meu contrato. Aproveitar minha segunda chance. Sim, eu sei! Mas obrigada por me lembrar. Darei o melhor de mim — ofereço um sorriso largo, de bem com a vida a ponto de ser simpática com uma espiã dos Lordeiros. Não ter mais a senhora Ali com o meu ombro no colégio era um bônus inesperado.

Sua fisionomia estava entre confusa e aborrecida. Será que eu tinha exagerado?

— Você consegue — ela diz, secamente; o sorriso desapareceu. Ela obviamente gosta mais quando eu estremeço em sua presença.

Mas que pena que *Chuva* não estremece.

Vermelho, dourado, laranja: o carvalho em frente ao nosso jardim cobriu a gramática de cores, e busco um ancinho no barracão.

Eu tenho um nome.

Ataco as folhas com o ancinho e as arrumo em pilhas, depois as chuto e com eco tudo de novo.

Eu tenho um nome! Um que *eu mesma* escolhi; era essa pessoa que *eu* queria ser. Os Lordeiros tentaram tirar isso de mim, mas, de alguma maneira, eles falharam.

Um carro estaciona na rua: um que eu nunca vi antes. Um garoto, mais ou menos da minha idade, ou um pouco mais velho, sai do carro. Calça jeans larga

e camisetagem arrotada, com o qual se estivesse dirigindo por horas, ou estivesse dormindo — espero que não as duas coisas ao mesmo tempo —, em bora pudesse ser um estilo “não dou a mim mesma para o que visto”. Ele abre o porta-malas. Tira uma caixa e a leva até a casa. Sai novamente, vê que estou olhando e acena para mim. Aceno de volta. Ky-la não faria isso; ela provavelmente ficaria corada ou algo assim. Chuva é corajosa. Ele pega outra caixa.

Ele finge descer do outro lado do carro, com o qual se estivesse em uma escada rolante, e me olha para ver se estou olhando. Eu reviro os olhos. Ele começa a esbanjar truques; eu embalo as folhas, as coloco sobre um carrinho de mão e as levo para os fundos de casa, entrando a seguir.

— Obrigada por recolher as folhas — diz-me-me. — Estava um pouco bagunçada.

— Sem problemas. Eu queria fazer alguma coisa.

— Para se manter ocupada?

Concordo, fazendo que sim com a cabeça, levemente e de ir devagar, antes que minhas alterações de humor a fizessem me levar ao hospital para exames. Esse pensamento me dá uma sensação de desconforto e o sorriso desaparece do meu rosto.

Mãe coloca uma mão em meu ombro e o aperta.

— Jantarem os assim que...

A porta se abre.

— Cheguei! — grita Amy.

Logo depois estão os à mesa ouvindo um relato profundo de seu primeiro dia com o estagiário no consultório médico.

No final das contas, aquele local de trabalho é uma incrível fábrica de fofoca.

Em pouco tempo já estavam os sabendo quem teria um bebê, quem tinha caído da escada após beber uísque demais, e que o garoto novo do outro lado da rua era o Cameron, que veio do norte para ficar com seus tios por razões ainda desconhecidas.

— Adoro trabalhar lá. Mal posso esperar para ser enfermeira — diz Amy, provavelmente pela décima vez.

— Você viu algum caso de doença legal? — brinca Amy.

— Ou ferimentos? — colaborei.

— Ah! Isso me lembrou de uma coisa. Você nunca vai adivinhar.

— O quê? — pergunto.

— Foi esta manhã, então eu não vi, mas ouvi TUDO a respeito.

— Conte logo, então — diz Amy.

— Um homem chegou extremamente ferido.

— Minha nossa — diz Amy. — O que houve?

Eu começo a ter um mau pressentimento. Um frio na barriga, que me causa um enorme mal-estar.

— Ninguém sabe. Ele foi encontrado na mata, no final do vilarejo, espancado quase até a morte. Com ferimentos na cabeça e hipotermia. Achar que ele ficou lá por dias. É incrível que ainda esteja vivo.

— Ele disse quem foi que fez isso? — pergunto, lutando para controlar a respiração e parecer natural.

— Não, e talvez nunca fale mais nada. Ele está em coma induzido.

— Quem é ele? — pergunta Amy, mas eu já sei a resposta antes que Amy diga qualquer coisa.

— Wayne Best. Você sabe, o pedreiro assustador que fez o muro nos lotes.

Mam ãe nos diz para nos afastarm os da floresta e das trilhas. Ela tem m edo de que haj a um m aníaco por ali.

Mas eu sou o m aníaco.

— Podem m e dar licença? — pergunto, m e sentindo m al de repente.

— Você ficou pálida — m am ãe notou. Ela coloca a m ão quente em m inha testa. — Está suando frio.

— Estou um pouco cansada.

— Vá cedo para a cam a. Nós lavarem os a louça.

Am y resm unga e eu sigo para a escada.

Encaro a parede no escuro; Sebastian é algo quente e aconchegante esticado às m inhas costas.

Eu fiz aquilo. Coloquei um hom em em com a. Ou Chuva fez: ela ressurgira naquela m esm a hora. Ou o quê? Som os a m esm a pessoa ou duas em um a? Às vezes sinto que sou ela, com o se eu fosse dom inada por suas m em órias e por

quem ela foi. Às vezes, com o agora, ela desaparece, com o se nunca tivesse existido. Mas quem era Chuva na verdade? E de algum a form a Lucy se encaixa no passado de Chuva, m as com o?

A m esm a data de aniversário nos une: três de novem bro. Guardo dentro de m im aquele dado, um segredo. Sej a lá de que form a essas partes de m im se j untaram agora, esse foi o dia em que com ecei a fazer parte deste m undo.

Minha m ente flutua, e eu adorm eço. Mas então as datas se m ostram com o num foco de luz e m eus olhos se abrem de repente.

Faço dezessete anos hoj e. Saí do hospital em setem bro. Estou aqui há nove m eses. Reiniciada, então, há m enos de onze m eses. Eu j á tinha dezesseis anos. E

é ilegal reiniciar alguém com m ais de dezesseis. É verdade que os Lordeiros infringem a lei um a vez ou outra, quando têm um a boa razão. Mas por que fariam isso no m eu caso?

Ainda tenho todas essas lacunas dentro de m im . Sinto com o se quase com preendesse tudo, m as, se tento olhar com m ais cuidado, tudo se esvai. Com o algo que eu só possa ver de viés, pelo canto do olho.

Nico talvez seja capaz de explicar, se ele tiver vontade; ao menos me enos me eu passado com o Chuva. Mas o que ele poderia querer em troca?

Talvez seja melhor esquecer Chuva e tudo o que ela foi. Posso dar conta daqui para frente, hoje e, amanhã e nos dias que se seguirem, fazer deles o que quiser.

Ficar longe de confusões e deixar o Nico para trás. Evitá-lo, fingir que nada daquilo aconteceu.

De qualquer forma, Way não pode estragar isso tudo.

Você deveria tê-lo matado.

Rápido.

CAPÍTULO 5

Na aula de biologia do dia seguinte há uma surpresa: um garoto novo, Cameron, aparece na porta.

Ele me vê e segue direto para a carteira vazia do meu lado esquerdo. Ele dá um sorriso bobo ao sentar.

O lugar de Ben. Cruzo os braços e pisco ferozmente, sem olhar para ele. O

lugar vazio ao meu lado dói, mas ter alguém sentado ali é bem pior.

Nico se vira para o quadro branco. Todas as garotas estão com os olhos nele: na maneira com a qual sua calça envolve seu traseiro, no contorno de suas costas e ombros, no movimento de seus lábios por baixo da camisa de seda quando ele ergue o braço para escrever.

Ele se vira novamente e encara a turma, mantendo-se junto ao quadro.

— O que significa isto? — pergunta, apontando para as palavras que escreveu:

“Sobrevivência do Mais Apto”.

— Apenas os fortes sobrevivem — arrisca um aluno.

— Pode ser isso. Mas você não precisa ser o mais forte para vencer, ou os dinossauros teriam comido nossos ancestrais no almoço — ele dá uma olhada pela sala até que seus olhos param em mim. — Para

sobreviver, você só precisa ser... o m elhor — ele m e olha nos olhos enquanto diz aquilo, lentamente, enfatizando as palavras.

Finalmente ele olha para outro lado. Começa a falar de evolução e Darwin e tenta tomar notas, para fingir que estou em outro lugar. O m elhor, que sou outra pessoa. Apenas termine a lição e saia daqui, depois...

Alguns a coisa aterra no meu caderno. Um bilhete? Desdobro o papel.

Está escrito: *E então nos encontramos novamente.*

Olho para Cameron. Ele pisca.

Faço um sorriso. *Não nos conhecemos ainda*, escrevi abaixo da frase dele.

Depois, fingi-me espreguiçar e coloquei o bilhete no livro dele.

Ele volta voando com outros depois. Olho de relance para Nico. Não há reação.

Ainda fala sobre dinossauros. Desdobro o papel.

Sim, nos conhecemos: você é A Garota Que Pula Sobre Folhas. E eu sou O Garoto Que Levanta Caixas Pesadas Do Porta-Malas. Também conhecido como Cam.

Então é Cam e não Cameron, com o Amy descobriu ouvindo as fofocas. E ele é tão doido quanto pareceu ontem.

Mastigo o lápis por uns instantes. Ignorar ou...

Um a caneta cutuca meu braço. Irritada e impaciente. Na verdade, sei muito bem com o que é ser novo em algum lugar, não conhecer ninguém.

Está bem. Escrevo: *Dama da Folhagem, também conhecida como Kyla.*

Dobro o papel e o jogo para ele.

— Parabéns! — diz alguém à minha direita. É Nico, parado ao lado de nossas carteiras,-me encarando. Seguido por cada par de olhos da sala.

— Ah...

— Você é a sortuda vencedora de um a detenção durante o horário de alm oço.

Agora tente prestar atenção no resto da m inha aula.

Sinto um calor subindo pelo m eu rosto, m as não de vergonha pelos olhares. Era a fala de Nico, *Te peguei!* O leopardo dava o bote. E não há nada que eu possa fazer.

Cam , por sua vez, protesta, afirm ando que a culpa é sua, m as Nico o ignora. A aula continua, e eu observo o relógio enquanto os m inutos passam , torcendo para que outra pessoa sej a detida por algum outro delito e m e faça com panhia. Mas sem chance. Não com Nico no com ando.

O sinal toca, e todos com eçam a guardar os m ateriais. Cam se levanta com um olhar arrasado no rosto. “Desculpe”, ele m ove os lábios e segue os últim os alunos. A porta se fecha atrás deles.

Estou só.

Nico m e encara, a expressão indecifrável. Os segundos se seguem após outros e por dentro m e sinto... o quê? assustada? Mas parece ser outra coisa. Com o o m edo que surge quando algo é aterrorizante e excitante ao m esm o tem po, com o quando subim os um a m ontanha durante um a tem pestade ou descem os de rapel por um penhasco.

Ele m ovim enta a cabeça com o se dissesse *siga-me*. Deixam os o laboratório e seguim os pelo corredor passando pelas salas dos professores.

Ele olha para os dois lados, tira um a chave do bolso e destranca um a das salas.

— Entre — ele diz. Nenhum sorriso, nada. Frio.

Eu o sigo, quase m e arrastando; não tenho escolha, m as o pânico cresce dentro de m im . Ele tranca a porta e num rom pante agarra m eu braço e o torce com força em m inhas costas, em purrando m eu rosto contra a parede.

— Quem é você? — ele pergunta em voz baixa. — Quem é você! — desta vez um pouco m ais alto, m as controlado. Ninguém seria capaz de ouvir.

Ele puxa m eu braço com m ais força. E, com o se a dor em m eu om bro

ativasse algo, *eu me lembro*. Estou longe dali. Em outra época e lugar. Onde esses testes do Nico poderiam ferir os m ais incautos. Mas eu sei com o escapar deste aqui! Com um rom pante de m em ória, dou um salto para soltar o braço, giro o corpo e enfio m eu punho nos m úsculos fortes de seu estôm ago.

Ele m e larga e com eça a rir, esfregando a região atingida.

— Eu precisava ter certeza, m e desculpe. Seu braço está bem ?

Um sorriso tom a m eu rosto. Giro m eu om bro.

— Estou bem . Mas, se você quisesse m esm o m e segurar, teria puxado m eu braço m ais para cim a. Isso foi um teste.

— Sim . Essa m anobra foi típica da Chuva — ele ri novam ente, o prazer cintilando em seus olhos. — Chuva! — ele torna a dizer, abrindo os braços; eu m e aproxim o e eles m e envolvem , quentes e fortes. Sinto com o se estivesse de volta a um local a que pertenço, a que sem pre pertenci. Onde sei quem e o que sou, porque Nico sabe.

Ele então m e afasta um pouco e analisa m eu rosto.

— Nico? — pergunto, insegura.

Ele sorri.

— Você se lem bra de m im . Que bom ! Eu sem pre soube que você sobreviveria, m inha Chuva especial — ele m e senta em um a cadeira e se em poleira na m esa. Pega m inha m ão e olha para o m eu Nivo. — Funcionou, não foi? Isto é só um obj eto inerte — ele o torce em m eu pulso: não sinto dor, nada.

Os níveis indicam felicidade m oderada.

Dou um leve sorriso, que logo se vai.

— Funcionou? Nico, por favor. Me explique. Me lem bro de coisas fragm entadas, m as é tudo m uito confuso. Não com preendo o que houve com igo.

— Sem pre tão séria. Devíam os estar rindo! Celebrando — e o sorriso dele é tão contagiante, tão vivaz, que o m eu logo se segue. — Você precisa m e contar: o que finalm ente liberou suas m em órias?

Eu estremo eço só de pensar nisso. Se ele sabe sobre Way ne, irá cuidar disso, com o qualquer outra am eça em seu cam inho. *Em seu caminho*. Guardo tudo para m im .

— Você passou bem perto algum as vezes, pude ver isso. Achei que o que

houve com Ben desencadearia isso.

Ben. Seu nom e m e faz sentir um a agonia. A dor deve aparecer em m eu rosto.

— Livre-se da dor: ela torna você fraca. Você se lem bra com o, Chuva? Você a leva até a porta em sua m ente e a tranca.

Balanço a cabeça. Não quero esquecer Ben. Quero? Um relance de m eus pensam entos de ontem à noite chega até m im : Nico e suas técnicas são perigosos.

Falo em voz alta o que estive ali o tem po todo, escondido em um canto de m inha m ente, ainda desconhecido.

— Você está do lado do TAG, Terroristas Anti-Governistas. Não está?

Ele ergue um a sobrancelha.

— Você não se lem bra! — ele segura m inhas m ãos entre as suas. — Não use esse term o dos Lordeiros para nós, Chuva: som os do Reino Unido Livre. A célula que o Partido da Liberdade do Reino Unido deveria ter na Coalizão Central, m as nunca teve. Som os o estilhaço que fere: eu sou, e você tam bém . Os Lordeiros nos tem em . Eles logo partirão em retirada e este m aravilhoso país será livre novam ente. Nós *venceremos!*

Um eco do passado ressoa em m inha m ente: *Queremos o Reino Unido livre!*

Queremos o Reino Unido livre!

E m e recorro de Nico preenchendo o que as aulas de história deixaram para trás. Após o Reino Unido ter fechado as fronteiras com o resto da Europa, e todas as m anifestações estudantis e destruições dos anos 2020, os Lordeiros enfrentaram os m anifestantes com fúria, assim com o as gangues e terroristas, não im portava a idade: foram todos presos, ou m ortos. Mas então, quando as coisas se assentaram , eles foram forçados a aceitar um acordo com o Partido da Liberdade

do Reino Unido na Coalizão Central, e penas severas foram impostas aos criminosos de 16 anos. O processo de Reiniciação foi criado para dar a eles uma segunda chance, uma nova vida. Mas o Partido da Liberdade do Reino Unido se tornou um anarquista nas mãos dos Lordeiros, que abusavam cada vez mais de seu poder. O R. U. Livre surgiu com a resposta, para acabar com a opressão dos Lordeiros a qualquer custo.

Qualquer custo.

A célula é o terror. Eu balanço a cabeça, parte de mim rejeita o que sei ser verdade.

— Eu não sou um terrorista. Sou?

Ele balança a cabeça.

— Nenhum de nós é. Mas você estava conosco em nossa luta pela liberdade, e você ainda estaria, se os Lordeiros não tivessem pegado você e a Reiniciado, roubado sua mente. Ou pelo menos era o que eles pensavam.

— No entanto, eu estou aqui. E eu conheço você. Me lembre de alguma coisa. Mas eu...

— É demais para uma única vez, não é? Escute, Chuva. Você não precisa fazer nada que não quiser. Nós não somos os mesmos Lordeiros. Não obrigamos ninguém a fazer nada.

— Sério?

— Sério. Estou tão feliz de vê-la bem. Você é você mesmo novamente — ele sorri e torna a me abraçar.

Mais em ótimas memórias. Nico não é conhecido por seus abraços ou sorrisos. Eles são tão raros, que são como um presente quando você chama a atenção dele o suficiente para ter sua aprovação. Costumavam lutar por sua aprovação. Seriam os capazes de matar para conseguí-la. Todos nós. Fariam o qualquer coisa para ter um meu sorriso.

— Escute. Não é só isso. Preciso falar com você um pouco mais. Preciso saber como as coisas funcionaram com você, para que possam ajudar outras pessoas a sobreviver ao processo de Reiniciação. Você quer isso, certo?

— Claro que sim .

— Tenho algo para você — ele diz, abrindo uma das gavetas. O fundo é falso, há um pequeno objeto de metal escondido ali, fino e flexível. Ele me mostra. —

Olhe. É um comunicador. Veja, você aperta este botão aqui e espera até eu lhe responder. E então podem os falar. Você pode me chamar se precisar de mim .

Eu estou me perguntando onde esconderia essa peça altamente ilegal, quando ele me mostra. O pequeno aparelho desliza por baixo de meu Nivo e se prende a ele. Os controles não são visíveis por serem muito finos; mas posso senti-los.

— É indetectável. Mesmo o que você passe por um escâner de metal, pensarão

estar captando seu Nivo.

Eu giro o meu Nivo; não dá para notar mais nada ali.

— Agora vá, com alguma coisa. Falem os novatos quando você estiver pronta — ele toca meu rosto. — Estou tão feliz que esteja a conosco — ele diz. Sua mão quente em minha face incita eletricidade por todo o meu corpo.

— Vá — ele diz, destrancando a porta.

Caminho pelo corredor com o que entorpecida. Após alguns passos, olho para trás, ele sorri e fecha a porta. Se foi.

Quanto mais me afasto de Nico, mais o calor e a felicidade se dissipam , deixando para mim o frio e a solidão.

Surgem mais partículas e fragmentos. Aquele treino do meu sonho.
Era real.

Treinamos com Nico: com o R. U. Livre. Escondidos na floresta com outras pessoas com o eu. Aprendendo a lutar. Armas. Tudo o que poderiam usar para enfrentar os Lordeiros, nós aprendemos. Pela liberdade! As garotas eram apaixonadas por Nico; os garotos queriam ser ele.

Apenas alguns minutos a sós com ele foram suficientes para que eu me sentisse novamente com o antes. Tive certeza de quem eu era ao me

e ver pelos olhos de Nico: isso me fez voltar a ser a Chuva que ele conheceu. Parte de mim quer que Nico assum a liderança; que me diga o que pensar, o que fazer. Assim eu não preciso tentar resolver nada por mim mesmo.

Quanto mais me distancio dele, mais isso me apavora.

CAPÍTULO 6

— Ky la, você tem visita — diz minha mãe da escada.

Visita? Desço a escada e lá está Cam : um olhar acanhado em seu rosto e um prato bem seguro nas mãos. Seu cabelo cor de areia está bem penteado; ele usa uma camiseta de colarinho e há um cheiro de colônia pós-barba no ar.

— Oi — ele diz.

— Ah, oi.

— Eu só queria me desculpar — ele diz, e me estende o prato. Bolo de chocolate? E eu pensando intensamente *não diga nada*, mas não funciona. —

Aquela detenção que você pegou foi minha culpa.

— Detenção? — pergunta minha mãe.

Lancei um olhar de fúria para Cam .

— Ah, desculpe! Você não queria que ela soubesse, né?

Obrigada por verbalizar o óbvio. Eu respiro fundo.

— Ky la? — minha mãe insiste.

— Sim , peguei uma detenção na hora do almoço hoje, e, sim , foi culpa do Cam . Feliz agora?

— Já vi que você não terá segredos com Cam na vizinhança — minha mãe comenta rindo.

— Sinto muito — ele repete, parecendo ainda mais desesperado.

— Tudo bem . De verdade. Obrigada pelo bolo — respondo e pego o prato, torcendo para que Cam entenda a indireta e vá em bora.

— Entre — convida m am ãe. — Acho que precisam os de um chá para acom panhar o bolo.

Que sorte a m inha.

A palavra “bolo” é tão tentadora que Am y sai da frente da TV e se j unta a nós.

Um bolo de chocolate bem escuro e cintilante com cobertura am anteigada.

— Está um a delícia — eu digo, com o bolo com eçando a derreter assim que tiro um pedaço. Um a delícia de chocolate m eio am argo, doce apenas o suficiente. — Você quem fez?

— Acredite, se eu tivesse feito, você não ia querer com er. Meu tio fez.

— Por que você veio m orar com eles? Ficará por m uito tem po? — pergunta Am y.

— Am y ! — m am ãe lhe cham a a atenção.

Cam dá um a risada. Covinhas aparecem quando ele sorri — um a em cada bochecha.

— Tudo bem . Não sei bem por quanto tem po. Minha m ãe está fazendo um trabalho de pesquisa num a plataform a do Mar do Norte. Depende de quanto tem po eles vão levar para descobrir algo im portante, eu acho.

— E o seu pai? — pergunta Am y.

— Eles se separaram no ano passado — diz Cam , sem pensar m uito, e com um a expressão no rosto que sugere que Am y se aventurou por um território proibido. Mam ãe rapidam ente m uda de assunto, perguntando por seus tios.

Elas finalm ente deixam a cozinha quando Cam pergunta o que j á estudam os em biologia até agora. Com o se eu estivesse prestando atenção. Mas eu saio para pegar m inhas anotações.

— Desculpe. Não serei de m uita aj uda. — Passo para Cam m eu caderno e ele o folheia, m as logo se dá conta de que só há coisas sem sentido. — Tenho problem a para m e concentrar em aula — adm ito.

— Você estava no m undo da Lua esta m anã — ele diz. — Eu só lhe passei aquele bilhete para desviar seus olhos do Deus Professor Que

Anda Entre Nós.

— Isso é ridículo — eu digo, preocupada com o quanto ele poderia ter percebido, com o quanto os outros teriam notado.

— Ah, deixe disso. Você e todas as outras garotas estavam totalm ente m aravilhadas com a m agnificência arrogante dele: eu percebo essas coisas. Mas Hatten m e dá arrepios, se você quer saber.

— Com o assim ?

Ele tira um pedaço de papel do bolso. Desdobra-o para m ostrar um desenho com a frase “Sobrevivência do Mais Apto”.

Prim eiro um coelhinho fofo; depois um a raposa perseguindo o coelho; a seguir um leão perseguindo a raposa. E, perseguindo o leão, um dinossauro: um *Tyrannosaurus rex*? Que é finalm ente perseguido por Nico. Coberto por peles com o um hom em das cavernas, segurando um a clava com um olhar m aníaco e perverso no rosto.

Eu ri.

— É assim que você o vê?

— Ah, sim . Ele é um anim al. Com o foi que ele conseguiu licença para lecionar? Tenho a im pressão de que a qualquer m om ento ele vai nos levar em m archa para um *freezer* e nos transform ar em salsicha ou algo assim .

Com o foi que ele *conseguiu* licença para lecionar? Em bora pareça saber m ais de biologia do que eu, tenho certeza de que Nico não tem um a licença. Talvez em algum m om ento ele tenha sido realm ente o senhor Hatten, professor de biologia, m as não é m ais. Meu sorriso desaparece.

Distraída, com eço a rabiscar alunos com o uniform e do colégio Lord William : salsichas m arrons e pretas m archando.

— Uau, você realm ente sabe desenhar!

— Obrigada. Você tam bém desenha bem .

— Nada, são só rabiscos. Coisa boba.

— Não, é sério; são bons. Mas posso ver que precisa de algum as aulas.

— É?

— Para com eçar, isto — dou um a batidinha no desenho dele. — Não é a sobrevivência do m ais apto. Está m ais para a cadeia alim entar.

— E...?

— Dinossauros não estão m ais na cadeia alim entar.

Ele fica por m ais um a hora ou um pouco m ais. Ele poderia falar pela Inglaterra: sobre nada ou sobre tudo. Seguem -se m ais desenhos de outros professores. Eu m e pergunto com o ele desenharia a senhora Ali.

— É m uito bom vê-la sorrir, Ky la — diz m am ãe quando subo para dorm ir.

E eu penso: não seria bom continuar sendo essa garota? Que não tem nada m ais na cabeça além do colégio, brincadeiras sobre professores e garotos que trazem bolos. Cam é legal, divertido; descom plicado e bobo. Nada a ver com Ben.

Ben. Aflita, m e pergunto o que ele acharia de Cam . Ele provavelm ente acharia que Cam não estava apenas sendo am igável. E provavelm ente ele teria razão.

Onde eu estava com a cabeça? Num instante a noite se esvaiu, a sensação de um a outra vida possível. A culpa e a dor m e corroem . Eu não estava pensando em Ben. Mam ãe disse que foi bom m e ver sorrindo. Mas com o posso sorrir, m esm o para Cam , quando Ben está... está... está o quê?

Na outra noite, a m ãe de Ben não sorria para nada. Mam ãe não podia aj udá-

la, e ela estava desesperada.

Talvez haj a um a m aneira de eu aj udar. Dar a ela algo que ela *possa* fazer: denunciar o desaparecim ento de Ben no DEA, com as outras crianças desaparecidas. Algo assim talvez lhe desse esperança, a fizesse ser capaz de seguir em frente.

Talvez isso a im peça de m e odiar quando ela souber a verdade.

*

Corro.

A areia desliza sob meus pés. A maresia invade minha garganta e eu engasgo, sem ar. Corro mais rápido.

Meu medo é tamanho que ainda ouço os gritos das gaivotas, vejo estrelas cintilantes na água. O barco atraca na praia.

Mais rápido!

Estou tão cansada agora, um pé não se ergue o bastante, acerta a areia e eu tropeço. Voo pelo ar e caio com força. Me falta o ar nos pulmões, que já mal conseguiam se manter para que eu continuasse correndo. Vejo tudo girar...

... e mudar. A noite é mais amena. Mais distante. Não sinto mais a dificuldade de respirar ou as batidas do meu coração, mas o medo está maior, mais completo.

— Jamais esqueça quem você é! — uma voz grita, e então desaparece. Se desconecta.

Tijolos se erguem em toda volta, tum tum, tum tum. Como uma pá acertando a areia.

E tudo que há é a escuridão.

O silêncio.

Denso e absoluto.

CAPÍTULO 7

Jaqueta escura, jeans e luvas grossas. Um chapéu escuro com duas utilidades, para cobrir os cabelos loiros que podem se destacar sob a luz da Lua e para aquecer: está frio esta noite.

Deslizo com o umbigo pelas escadas, e então, cuidadosamente e em silêncio, abro a porta lateral e saio pela noite. Meu espanto de andar sem fazer barulho. Não é mais um mistério, essas habilidades que estavam escondidas têm uma explicação: eram parte do meu treinamento no R. U. Livre. Elas foram muito bem escondidas e só apareceram quando necessárias. Quem sabe o que mais posso fazer?

Estou indo ver a mãe de Ben.

Mapas antigos que encontrei enfiados em uma prateleira da minha casa mostram os canais que ligam a parte de trás da casa de Ben com a trilha acima do nosso vilarejo, cruzando algumas rodovias no caminho.

inho. Pouco mais de nove

quilômetros. Talvez doze. Correndo eu chegaria lá em uma hora, e eu estou desesperada para correr. Para afastar o meu sonho. Um sonho com algumas variações que tem assombrado o meu sono desde que acordei no hospital após ter sido Reiniciada.

É um lento com eco, pelas sombras das vilarejas, para o caso de alguma pessoa insone chegar até a janela. Há um momento de tensão quando um cão sonolento dá alguns latidos, mas nenhum a porta se abre e nenhum a voz se segue, e logo tudo volta a dormir. Assim que alcanço a trilha, no final do vilarejo, com eco a correr: mais lento do que esperava, tomando cuidado para não tropeçar nas raízes das árvores mal iluminadas pelo luar, e então mais rápido assim que meus olhos se acostumam.

A trilha onde eu e Ben acabamos juntos.

O mirante, onde ele ri com a vista obstruída pela névoa, e estava prestes a me beijar. Antes de o Wayne interromper.

Antes que os níveis de Ben entrassem em colapso e ele quase desmaiasse; o que aconteceria se ele não tivesse tomado a tal Pílula da Felicidade, me dedicando altamente ilegal. As pílulas que começaram toda a confusão. E foi tudo por causa do Wayne: o ataque, a incapacidade de Ben para ajudar. Os Reiniciados não podem usar de violência, nem mesmo para se defender. O que teria acontecido se Amy e Jazz não tivessem interrompido? Minhas memórias teriam voltado ali? Estremeco por dentro.

Não há nada a temer agora.

Não. Não desde que eu comeci a me lembrar de tudo o que Nico me ensinou.

Perguntem ao Wayne. Meu sorriso vacila.

Após um longo tempo, a trilha se bifurca. O caminho da esquerda, eu conheço; leva direto para a outra extremidade do vilarejo. O da direita é novo e leva para o destino desta noite.

A corrida, a escuridão, a noite: são extasiantes! Estive trancada por tempo demais. O ar frio, o ritmo dos pés e o vapor branco da respiração, o aqui, o agora foram tomando conta de mim. Até que tudo o que havia era a corrida.

Mas, conform e m e aproxim o, os pensam entos m e invadem . O que vai acontecer quando eu chegar lá? A reação da m ãe de Ben com alguém batendo a

sua porta dos fundos às quatro da m anã é difícil de se prever. O que eu devo dizer?

Só há um a m aneira de lidar com isso: dizer a verdade. Tenho de contar o que realm ente aconteceu.

Ela precisa saber que eu am o Ben. Eu j am ais o m achucaria, por nada neste m undo.

Mas você o machucou.

Não! Não foi nada disso. Ele ia arrancar o Nivo de qualquer j eito. Eu tentei im pedi-lo.

Você deveria ter se esforçado mais.

Tenho de encarar isso agora: eu devia ter m e esforçado m ais. Sem pre nos disseram que qualquer dano ao Nivo nos m ataria, fosse pela dor, fosse pelos desm aios. E, sim , ele estava tão determ inado a se livrar daquilo que não daria ouvidos a ninguém ! Mas, em bora a dor pela ausência de Ben sej a intensa, pensar que eu deveria ter sido capaz de fazer algo, qualquer coisa, para im pedi-lo, é m uito pior.

Minhas razões para aj udá-lo pareceram corretas. Com m inha aj uda, ele teria m ais chance de sobreviver. Sem m inha aj uda, ele provavelm ente teria falhado.

Ainda assim ele falhou, não foi?

Falhou? O Nivo saiu rápido com m inhas m ãos firm es na serra, o pulso dele ainda preso num gram po. Ele ainda estava vivo. Apesar da dor. O m enor toque em um Nivo em atividade dói com o ser atingido na cabeça por um a m arreta; o corte deve ter sido com o um a am putação sem anestesia.

Não consigo esquecer o que houve a seguir, a últim a vez que o vi. A m ãe de Ben chegando em casa inesperadam ente, encontrando o filho se contorcendo, se esvaindo em dor, em m eus braços, lágrim as rolando pelo m eu rosto. O Nivo dele no chão, o corpo em convulsão. Não houve tem po para perguntas. Ela cham ou os param édicos e m e m andou sair dali antes que eles chegassem . E foi o que fiz.

Saí, para m e salvar. Ben estava deitado lá, em agonia. Seu corpo em espasmos, seus lindos olhos fechados com força. Ao mesmo ele não me viu ir em bora e deixá-lo.

E então vieram os Lordeiros, e o levaram em bora.

Pisquei para me livrar das lágrimas enquanto corria. Foco: nos pés, na trilha, na noite, em ficar de pé. A mãe de Ben merece saber a verdade.

Meus pensamentos sombrios e a corrida levaram a concentração em bora. A casa deles está próxima agora, mas há algo errado. O ar parece diferente. Um pouco no início, depois piorando.

Fumença?

O cheiro fica mais forte, e eu diminuo o ritmo da corrida, passo a caminhar.

Está forte demais agora: o ar está denso e nebuloso, cortando a luz da Lua.

Meus olhos ardem e é apenas o desejo de me manter em silêncio que me impede de tossir.

Cuidado. Vá devagar e em silêncio.

A rua de Ben já está visível, as casas estão às escuras além das cercas de um lado da trilha do canal. Acima de uma delas, a fumaça se ergue lentamente, se contorcendo no ar. É de uma tonalidade prata e vermelha irreal, iluminada pela Lua com um brilho vermelho na parte de baixo. No entanto, aquilo já não é mais uma casa; agora estou perto, posso ver que a devastação é total. Os restos de uma casa em ruínas.

É a casa de Ben. Não pode ser. Olho as outras de cada lado e a de trás.

Nenhuma delas se parece com a dele, com a oficina ao lado, onde a mãe fazia suas esculturas de metal. Só pode ser essa.

O vento muda de lado, e eu coloco minha cabeça no rosto para respirar, engasgando com o ar, incapaz de continuar implorando a tosse. Não vejo o bom beiros, nem ninguém. Seja lá o que aconteceu, já está quase acabado; sobraram apenas ruínas, e cinzas chamuscadas. Fumença. Mas com o...?

Fique distante. Volte. Deve haver observadores.

Será mesmo a casa de Ben? Será possível? O que aconteceu?

Saia daí. Não há nada a ser feito.

Nada a ser feito. Qualquer um que estivesse nessa casa...

Observo as ruínas. As casas em volta estão intocadas; e essa completamente destruída. Não houve chance para ninguém que estivesse lá dentro. Nenhum a.

Eles estariam lá dentro? Os pais de Ben? Sou dominado pelo horror. Não conheci o pai dele, mas a mãe era tão cheia de vida, com a sua arte. Agora está

dominado pela dor da perda de Ben.

Mas não mais.

Saia daqui.

É a urgência e o medo mesmo. Meus pés começam a retornar, seguindo lentamente pela trilha do canal, margeando as árvores do entorno. Haverá olhos atentos nesta rua esta noite.

Paro. A trilha se inclina um pouco agora; posso olhar para trás e observar melhor.

Saia de vista!

Se posso ver abaixo, outros olhos podem ver aqui em cima. Deslizo por entre as sombras das árvores.

Meus instintos gritam para que eu corra, me esconda, mas não consigo *não* olhar. Não posso tirar meus olhos das ruínas de fumo. Eles estariam lá dentro?

Queimados até a morte? Estremecço. Não posso suportar isso, não posso...

Mãos agarram meus ombros por trás.

CAPÍTULO 8

Dou um acotovelada para trás, acertando as carnes de alguém, que tosse e se reclinou contra uma árvore. Me viro rapidamente com o pé

direito, o punho direito pronto para esmagar um crânio contra um a árvore, e...

Minha mãe caiu pesada.

Uma garota está curvada, tossindo e apertando a barriga, cabelos negros e longos caindo em cascata. Mal a vejo com aquela luz, em bora eu reconheça aquele cabelo.

— Tori?

Ela ergue o rosto. Feições familiares e perfeitas, olhos bonitos. Em bora não sejam os mesmos. Vazios. Bloqueados por lágrimas.

— Tori? — repito. Ela confirma e se lança ao chão. — O que faz aqui?

Com o...?

Ela balança a cabeça, incapaz de falar, e eu não consigo acreditar. Com o ela pode estar aqui? Com o pode estar em *algum lugar*. Ela foi devolvida para os Lordeiros. Tori era amiga de Ben: Reiniciada com o nós. Eu mal a conhecia, mas ela era namorada dele antes de mim, tenho certeza disso. Em bora ele tenha dito

que nunca a tinha beijado, já me acreditei nele. Com o ele poderia ter resistido a Tori? Mas ela foi levada pelos Lordeiros: ninguém retorna de lá.

— Vaca — ela finalmente consegue dizer. — Por que fez isso?

— Eu não sabia que era você — sussurro. — Fale baixo. Com o você conseguiu... — com oço a perguntar, mas minha voz trava. Eu não sei o que perguntar primeiro.

— Escapei, e vim ver Ben. Mas ele... — sua voz falha, as lágrimas com oçam a descer por seu rosto.

Saia daqui! Não é seguro.

— Tori, tem os que ir. Não podem os ficar aqui. Serem os pegas.

— O que importa agora? Sem Ben, eu... — e ela balança a cabeça. — Estão todos mortos. Eles não salvariam ninguém. Eu vi tudo!

Saia daqui!

Mas eu preciso saber.

— Me conte o que aconteceu.

— Cheguei há algum as horas; a casa estava em cham as, e eu m e afastei quando carros de bom beiros vieram apressados, de sirenes ligadas. Mas não fizeram nada.

— O quê?

— Os Lordeiros j á estavam aqui. Eles obrigaram os bom beiros a deixar queim ar. Perm itiram apenas que não deixassem que o fogo se espalhasse pelas outras casas. Eu ouvia os gritos deles, Ky la. E eu não fiz nada. Pude ouvi-los gritando dentro de casa. Um dos bom beiros discutiui com os Lordeiros, e eles atiraram no hom em .

— Eles fizeram o *quê*?

— Eles sim plesm ente atiraram — ela soluça ainda m ais. — Ben está m orto, e eu não fiz nada.

Eu sei com o ela se sente; a culpa generalizada. Ela não precisa disso.

— Tori, ele não estava na casa. Ele não estava lá — os om bros dela estão sacudindo, ela é incapaz de ouvir. — Escute: Ben não estava lá. Entendeu?

As palavras com eçam a chegar até ela, que olha para cim a.

— Ele não estava? Onde ele está, então?

— Vou lhe contar tudo. Mas prim eiro precisam os sair daqui.

— Para onde? Não posso voltar para casa; é o prim eiro lugar em que irão m e procurar. Não tenho para onde ir.

— Venha.

Eu a faço se levantar rápido. Ela está em péssim as condições. Usando sapatos estúpidos e cintilantes, trem endo em roupas estraçalhadas, e m ancando. Os braços desnudos estão ainda m ais pálidos ante o luar, um farol para quem olha.

Seguro sua m ão e a apresso, depois seu braço: sua pele está um gelo. E então, finalm ente, coloco um braço em sua cintura e a aj udo a andar.

— O que houve com você?

— Eu estava bem até você me acertar com seu golpe de karatê.

— Mentirosa.

— Andei o dia inteiro. Não consigo mais.

A voz dela está mais fraca, e seu corpo, em bora seja leve, se torna um peso morto em meu ombro.

— Pare. Preciso descansar — ela diz, e as palavras se arrastam.

— Não podem os parar. Vam os lá, Tori — eu digo, mas então seu corpo despenca. Só consigo pegá-la e colocá-la no chão.

Deus. O que vou fazer? Ela escapou dos Lordeiros: qualquer um que for pego ajudando-a será culpado. Estar perto dela é *perigoso*.

Deixe-a. Sobrevivência dos mais aptos!

Não. Não posso. Não vou!

Em meu recorde do desenho de Cam, e Nico, o homem das cavernas. Não há mais outra solução, há? Mesmo o que ela conseguisse andar aquilo tudo. Não posso levá-la para casa. Não posso envolver minha mãe nisso. Mesmo o que ela ajudasse, Amy não conseguiria guardar segredo, e não haveria com o escondê-la de Amy. E se papai chegasse em casa... Estremecço. Ele ficou tão desconfiado de mim quando Ben desapareceu, amei e devolver para os Lordeiros se eu desse um único passo em falso. Isso daria a ele a desculpa para livrar-se de mim, finalmente. Talvez Jazz e seu primo, Mac, pudessem ajudar. Mas não há com o entrar em contato com eles, ou levá-la até lá. Ela não conseguiria andar tanto.

Tem de ser o Nico.

Ele ficará furioso.

A fúria de Nico não é algo para se ignorar. Mas ele disse para eu telefonar se precisasse. Que motivo mais aior que esse para contactá-lo?

Passo o dedo por baixo do meu Nivo no escuro até encontrar o botão do comunicador. Eu o aperto. Esteja acordado, Nico!

Segundos depois ele responde, a voz alerta.

— Espero que tenha um bom motivo — ele diz.

CAPÍTULO 9

— Que coisa estúpida, Chuva! — Nico acomoda Tori no banco traseiro do carro. — O que vou fazer com ela?

Eu não respondo, evito pensar no que ele pode sugerir. Me acomodo no banco da frente, ao lado de Nico, exausta pelo esforço de arrastar e convencer uma Tori sem consciência pela trilha no escuro até a estrada mais próxima. O ponto de encontro arranjado às pressas.

— Obrigada, Nico — digo, e estou sendo absolutamente sincera. O alívio ao ver o rosto dele é tão grande que eu quero me jogar em seus braços. Mas ele não está num dia de abraços.

O carro ronca pela pista. Parece um carro com um motor, mas há algo mais no motor. Nico fica de olho quando chegam os à estrada principal. Que explicação dariam os se fossem os vistos, com uma garota inconsciente no banco de trás?

Precisamos nos apressar.

— Você está com cheiro de fumaça.

— Estou? Que horas são?

— Quase cinco.

— Tenho de chegar logo em casa, ou serei descoberta. Mamãe levanta cedo.

— Não cheirando desse jeito.

Ele dirige rápido. Tori choraminga, a seguir se cala novamente. Chegam os a uma casa escura com uma descida ao lado que vai até os fundos. A casa fica em uma colina, sem vizinhos por perto.

Ele a carrega sobre o ombro para dentro de casa. Eu o sigo. A casa é pequena, moderna e bem cuidada. Não o buraco-escondido normalmente usado pelo R.

U. Livre.

— Você mora aqui? — pergunto, surpresa. Ele olha para mim.

— Não há tempo de levá-la a outro lugar.

Ele coloca Tori no sofá. Fecha as grossas cortinas e acende um a lâmpada.

É quando eu realmente vejo o em que estado ela se encontra. Finas roupas coloridas em farrapos, com o se tivesse se arrumado para uma festa, e não para sair no frio. Está coberta de machucados e arranhões. Um tornozelo tão inchado que é um milagre que ainda conseguisse andar.

Ela desperta; seus olhos se entreabrem e observam tudo até chegar a Nico. Ela se senta, o pânico em seu rosto.

Eu seguro a mão dela.

— Tori, está tudo bem. Este é... — eu faço uma pausa, em dúvida sobre qual nome ele quer usar. — Um amigo meu. Ele cuidará de você.

Nico se aproxima sorrindo.

— Olá. Tori, não é? Eu sou o John Hatten. Preciso lhe fazer algumas perguntas.

— Isso não pode esperar? — pergunto em voz baixa.

— Tem o que não. Desculpe, Tori. Mas você sabe o risco que estou correndo por sua causa. Preciso conhecer muito bem a sua história para saber o que fazer com você.

Meu sangue gela. Uma palavra errada, e o que ele fizer a ela pode ser perigoso.

— E então, Tori? — ele pergunta, gentil.

Ela observa as próprias mãos, virando-as de um lado para o outro, com o se não fossem dela, com o se não fizessem parte dela.

— Eu o conheço — ela diz, em voz baixa. — Com uma faca.

— Quem?

— Um Lordeiro. Eu o conheço e fugi.

Ela fecha os olhos.

— Você está segura aqui. Descanse, Tori — ele diz. A cabeça de Tori se inclina para um lado: ela se desliga novamente.

Nico ergue um a sobancelha para mim. Ela não podia ter escolhido algo *melhor* para dizer, nem se eu a tivesse orientado. Ele provavelmente se pergunta se eu a orientei.

— Vá, tom e um a rápida chuva. Vou cuidar dela. Mas você tem um a dívida comigo, Chuva. Das grandes. Este é um risco enorme, um a com plicação desnecessária que pode interferir nos nossos planos. Agora vá.

Corro para o chuveiro, pego um a toalha, um a camiseta escura indescritível e um short de ciclismo o que ele jogou para mim. Nossos planos? Será que ele se referia aos planos do R. U. Livre, aqueles que me dizem respeito de alguma forma? Lavo e seco meu cabelo o mais rápido possível, um a parte de mim anotando coisas sobre o Nico. Eu nunca estive em seu local particular antes. Ele gosta de um bom sabonete líquido, e tem o cheiro dele, não consigo parar de cheirá-lo profundamente. Será que ele tem secador? O cabelo dele está sem pre bonito, mas ainda assim. Esboço um sorriso, subitamente apavorada porque, enquanto admirei o estilo do seu banheiro, penso que a versão de Nico para cuidar de Tori poderia ser acabar com a vida dela de forma dolorosa em vez de outra coisa.

Mas então surto na sala; ele enrolou Tori em um cobertor, que sobe e desce lentamente com sua respiração. Ela dorme profundamente.

— Vam os lá — ele chama. — Levo você para casa.

— E se ela acordar enquanto estamos fora?

— Ela não vai acordar.

Estamos a meio caminho da estrada quando eu ousei perguntar.

— Com o que sabe que ela não vai acordar?

— Dei um jeito nela.

— Um jeito?

— Não fique tão assustada. Foi apenas um sedativo e um analgésico, ela precisava dos dois — ele xinga entre os dentes. — Se algo der muito errado, é por sua conta, Chuva.

— Desculpe — prendo a respiração: angustiada e temerosa por ser a causa da infelicidade de Nico, tudo ao mesmo tempo.

— A propósito, pensei que você tivesse dito que ela era Reiniciada.

— Ela é.

— Bem, ela não tem um Nivo.

Perdi o fôlego com o choque e parei para pensar. Eu havia segurado a mão

dela e a ajudado a andar. Nem percebi. Tinha outras coisas com que me preocupar. E fiquei tão acostumada a ignorar meus próprios níveis, que não dei importância aos dela. Mas o que ela enfrentou esta noite, e o que deve ter enfrentado antes, seria o suficiente para que ela apagasse com certeza. Se ela ainda tivesse um Nivo.

— O que houve com ele? — pergunto.

— Isso é só uma das muitas perguntas que ela terá de responder em breve.

Tenho algumas coisas para discutir com você. Mas, primeiro, me fale sobre o fogo.

As lágrimas chegam sem avisar e eu pisco diversas vezes.

— A casa de Ben, a casa dos pais dele. Queimou completamente. Tori viu tudo.

Ela disse que eles estavam lá dentro, gritando, mas os Lordeiros impediram que recebessem ajuda.

Ele sacudiu a cabeça.

— Pense, Chuva. Que dia é hoje?

— Cinco de novembro.

— Cinco de novembro. Guy Fawkes — ele diz, a propósito. — Este não foi o único incêndio da noite. Com eles chegaram comunicados quando você ligou. Os Lordeiros tomaram para eles este dia que costumava ser nosso. Lembra-se, Chuva. Guarde este dia.

Respiro ofegando enquanto uma série de imagens flutua por minha mente.

Fogos de artifício. Invasões. Fogueiras! Guy Fawkes: um dos responsáveis pela conspiração para explodir o Parlamento inglês, há

m ais de quatrocentos anos.

Nós haviam os usado aquele dia para lembrar aos Lordeiros que seu poder não era absoluto. Para lembrar aos cidadãos que eles tinham um a chance.

Agora os Lordeiros usavam isso para nos lembrar que Guy Fawkes foi enforcado por ter causado problemas.

— E pensar que eles ousam agir abertamente contra as pessoas às quais deveriam servir! As coisas estão ficando piores, Ky la. O domínio dos Lordeiros está se acirrando. Muito em breve, ninguém ousará vir para o nosso lado, em oposição a eles. A hora de reavaliar as coisas é agora — ele para no final da nossa rua. — Você precisa fazer uma análise de tudo, Chuva. Façam os mais

disso amanhã, após o colégio. Agora vá.

Saio do carro e me encontro entre as sombras, com cuidado, passando pelas casas. Ainda está escuro, mas as ruas são quase vazias, as pessoas devem estar acordando.

Sobranceiras com certeza se ergueriam se alguém me visse chegar e me esgueirando e vestida deste jeito. Mas não vejo ninguém. Quando chego ao nosso jardim, percebo algo: um movimento na estrada? Me encolho num canto da casa e observo, mas não vejo nada. Mas tenho certeza de que algo se moveu.

Entro pela porta lateral e subo as escadas com cuidado e em silêncio até chegar ao meu quarto: em segurança, finalmente.

Por enquanto.

Sebastian está enroscado em minha cama, os olhos arregalados. Tiro rápido as roupas de Nico e visto meu pijama, então enfio suas roupas em minha mochila para me livrar delas depois.

Só me resta cerca de uma hora de sono, descanso de que preciso desesperadamente, mas não há como. Não com incêndios e assombrando.

A noite está cheia de perguntas. Com o Tori escapou dos Lordeiros? Ela foi devolvida a eles: Ben descobriu isso com a mãe de Tori. O motivo, nunca sabem exatamente — num dia ela estava lá, no outro havia sumido. Tornou-se mais um dos desaparecidos. Mas o que houve com o Nivo?

Não preciso m e perguntar o que houve com os pais de Ben: eu sei a resposta.

Eles fizeram m uitas perguntas incôm o das. Os Lordeiros deram um j eito neles, foi isso o que aconteceu. Um dia depois de a m ãe de Ben vir até aqui pedir aj uda.

Meu sangue gela quando m e lem bro do que m am ãe disse a ela: “Você não devia ter vindo aqui”. Será que m inha m ãe a entregou aos Lordeiros? O pai dela havia sido o Prim eiro Ministro dos Lordeiros, foi ele quem com eçou tudo isso.

Não consigo apagar a visão da casa deles destruída. O lar deles virou seu túm ulo. Será que vão tirar os corpos? Eles j á foram crem ados.

Segundo Nico, aquilo se repetiu em outros lugares hoj e à noite. Outras víctim as.

Quero chorar por elas, m as não consigo. Me sinto gelada por dentro, cega de ódio pelo que aconteceu. Isso deixa toda a dor de lado.

E ela quer sair.

CAPÍTULO 10

— Ky la, espere! — paro diante da porta da biblioteca e m e viro. Cam chega apressado.

— Alm oça com igo? — ele olha para os dois lados e abaixa a voz. — Eu trouxe bolo.

— Hum ... sei lá. É de chocolate?

Ele olha dentro da m ochila.

— Hoj e é o pão-de-ló da rainha Victória. Meu tio é um *chef* frustrado, adora um forno.

— Está bem — respondo. Açúcar e distração podem m e aj udar a sobreviver a este longo dia. Tudo o que consigo pensar é nos pais de Ben, no que os Lordeiros fizeram a eles e a outros com o eles. E no encontro que tenho com Nico no fim do dia. Precisam os fazer *alguma coisa*.

Atravessam os o pátio e vem os que um dos dois bancos está vazio. Quando os garotos que estão sentados no outro veem que estam os nos aproxim ando, rapidam ente espalham suas coisas nos dois bancos.

— Legal — resm unga Cam .

— Estou acostumada com isso. Tem certeza de que quer ser visto comigo?

— Está brincando? Você é um doce.

— Um doce Reiniciado, não se esqueça — digo, rindo.

— E isso é problema deles? — ele olha para trás. — Quer que eu arranque eles de lá para você? — ele mostra os punhos, mostrando-se com o se lutasse boxe.

— Todos os três? O que você faria se eu dissesse que sim ?

Ele olha para os dois lados.

— Me esconderia. Mas tenho meus próprios meios de dar o troco nas pessoas, sabe. Quando eles me esperarem — e ele ri com o um vilão.

— Claro.

— O que eles fizeram chateia você, não é?

— Chateava. Mas... — eu paro.

— Mas o quê?

— As pessoas à minha volta costumam desaparecer. Pode ser por causa disso, mas, se for, não tenho com o sair perguntando por aí.

— Desaparecer? — o rosto dele fica sério. Então ele sabe ser sério. — Isso

acontece em toda parte — ele diz, tão amargurado, que me pergunto o que há por trás daquilo.

— Olhe, aquele está vazio — aponto para um banco vago, atrás do prédio da administração. — Se você tiver coragem .

— Bom , deixe-me pensar. Você teria um triângulo das Bermudas portátil com você?

Olho de um lado para o outro e respondo:

— Devo ter deixado em casa.

— Você irá colocar um a poção da invisibilidade no meu sanduíche quando eu não estiver olhando?

— Não!

— Então, vou arriscar.

E eu não conto a ele a outra razão por que aquilo já não me incomoda mais. A lista de coisas que me incomodam diminuiu consideravelmente; e garotos idiotas do Ensino Médio não estão no topo dessa lista.

Comemos os nossos sanduíches em silêncio e a seguir ele pega o bolo.

— Há dois pedaços aí — observo. — Você tinha planejado isto?

— Quem? Eu? Não. Sou um garoto em fase de crescimento. Sem prelevo dois pedaços de bolo. Mas não me importo de dividir — ele me passa um pedaço, e eu dou uma grande mordida.

Leve, doce. Delicioso!

— Queria que minha mãe gostasse de cozinhar.

— Há quanto tempo você mora lá?

Olho para ele de canto de olho.

— Não muito. Quase dois meses.

— Você já se perguntou sobre seus outros pais?

— Meus outros pais? — ganho tempo, em bora saiba o que ele quer dizer. A conversa está indo por um território perigoso, o tipo de coisa que não devo pensar, muito menos falar. Reiniciados não têm passado; eles estão começando de novo. Não é permitido olhar para trás.

— Você sabe, antes de ter sido Reiniciada.

— Às vezes — admito.

— Você procuraria por eles, se pudesse?

Desconfortável com o rumo que a conversa está tomando, ocupo minha boca com o bolo. Investigar minha vida passada é definitivamente ilegal. Pode ser perigoso para nós se formos ouvidos tendo essa

conversa. E quem sabe quem nos ouve, ou com o o faz? Eu não duvido que os Lordeiros colocariam escutas em todos os bancos do colégio — eles e seus espiões, com o a senhora Ali, estão por todo canto.

— E você? — pergunto, quando só m e sobram farelos de bolo.

— O quê?

— Você disse que seu pai partiu. Você ainda o vê?

O olhar sério está de volta e a pausa é longa.

— Ky la, escute — a voz dele fica m uito baixa. — Sabe o que eu disse antes, que pessoas desaparecem por toda parte?

Balanço a cabeça positivamente.

— Meu pai não se separou da m inha m ãe. Os Lordeiros o levaram . Eles invadiram nossa casa no m eio da noite e o arrastaram com eles. Eu não o vejo ou tenho notícias dele desde então.

— Oh, Cam — eu olho para ele, chocada. Ele parece tão despreocupado, tão descomplicado. E, ainda assim , ele sabe com o é quando alguém im portante para você desaparece. Alguém com o Ben.

— Sim . Ele estava envolvido em coisas que não agradavam aos Lordeiros.

Algo relacionado a encontrar pessoas desaparecidas. *Sites* ilegais e coisas do tipo.

DEA?

Nervosa, olho de um lado para o outro. Não há ninguém perto o suficiente para ouvir, ainda que um a parte de m im não ache segura essa conversa. Mas não consigo evitar.

— E sua m ãe? — pergunto.

— Acho que ela teria ido em bora, assim com o eu, se não fosse pela pesquisa dela. Eu não sei m uito, m as eles queriam que ela continuasse. Eles se livraram de m im para m antê-la na linha.

— Que horrível. Sinto m uito, eu não devia ter perguntado.

— Não é sua culpa. Você não estava por perto para usar sua habilidade secreta

do desaparecim ento. A m enos que seus poderes se estendam por alguns quilôm etros ao norte.

E Cam está de volta às brincadeiras. Mas ele j á não m e engana. Há m ais coisas acontecendo com ele do que eu poderia im aginar.

— Escute — ele diz. — Quer dar um a volta de carro m ais tarde? Realm ente preciso conversar. Aqui não é um bom lugar.

A curiosidade luta com a precaução. Mas não preciso decidir, não agora.

— Hoj e não posso. Ficarei aqui até tarde.

— Por quê?

— Tenho coisas a fazer.

— O quê?

— Coisas.

— Que tipo de coisas?

— Escute aqui, senhor curiosidade, estarei ocupada; e ponto-final.

Ele faz um a pausa.

— Eu espero. Posso lhe dar um a carona para casa?

— Não sei quanto tem po vou dem orar.

— Não im porta. Não tenho nada para fazer.

Tento dissuadi-lo. A últim a coisa que quero é ver m eus “poderes do desaparecim ento” se m anifestando nele se algo acontecer. A m ãe dele j á sofreu o bastante. Mas ele insiste que irá esperar no carro até que eu apareça, então, a não ser que eu queira que ele espere até a m anhã seguinte, é m elhor eu aceitar.

O corredor está vazio. Bato um a vez; a porta de Nico se abre. Eu entro, e ele a fecha.

— Com o está Tori? — pergunto.

— Ela está se saindo bem — ele diz. — Só precisa de algum as refeições quentes e descansar o tornozelo torcido. Essa é a parte física.

— Ela não está lhe dando trabalho?

— Não. Ainda não. Se der, você saberá. Terei de enviá-la para outro local em breve; só falta acertar algumas coisas. Mas ela disse que sabe cozinhar. Talvez eu fique com ela.

Ela está se saindo bem ; ela sabe cozinhar. O enorme monstro verde dentro de

meus dois braços dos dois sentados para um jantarzinho romântico. Usando as velas que notei em sua mesa, terminando a garrafa aberta de vinho da sua bancada.

Nico sorri, com o se soubesse exatamente o que estou pensando, um sorriso que diz *se você não gosta disso, a culpa é toda sua*.

Sinto meu rosto queimar, e, quando ele aponta para a cadeira ao lado de sua mesa, eu me sento.

— Ontem à noite, me dei conta de uma coisa — ele diz, puxando uma cadeira e colocando-a adiante da minha; ficam os dois de frente para o outro. Meus olhos estão cravados nos dele. Os longos cílios que parecem escuros demais para as íris de um azul tão pálido. A mecha de cabelo que cai em sua testa e que tenho de me segurar para não afastá-la com a mão.

Engulo em seco.

— O que foi?

Ele se inclina para mim .

— Chuva está de volta — ele sussurra em meu ouvido, e suas palavras, seu hálito, dão choques em minha pele.

Ele sorri e se recosta na cadeira, uma cadeira escolar pequena que parece ridícula sob ele.

— Ela realmente está de volta. Eu não tinha certeza do quanto dela ainda havia em você. Mas o que você fez ontem à noite foi típico dela, não foi? Saindo pela noite para xeretar. Ky-la não teria feito isso.

— Não, não teria — eu digo, e me dou conta de que ele está certo. Eu me udei, e muito. Ainda estou mudando. Minha cabeça está girando. A sala é com o caleidoscópio, tudo se mexendo, se revolvendo. Pisco os olhos, e o mundo, Nico no centro, entram em foco.

— Mas algum a coisa ainda não está certa.

— O que há de errado? — pergunto. — Eu dou um jeito.

— Mesm o? — ele sorri. — Essa história toda com a Tori. A Chuva que conheço não arriscaria expor todo o R. U. Livre para salvar um a garota. Ela teria resolvido isso, e não haveria Tori, ou problem a.

A segurança do grupo é im prescindível: qualquer risco de atrair a atenção dos

Lordeiros deve ser tratado com os meios necessários. Mas será que ela — ou melhor, eu — de fato poderia simplesmente ter torcido o pescoço de Tori? Ou esmagado seu crânio? Tenho uma visão de Tori, com a cabeça esmagada contra um a árvore; me encolho. Não. Eu não seria capaz de fazer algo assim. Seria?

Mas eu quase fiz, só parei porque a reconheci. Pensando bem, as memórias estão fluindo em minha mente — armas, gritos, sangue —, e elas dizem *sim*, Chuva teria feito *qualquer coisa*. E eu nem mesmo gostava da Tori: por que ajudá-la?

— Me diga o que você está pensando — diz Nico, em um tom de voz que não permite rodeios.

— Meus pensamentos estão em conflito — tento explicar. — Com o se houvesse duas vozes na minha cabeça, com ideias diferentes.

Ele balança a cabeça, os olhos pensativos.

— Por favor, explique o que houve comigo — imploro. — Não compreendo.

Ele hesita. Sorri.

— *Eu* tenho algumas coisas para perguntar ainda. Mas irei explicar um pouco.

Às vezes você é mais Ky la, outras vezes mais Chuva. E isso faz sentido. As coisas estão se realinhando. No seu tempo. Chuva irá prevalecer, ela é mais forte.

Uma visão surge sem ser convidada: Lucy, com dedos ensanguentados. E

Nico... segurando um tijolo.

Ofegando, ergo m inha m ão direita num gesto expressivo. Viro-a de um lado para o outro.

— Você fez isto? Para que eu fosse destra?

— Fiz o quê?

— Esm agou os m eus dedos — hesitei. — Os dedos de Lucy.

Os olhos dele se desviam . Há um a pausa: um a batida, duas. Ele torna a olhar para m im .

— Você se lem bra de quando era Lucy ?

— Não. Não exatam ente, apenas alguns sonhos que não fazem sentido. Por favor, Nico: é tudo tão confuso dentro de m im . O que houve com Lucy ? O que houve com a garotinha de dez anos que *eu* fui?

Ele hesita, pensa, e então acena afirm ativam ente.

— Tudo bem . Você era im portante para m im , Chuva. Mas, por estar lutando

pela liberdade, havia sem pre o risco de ser pega. Eu sabia que precisava encontrar um a m aneira de protegê-la se os Lordeiros colocassem a m ão em você.

— Com o?

— Separando você em duas partes, por dentro, para que algum a delas sobrevivesse se você fosse Reiniciada. Chuva era m ais forte que Lucy ; ela sobreviveu.

Quando ele disse aquelas palavras, eu soube. Eu sem pre soube. Eu era um a que se tornou duas: Lucy, com suas m em órias de infância, e Chuva, cuj a vida era com Nico e o R. U. Livre. As peças do quebra-cabeça se encaixavam . Lucy foi feita para ser destra: ela não cooperaria, então Nico a forçou. Chuva era canhota. A form a com o alguém é Reiniciado depende da m ão que costum a usar: a m em ória é acessada pelo hem isfério dom inante e ligada ao uso das m ãos. Mas quem era eu quando fui Reiniciada?

— Ainda não com preendo. Se Chuva era m ais forte e estava no controle, por que os Lordeiros não a reiniciaram , com o se eu fosse canhota?

— Aí é que está a beleza de tudo isso. Chuva escondeu-se quando foi capturada; você foi treinada para fazer isso. Então a parte Lucy dentro de você era dom inante.

— Então, até onde os Lordeiros sabiam , quando m e reiniciaram no ano passado, eu era destra. E eles não sabiam sobre Chuva. Quando eles pegaram m inhas m em órias, só pegaram parte delas.

— Perfeito. Lucy se foi, ela era fraca. Mas você, Chuva especial, sobreviveu ao processo: escondida aí dentro. Esperando o m om ento certo para se libertar.

— E isto — digo, girando m eu Nivo. — Não funciona m ais porque sou Chuva novam ente: canhota. E ele está ligado ao lado errado do m eu cérebro.

— Exato — ele segura m inha m ão esquerda. Gentilm ente beij a a ponta dos m eus dedos. — Me perdoe por ter ferido você naquela época. Mas era a única m aneira de proteger você.

Lucy havia partido para sem pre. É por isso que não consigo m e lembrar daquela vida. A dor da perda m e consome, se espalha pelo vazio que há dentro de m im . Tanta coisa da m inha vida destruída, esquecida. Mas parte de m im ainda

está aqui: Nico m e salvou. Se não fosse por ele, eu teria desaparecido com pletam ente. Eu não teria sequer sabido o que perdi.

— Obrigada — sussurrei. E m e perguntei: se Chuva é m ais forte, Ky la desapareceria tam bém ? Tudo pelo que ela ansiava e se preocupava? Com o Ben?

Posso sentir as lágrimas pingando de m eus olhos e pisco furiosam ente. Não chore. Não na frente dele. Não! E então o m edo luta com a dor: Nico não gosta de fraqueza.

Mas, em vez de ficar zangado, ele segura m inha m ão.

— O que foi? — ele diz, gentilm ente.

Agarro sua m ão. Ela é grande, forte. Ele poderia esm agar a m inha em um instante.

— Ben — sussurro.

— Me diga. Eu sei um pouco, m as m e diga. O que realm ente houve

com ele?

— ele enfatizou o *realmente*, com o se soubesse que havia mais do que a história oficial.

— Foi tudo culpa minha. Fui eu — finalmente falo em voz alta o que estava me assombrando e apodrecia dentro de mim .

— O que você fez? Me conte.

— Eu cortei o Níveo dele. Com um esmaltado.

E, conforme vou contando a ele os fatos, os acontecimentos, Nico puxa sua cadeira para o lado da minha e passa um braço pelos meus ombros. E as imagens preenchem minha mente. A agonia de Ben. Eu fugindo, deixando-o à própria sorte. E o que foi aquilo, exatamente? O que houve com ele? Teria um horrível por causa do que fiz? Ou depois, pelas mãos dos Lordeiros?

— O que houve com ele? — pergunto, meus olhos im plorando por um a chance, um a esperança.

— Você sabe a resposta para essa pergunta — diz Nico. — Você sabe o que os Lordeiros teriam feito com ele se lhe restasse um mínimo de vida.

Concordo por entre as lágrimas.

— E você sabe o que eles fizeram com os pais dele.

— Sim .

— Você sente isso, Chuva? Por dentro. A raiva.

E isso ganha vida, um fogo, com o se o próprio Nico tivesse jogado um fósforo para acendê-lo. A fogueira queima a minha mente, mais quente e violenta do que as chamas que consumiram a casa deles. Do que todas as fogueiras que os Lordeiros acenderam naquela noite.

— Agora me escute, Chuva. Isso não significa que você tenha de esquecer Ben ou o que ele significava para você, ou o que os Lordeiros fizeram aos pais dele.

Nada disso. Apenas use isso; use da forma correta.

Use a raiva.

E ela chega com o um a onda — um fogo que queim a percorrendo cada m úsculo, cada osso. Cada gota de sangue ferve em m inhas veias.

Aperto os braços da cadeira.

— Tem os de fazer os Lordeiros pagarem pelo que fizeram . Eles precisam ser im pedidos!

Nico segura m eu rosto com as m ãos e o inclina. Seus olhos m e estudam , buscando por algo, avaliando. Por fim , ele balança a cabeça. Seu olhar é afetuoso. Um a onda de form igam ento passa por m inha pele, tom a o m eu corpo.

— Sim , Chuva — ele sorri, inclinando-se para m im . Seus lábios tocam levem ente m inha testa. — Mas há um a pergunta que você ainda não respondeu.

Quando conseguiu suas m em órias de volta?

O ataque na floresta. Way ne. As palavras com eçam a se form ar em m inha garganta, para contar a ele o que houve, m as eu paro. Ele fará algo com Way ne se souber. Mas por que estou protegendo Way ne? Não é isso que ele m erece?

— Deveria ter sido quando você deixou Ben e os Lordeiros o pegaram . Teria sido isso; é o tipo exato de traum a. Então por que não aconteceu ali? — Nico fala com o se para si m esm o, com o se tivesse esquecido que estou ali.

Eu m e contorço, desconfortável com sua análise, seu exam e para avaliar m eu

“traum a” e seus efeitos. Mas, se m inhas m em órias não voltaram naquele dia, por que não desm aiei e m orri? Olhei para m eu Nivo inútil.

E então m e lem brei.

— Eu sei — digo. — Foram as pílulas.

— Que pílulas?

— Pílulas da felicidade. Ben as conseguiu em algum lugar — explico.

Om itindo onde ele as conseguiu, nem m esm o sei por quê. Elas vieram de Aiden, que está no DEA: eles coordenam o *site* dos

Desaparecidos em Ação que vi na casa do primo de Jazz.

Nico balança a cabeça.

— Faz sentido. Elas bloquearam a experiência com pleta. Depois, quando elas perderam o efeito, Chuva apareceu.

Ele dá um largo sorriso e ri.

— Chuva! — ele me abraça. — Você sem pre foi minha favorita, você sabe disso.

Meu coração se alegra. Nico nunca se relacionara com uma garota dos tempos de treinamento — não que eu tivesse percebido. Seu poder era absoluto, mas todas nós o desejávamos.

— Agora escute — ele me afasta. — Há algo que você pode fazer por mim .

Você ainda vai às consultas no hospital de Londres, não vai?

Faço que sim .

— Todo sábado.

O hospital Nova Londres, onde fui Reiniciada, é um símbolo do controle dos Lordeiros, um alvo frequente do R. U. Livre; foi para onde me levaram , assim com o inúmeros outros além de mim , e onde deliberadamente apagaram nossas memórias.

— Quero me apas. Tão precisos quanto possível, de cada pedaço do hospital. Por dentro e por fora. Você pode fazer isso por mim ?

— Claro — respondo, ansiosa por atingir os Lordeiros, ainda que de forma tão insignificante. Posso ver o desenho em minha mente sem me esforçar; minha memória e capacidade de me apas as coisas estão tão engrenadas por dentro que...

Uma memória me vem à lembrança. Um treinamento longo e tedioso.

— Você me ensinou isso — digo lentamente. — Com o me orizar posições e lugares, com o desenhar me apas. — As consequências eram terríveis se errássemos: eu me lembro, e estremeço por dentro. Mas não cometo mais erros.

— Sim — ele sorri. — Isso foi parte do seu treinamento. Você

consegue.

— Consigo.

— Agora vá.

Eu me levanto, ele abre a porta e olha para os dois lados.

— Caminho livre. Vá.

Corro pela pista do colégio, sem me sentir segura para encontrar Cam e pegar carona com ele até que me acalm e. Durante os momentos em que estive com Nico, me segurei por dentro.

Eu era sua favorita!

Ele me abraçou. Minha testa ainda está formando onde seus lábios a tocaram .

Ele me salvou.

Tinha tantas razões para estar zangado, mas não estava.

E acima de tudo: *eu sei quem eu sou*. Eu sei de onde vim , e aonde pertenço. O

que preciso fazer. Os Lordeiros falharam . Eu me lembro.

A alegria intensa me enche minha serenidade e eu aumento o passo dando voltas na pista, até que um assovio me tira do devaneio. Me viro.

Cam .

Ele bate palma e eu diminuo o passo, dou mais uma volta para desacelerar e ando até ele.

— Nossa, você corre muito. Era isso que precisava fazer tão desesperadamente depois da aula?

Minha respiração está acelerada. Dou de ombros.

— Às vezes, eu realmente preciso correr — eu digo, sem responder exatamente à pergunta. O que não deixa de ser verdade. Eu apenas costumava correr para manter meus níveis altos. Curiosamente, olhei para o meu nível.

Ainda em torno dos 6: correr costumava fazê-lo subir para 8, mas agora é uma peça sem utilidade.

— Hora de ir para casa?

Faço que sim com a cabeça.

— Desculpe, estou toda suada — digo, com um risinho irônico, depois me lembro de parecer mais gentil. Pelo menos eu tenho a corrida com o desculpa para estar atordoada.

CAPÍTULO 11

— Está pronta? — pergunta-me mãe.

Afasto os olhos do exercício do caderno, que finjo estar fazendo na mesa da cozinha.

— Para quê? — pergunto, minha mente em branco.

— Que dia é hoje? — Ela ri.

E tudo que posso pensar é em Guy Fawkes. Difícil acreditar que ainda é o mesmo dia que comecei antes de o sol nascer com uma casa queimada, e Tori.

— É quinta-feira — ela diz.

— Quinta? — Olho para ela sem entender.

— Grupo, certo?

— Ah, desculpe — me apresso para escovar os cabelos e me calçar. Com o fôlego esquecido? Tanta coisa passando por minha cabeça. O grupo se encontra toda quinta à noite. Todos os Reiniciados da redondeza se encontram com a enfermeira Penny para receber apoio na transição do hospital para a sociedade.

Bah! É mais para nos espionar e observar cada desvio que precise de ajuda.

Mergulho em meus pensamentos. Isso pode até ser verdade, mas Penny é legal.

Ainda assim, é um teste.

Sim. Eu tenho que ser com os outros. Penny ou qualquer outro

ouvido escondido não pode notar nada de diferente ou errado. Rebusco em miminha memória. Na quinta passada, eu estava tão aborrecida por causa de Ben que mal conseguia regular os níveis o suficiente para mim e mim mesma consciente. Ela estará esperando o mesmo esmo.

Foco naquele dia, em ser aquela pessoa, em purrando Chuva e suas memórias para um canto.

Kyla, é com você agora.

O momento de Penny é de um verde-limão cintilante com listras roxas, seu rosto está iluminado. Ela está falando com uma mulher e uma garota, não reconheço nenhum das duas. A garota deve ter uns catorze anos e sorri com o mesmo lunar: recém-Reiniciada. São todos assim no início. Cheios de felicidade porque os Lordeiros roubaram suas memórias, seu passado; porque, não importam os crimes que eles tiverem cometido, eis uma segunda chance em uma nova vida. Eu também era daquele jeito, em momentos que me aioria.

Teriam sido as memórias de Chuva escondidas em mim que sem preme fizeram ser diferente?

Os outros nove estão com o sem pre. Não existe mais Tori; nem Ben. E eu não preciso mais lembrar de ser apenas Kyla, de agir e parecer com ela. Aqui eu *sou* ela. Chuva não pertence a este lugar.

Colocam as nossas cadeiras em círculo e comecem os.

Penny está na frente da sala.

— Boa noite, pessoal!

Todos se olham, indecisos.

— Boa noite — algumas poucas vozes respondem, a seguir o resto das acompanhadas.

— Esta noite quero que deem boas-vindas à Ângela. Ela está se juntando a nós.

E o que vocês fazem agora?

Ela olha para todos, e eu resmungo por dentro, lembrando do meu primeiro dia ali. Foi Tori quem revirou os olhos e disse a todos para se apresentarem, sarcástica. Ben chegou atrasado.

A m em ória m e invade. Salta com o um a pedra sobre a água. Eu posso vê-lo, irrompendo pela porta. De short e um a camisa de manga comprida, colada em seu corpo por causa da corrida. Sem pre correndo. Suspiro.

— Ky la?

Penny se aproxima, a preocupação em seus olhos.

— Você está bem, querida? — ela pergunta.

— Desculpe, me distraí por um momento — ela verifica meus níveis, ergue uma sobancelha quando vê que estão bem, em 5.8. Ela retorna para a frente da sala.

Eu me dou uma sacudida por dentro. Não devo sorrir em exagero, nem me orgulhar em tristeza. O que importa é me manter no *nível*. O que todos os Reiniciados devem fazer, em bora não seja mais o mesmo para mim.

Penny está sorrindo para a garota nova, cujo sorriso é ainda maior. Ela parece tão feliz que não corre perigo de desmaiar com níveis baixos com o costume de acontecer às vezes. O resto deles, também: todos parecem *tão* felizes. Felizes por terem sido pegos pelos Lordeiros, que os fizeram parar de fazer ou dizer o

que não agradava. Lanço um olhar para os rostos extasiados. Será que algum deles era um criminoso *de verdade* com o deveriam ser? Assassinos ou terroristas. Com o eu. Estão felizes. Será que se importam com quem foram? Se minha Reiniciação tivesse funcionado com o deveria, eu estaria sorrindo com eles.

Eu também estaria feliz.

Levo um susto quando uma mão quente aperta meu ombro. É Penny.

— Você pode responder à minha pergunta? — ela reclama.

— Ah...

— Por que estão os aqui?

— Por ser nossa segunda chance?

— Exato, Ky la.

Eu realm ente tenho um a segunda chance — não a m esm a a que ela se refere.

Ela não sabe que eu voltei, que os Lordeiros falharam . Minha Reiniciação falhou.

Guardo o segredo dentro de m im , um a pequena satisfação interior.

Voltando-se para o grupo novam ente, Penny nos diz que vam os praticar uns j ogos. Ela abre um baú, pega desenhos, cartas e um tabuleiro de j ogos. Estam os em núm ero ím par e ela decide que eu e ela farem os um par. Ainda de olho em m im ?

— Você j á j ogou algum desses antes? — ela pergunta, e eu olho no baú para ver o que há lá.

— A m aioria deles. Gosto de xadrez. Costum ava j ogar tarde da noite no hospital: um vigilante m e ensinou.

Ela tira a caixa de xadrez, m e entrega para arrum á-la enquanto verifica os outros alunos. A caixa é de m adeira trabalhada; ela se abre e as peças estão acom odadas lá dentro, um grupo em m adeira clara, outro em escura. Eu os retiro e os alinho no tabuleiro. As torres nos cantos, depois os cavalos, os bispos, o rei e a rainha. A longa fileira de peões na frente, alinhados e dispensáveis. No entanto, com a estratégia certa, o j ogo certo, um peão pode fazer a diferença.

Penny retorna e coloca um a cadeira para que possam os j ogar.

Minha m ão é atraída para um a das m inhas torres: eu a pego. Um *castelo*, diz algo dentro de m im . Você costum ava cham ar de castelo.

Não. Faço cara feia. O vigilante — entediado, obrigado a dar um a de babá tarde da noite quando eu tinha pesadelos — m e ensinou a j ogar. Ensinou os nom es corretos para cada peça, seus m ovim entos, e ficou surpreso com o aprendi a j ogar rápido. Quando deixei o hospital, j á havia até ganhado algum as vezes.

— Ky la? — Penny olha para m im com curiosidade.

Faço esforço para ficar atenta e coloco a peça de volta em sua casa.

Com eçam os.

— Teve um a boa noite? — pergunta m am ãe.

— Foi tudo bem — ela ainda m e olha, querendo m ais. — Jogam os

xadrez.

Penny e eu.

— Quem ganhou?

— Ela.

Não dei tudo de mim no jogo. Continuei tendo essas sensações estranhas conforme tocava as peças. Havia algo no modo com o eu as sentia nas mãos. Eu continuava querendo pegá-las, passar meus dedos pelos cantos e contornos para perceber suas formas apenas pelo toque.

Fingi um bocejo.

— Estou cansada. Vou me deitar.

Mas, já em meu quarto, meu cérebro está a mil.

Minha segunda chance, mas não com os Lordeiros queriam. Minha segunda chance com o R. U. Livre. Para com bater os Lordeiros.

Ainda assim ... o que eu fiz antes com o R. U. Livre? Sem pre que *tento* me lembrar daquela vida, com Nico, ela se acanha e se esconde. As coisas parecem retornar quando não caço ou não procuro. Tento relaxar, deixar a mim mesma flutuar.

Posso ver o campo de treinamento — sim. Mas nada mais. Eu saía em ataques?

Os Lordeiros me pegaram de alguma forma, então devo ter ido. Mas não me lembro de nada.

O rosto de Nico parece pairar e não vai embora. Com ele, esta tarde, foi difícil pensar, saber o que dizer ou fazer. Eu só fui o que ele quis.

Balancei minha cabeça, confusa. Não. Não está certo. É isso o que *eu* quero também.

Em bora esta noite, jogando xadrez, eu me sentisse mais *eu*, seja lá o que

signifique isso. Em minha própria pele. Com o se segurar uma torre na mão fizesse, de alguma forma, as coisas com a se acertar por dentro, a fazer sentido.

Eu me concentro no tabuleiro, as peças trabalhadas, cada uma em sua casa.

Mordo meu lábio. Cada movimento que posso ver terminará na captura de uma das minhas peças. Não me sobraram muitas. Estico a mão e a retraio novamente.

— Não sei o que fazer — admito, finalmente.

— Quer uma dica?

Coloco meus dedos em uma peça e depois em outra. Olhando para os olhos dele.

Ele pisca quando toca no castelo ao lado do rei. Mas não há para onde ir, há poucas casas entre ele e o rei. O rei está numa posição desprotegida e logo estará em perigo. A não ser que...

— Qual é aquela coisa especial que o castelo pode fazer? — pergunto.

— É uma torre, Lucy.

— Parece um castelo!

— Parece, não é? — ele sorri. — Ele pode deslizar até o rei. E então eles trocam de lugar.

— Eu me lembro! — faço como ele diz, eles trocam de lugar, e meu rei está salvo.

O jogo continua. Eu finalmente venço.

Sei que ele me deixou ganhar. Seguro o castelo em minha pequena mão, levo-o para o quarto quando vou dormir. Ele está na mesinha ao lado da minha cama, quando papai me dá um beijo de boa-noite.

Acordo lentam ente; aquecida, feliz, segura. Abro os olhos. A torre desapareceu. Sento rápido, em choque; o quarto se dobra e se contrai, mudando, se tornando o quarto de Ky la novam ente. E não o de Lucy.

Com o posso ainda ter essa m em ória? Deveria ter sido apagada com o resto delas, com o disse Nico. Me sinto confusa. Tive sonhos com Lucy antes, m as nunca algo tão real.

Nunca algo com ela em casa, segura e feliz.

Eu m e agarro ao sonho, m as ele j á está desaparecendo, tornando-se irreal.

Cam baleio pelo quarto e acendo as luzes. Pego m eu bloco de desenho e m eus lápis, e tento diversas vezes desenhar o rosto dele. Para m antê-lo ali.

Mas ele se vai. Eu não consigo. Tudo o que resta é vago e incerto, um a m era percepção de tam anhos e proporções. Sem detalhes, sem características que pudessem ser reconhecidas com o individuais.

Desisto da tarefa im possível de desenhar o pai de Lucy. Meu pai. Em vez disso, com eço com Ben. Agora que os pais de Ben se foram , não há m ais ninguém para se lem brar dele. Olharei para o desenho dele todos os dias. Dessa form a eu não o esquecerei: sem pre vou m e lem brar dele quando vir seu rosto.

E há algo m ais que eu posso fazer. Lucy m e lem brou.

Há um a últim a chance.

Um a últim a m aneira de tentar descobrir o que houve realm ente com Ben: DEA.

CAPÍTULO 12

— Você não quer ir com o Cam eron? — Am y sorri. Na verdade, é m ais um a risadinha debochada. — Ele é um fofo, você não acha?

— Não! Quero dizer, não, não quero ir com o Cam eron.

— Então você concorda que ele é um fofo.

Eu reviro os olhos e m e sento no banco traseiro do carro de Jazz.

Eu tinha dito a eles que não m e esperassem ontem , que eu voltaria para casa com Cam . Mam ãe não sabia e provavelm ente não aprovaria. Não necessariam ente por causa dele, m as por Am y e Jazz ficarem sozinhos: eu sou a dam a de com panhia deles. Bah! Eu j á expliquei isso ao Cam para que ele não pense que passou a ser m eu m otorista. Principalm ente hoj e, quando tenho planos dos quais ele não faz parte.

Pegam os a estrada antes que eu pergunte.

— Jazz, você acha que podem os visitar Mac hoje e depois do colégio?

— Claro — ele responde, e é só isso. Mac é o primo de Jazz; foi no com putador ilegal em seu quarto dos fundos que eu descobri sobre Lucy e sobre o DEA. Será que eles podem encontrar Ben?

Am y com eça a tagarelar sobre as fofocas de ontem no consultório médico. Eu

me desligo, mas algo chama minha atenção.

— Am y, o que foi isso? — pergunto, na dúvida se ouvi direito; se queria ouvir.

— Sabe aquele homem de que lhe falei, o que eles encontraram espancado e que estava em coma? Ele acordou lá no hospital.

Meu coração parece parar por um instante, uma agitação no fundo do peito.

Tente parecer despreocupada.

— Ele disse alguma coisa? Sobre o que aconteceu com ele?

— Ele estava bem fora de si, segundo a enfermeira do centro cirúrgico, que tem uma amiga que trabalha no hospital. Deve ter tido uma néquia por causa dos ferimentos na cabeça. Os Lordeiros foram falar com ele, mas desistiram porque ele falava coisas sem sentido.

Conte ao Nico!

Mas e depois, o que vai acontecer? Depois que passar a raiva por ser a primeira vez que ele ouve a respeito. Após ele superar que eu não tenha contado sobre o ataque ao Wayne quando me perguntou o que havia desencadeado a volta de minhas memórias. Wayne é um risco: se ele falar sobre o que eu fiz, os Lordeiros virão me pegar. Nico cuidará dele de um jeito ou de outro. E, nesse caso, cuidar significa matar. E depois ele terá que cuidar de mim.

Não farei isso.

Meus instintos protestam contra um risco tão grande. Melhor esperar para ver, talvez Wayne não se lembre de nada.

Mas talvez se lembre.

Naquela tarde, nos enfileiram os no corredor para a reunião do

segundo ano.

Cada um pega o seu lugar sem correria, num silêncio mortal. Na frente da sala está a razão: Lordeiros.

Sinto um arrepio gelado que desce pela minha coluna quando olho para eles.

Não encare.

Luto para desviar o olhar. Esses Lordeiros eu conheço: agente Coulson e seu ajudante. O olhar frio de Coulson varre a sala, e eu luto para afastar o meu, mas ele está travado. O que Coulson está fazendo aqui?

Coulson não é um Lordeiro qualquer; ele é algo mais. Ficou óbvio quando eles vieram e interrogar assim que Ben desapareceu. Para com isso, eles tiveram

cuidado em escolher quem enviariam por causa da mãe. Eles queriam ter certeza de com o que seria tratada a filha do herói dos Lordeiros — William Armstrong, Primeiro Ministro, antes que o R. U. Livre explodisse junto com a esposa. Mãe podia não estar envolvida em política agora ou não explorar seus contatos (pelo menos, que eu tenha visto), mas, ainda assim, eles não fariam ou diriam algo que não pudesse ser explicado se necessário. Ela tinha sido a única razão, tenho certeza, para eu não ter sido arrastada para uma inquisição nada gentil.

Mas, mais do que isso, Coulson exala certo poder cauteloso. Ele não é só um valentão desagradável, em bora eu tenha certeza de que ele seria se a ocasião permitisse. Tudo nele era friamente calculado.

Os olhos dele descansavam sobre mim. Gotículas de suor brotavam em minha testa.

Olhe para o outro lado!

Desviei o rosto e baixei os olhos. Resisti ao impulso de olhar novamente, para ver se ele estava encarando.

Ele é só um homem. Um homem desagradável.

Ele sangraria vermelho como todo mundo. E era isso que deveria acontecer com ele!

Com eça a reunião. O diretor fala em tom m onótono sobre as conquistas dos alunos, depois passa seus avisos de sem pre. Conselhos para alcançar o seu potencial... ou algo assim .

Mas estou longe dali.

Em m inha im aginação, é Coulson quem arrasta o corpo destruído de Ben para longe de sua m ãe.

É Coulson quem segura o fósforo. E o lança sobre a casa de Ben.

É Coulson quem arranca Lucy de sua fam ília.

O ódio m e tom a por dentro. Ódio ardente, perturbado. Do lado de fora, m eu rosto está calm o, atento; por dentro é bem diferente.

Se eu tivesse um a arm a em m inha m ão agora, eu a levantaria. Atiraria nele.

Ele m erece. Todos eles m erecem .

A dureza do banco onde estou sentada, a m onotonia da voz do diretor e o

corredor cheio de estudantes atentos com eçaram a se esvanecer. Minhas m ãos seguram firm e em um m etal gelado, m eus olhos m iram cuidadosam ente no alvo. O dedo indicador puxa o gatilho. Um a explosão, a arm a dá seu coice de volta em m inhas m ãos. A m unição voa pela sala rápido dem ais para que olhos norm ais a sigam , m as os m eus assistem ao seu traj eto até o alvo.

Ela atinge o peito dele. Seu coração explode: um a onda verm elha se espalha em todas as direções, com o quando um a pedra é lançada em águas tranquilas.

Ele cai.

Eu sorrio, e então m e dou conta de que a reunião acabou; estão todos saindo da sala. Eu m e levantei e os segui sem perceber. Cam se afastou do seu tutor e cam inha ao m eu lado. Ele deve pensar que sou totalm ente louca para sorrir, aqui e agora.

E sou.

O feitiço — se houve um feitiço — se quebrara. Nos aproxim am os das portas do corredor. O outro Lordeiro está lá, olhando os alunos saírem , um por um .

Coulson está na frente, de guarda na porta. Estou aliviada. E então o alm oço revira em m eu estôm ago conform e as im agens do corpo ensanguentado de Coulson se repetem em m inha m ente.

— Você está bem ? — sussurra Cam quando saím os do corredor. — Você ficou pálida.

Apenas balanço a cabeça, corro para o banheiro do prédio seguinte e vom ito, várias vezes. Quando tenho certeza de que não há nada m ais para sair, j ogo água em m eu rosto e olho para o espelho.

Que diabos houve aqui?

Minhas m ãos estão trem endo. Eu não sou essa pessoa, eu não poderia fazer aquilo. Poderia? Eu não choraria se ele m orresse, m as não por m inhas m ãos.

Mas então para que foi todo aquele treino?

E as visões flutuam por m inha m ente com o um film e em velocidade acelerada. Aula de tiro. Alvos. Facas e seus usos. Girando rápido. Foi um tiro, o m elhor da m inha unidade. Um a unidade que, por si só, j á era a m elhor.

Não!

Sim. O que é ser uma terrorista? Discussões políticas em uma mesa de chá?
Os

Lordeiros são maus. Ele merece morrer. Todos eles merecem.

Olho para m inhas m ãos. Posso sentir o peso gelado de um a arm a ali. Eu sei o que fazer com um a. Ele m erece m orrer. Por que não?

CAPÍTULO 13

— Vou lhe contar um segredo — Jazz está sorrindo, então deduzo que não sej am m ás notícias.

— Qual?

— Antes de você pedir esta m anhã, eu j á estava planej ando ir ao Mac de qualquer form a. Ele tem um a surpresa para você.

Meu estôm ago dá saltos. Jazz ainda está sorrindo, ele deve saber o que é, e deve ser coisa boa.

— Não é o Ben, é? — sussurro. Sabendo que não seria, que não poderia ser, mas incapaz de impedir a mim mesma de fazer essa pergunta.

O sorriso de Jazz se desfaz.

— Sinto muito, Ky-la. Se eu descobrir algo sobre ele, você será a primeira a saber.

Me recosto em seu carro, incapaz de controlar a onda de desapontamento, ainda que irracional. Aiden prometeu que enviaria notícias através de Mac se descobrisse algo sobre Ben — então meu cérebro instintivamente deduziu isso.

Grande erro.

Am y aparece no estacionamento. Ela vem até nós e coloca o braço em volta de Jazz. Ele se vira e a beija, enquanto tento não olhar.

— Você está bem? — ela me pergunta.

— Estou.

— Um amigo minha viu você correndo para o banheiro, parecendo enjooada.

— Ah. Eu só tive um pouco de estômago, nada demais. Estou bem agora.

— Tem certeza de que não quer ir direto para casa?

— Tenho!

— Não fique tão zangada! Já estão indo.

— Às suas ordens, senhoras — anuncia Jazz, abrindo a porta do carro.

Seguimos pelas rodovias, através de campos gramados. Passamos por fazendas e bosques até a casa de Mac. Ela fica depois da descida de uma pista

estreita, isolada. Seu enorme quintal dos fundos está cheio de pedaços de carros que ele desmonta e salva por partes, para construir novos carros. Com o que ele fez para Jazz. Mas ele não é apenas um mecânico.

Qual seria a surpresa?

A surpresa se lança sobre mim quando entram os pela porta da frente na casa de Mac.

Sky e! A cadela de Ben, um a linda golden retriever que salta e cobre meu rosto com beijos e lambeduras e entusiasmos. Eu me ajoelho e a abraço, me orgulhando meu rosto em seu pelo. Pelo que cheira a fumaça.

Jazz leva Amy para um a caminhada, para ficar a sós com ela, com o sem pre.

Mac observa a mim e a Sky e, o rabo dela batendo no chão, me esparrama em meu colo. Algo se esconde por trás do olhar cuidadoso no rosto de Mac.

— Com o? — pergunto. Um a única palavra com tanto significado. Com o foi que ela sobreviveu? Com o a cadela de Ben foi parar na casa de Mac?

Mac se senta ao nosso lado, no chão. Ele acaricia as orelhas de Sky e ela se esparrama entre nós, sua cabeça em meu olho.

— É a primeira vez que vejo esta cadela feliz desde que chegou aqui ontem à noite.

— Você sabe o que houve?

— Em parte. O resto posso deduzir. O que não consigo entender é com o você não parece surpresa de vê-la aqui e por que você é quem está me perguntando se sei o que aconteceu.

— Eu ouvi coisas — explico, cauteloso.

Mac levanta um a mão.

— Você não precisa me contar com o sabe sobre os pais de Ben. Você sabe, não sabe?

Afirmo com a cabeça e me abraço a Sky e novo.

— Sky e é um a cadela de sorte.

— Sim. Primeiro perde o garoto que ama, depois o resto de sua família: muita sorte.

— Ela é um a sobrevivente. Não sei se ela estava do lado de fora, se saiu, ou o quê. Mas o amigo de Jazz a encontrou no dia seguinte, e

Jazz a trouxe para cá.

Nenhum dos vizinhos queria ser visto com ela no caso de algum oficial se ofender por ela ter escapado — pela forma com o ele diz isso, percebo que ele pensa sobre isso tanto quanto eu.

— Espere aqui — ele diz, se levantando para ir à cozinha. Retorna um momento depois com uma tigela nas mãos. — Vejamos se consegue fazê-la comer.

E então eu sento no chão com Sky e com metade do corpo no meu colo, e alimento com pedacinhos de carne. Ela come um pouco, depois fecha os olhos e dorme.

O calor de seu corpo e o cheiro de cachorro, me esmaga com um toque de fumo, são gostosos, reais, e não quero sair dali. Mas tenho outros assuntos com Mac. Eu tiro das minhas pernas com cuidado e o encontro na cozinha.

Prendo a respiração ao ver a coruja no topo de um armário: a escultura de metal que a mãe de Ben fez para mim a partir de um desenho meu. Tão linda, e mortal. Ela tinha tanto talento, e isso é tudo que restou agora. Passo as pontas dos dedos pelas penas; por dentro, a dor está brotando, querendo sair.

Luto para contê-la, segurá-la dentro de mim. Estou aqui por uma razão.

— Posso ver o DEA? — pergunto.

Mac me olha desconfiado, depois concorda. Eu o sigo até o quarto dos fundos e ele descobre seu computador altamente ilegal, não governamental. Ele não bloqueia os sites que os Lordeiros não querem que sejam vistos, com o fazem os computadores legais. Logo o site do DEA preenche a tela: Desaparecidos em Ação. Cheio de crianças desaparecidas.

Foi quando perguntei ao Mac sobre Robert que ele me mostrou esse computador pela primeira vez. Robert, o filho da minha mãe que está no memorial do colégio com o tendo sido morto em um ônibus com trinta outros alunos no meio de um ataque do TAG. Mas Mac também estava lá. Ele sabe que Robert não morreu no ônibus, e acha que ele provavelmente foi Reiniciado. Foi quando ele estava me mostrando no DEA quantas crianças desaparecem sem explicação neste país que vi Lucy pela primeira vez. Eu.

Preciso fazer isso, verificar novam ente. Entro na caixa de busca: garota, loira, olhos verdes, dezessete anos. Clico no botão de busca.

Páginas de resultados aparecem e não dem ora para que eu a vej a e clique em

sua im agem para aum entar a visualização.

O rosto dela — m eu rosto — enche a tela. Lucy Connor, dez anos de idade, desaparecida da escola, em Keswick. Já se passaram sete anos, m as ainda se pode ver que sou eu. Ela parece absurdam ente feliz, sorrindo para a câm era, com seu gatinho cinza no colo.

Um presente de aniversário.

Prendo a respiração ao m e dar conta. O gatinho era o presente dela — o m eu presente — de aniversário de dez anos.

— Você está bem , Ky la? — pergunta Mac.

Meus olhos se enchem de lágrim as. Nunca tinha tido um a lem brança assim ; a vida de Lucy era apenas um a im agem em m inha m ente. Sem pre. Fragm entos de sonhos. A m aioria pesadelos horríveis, até o sonho sobre o j ogo de xadrez da outra noite. Mas os sonhos acessam o inconsciente. Desta vez eu estava acordada.

Ela deveria ter desaparecido, por com plete; foi o que Nico disse. O que isso pode significar?

Mac coloca a m ão sobre a m inha.

— O que foi?

— É que por um instante achei que m e lem brei de algo. Aquele gatinho —

suspirei. — Devo estar ficando louca.

— Você m udou de ideia sobre o DEA? — ele pergunta e olha para a tela. Eu acom panho seu olhar. Há um botão para “encontrado”. Um clique com o *mouse* e eu poderia descobrir. Quem deu queixa do desaparecim ento de Lucy ? Talvez m eu pai. Talvez possam os j ogar xadrez novam ente.

Balanço a cabeça. Não. Minha vida j á é bagunçada o suficiente, e, a não ser por alguns fragm entos de sonhos, não sei nada sobre m inha fam ília real. De qualquer form a, não posso arriscar que o R. U. Livre

ou os Lordeiros me sigam e cheguem até eles. Eles estão me elhor sem
me im .

Hora de ir ao assunto que me levou até ali.

— Você está envolvido com o DEA?

— Eu sou mais um ... propagador do que qualquer outra coisa. Por
quê?

— Eu estava pensando. Você poderia colocar o Ben no DEA?

Mac olha para me im . Ele sabe a história de Ben, mais ou menos.
Mesmo que

ele não saiba meu papel nisso tudo. Que Ben foi levado pelos
Lordeiros. Ele deve pensar que será uma perda de tempo, que não
sobrou nada de Ben para ser encontrado. Ele provavelmente está
certo.

Mas ele concorda.

— Claro. Você tem uma foto?

— Não. Mas eu tenho isto — digo, tirando do bolso o desenho que fiz.
Levei horas, para que ele ficasse o mais realista possível. — Você acha
que está bom o bastante?

Ele assovia.

— É mais do que bom ; é ele. É perfeito. Mas tenho de escanear, e
não tenho com o fazer isso aqui. Vou pedir ao Aiden. Tudo bem ?

Forço uma reação em meu rosto, escondendo o desânimo.

— Obrigada — é tudo o que eu digo. O amigo de Mac, Aiden, foi
quem deu a Ben a ideia de cortar o Nivo. Foram as pílulas da
felicidade de Aiden que tornaram aquilo possível. Também foi ele
quem quis que eu me reportasse com o encontrado para o DEA, o que
seria quebrar uma das regras dos Reiniciados, e o que certamente
me levaria à sentença de morte se os Lordeiros descobrissem .

Ele disse que não era um terrorista, mas um ativista, tentando mudar
as coisas de outra forma.

Um inútil.

Talvez. Mas ao mesmo ele não mata pessoas. Mais cedo, ao pensar no Robert, me lembro de todos aqueles estudantes que me orreram. Atingidos por bombas do TAG destinadas aos Lordeiros. Tive pesadelos com aquele ataque ao ônibus quando soube disso, mas eu não poderia ter estado lá! Eu tinha apenas dez anos de idade quando aquilo aconteceu.

Mas pode ser que Nico estivesse.

Não. Nico jamais faria aquilo, não em um ônibus escolar cheio de crianças.

Ele não faria. Sua luta é contra os Lordeiros. *Minha luta.*

Convenço Mac de que estou bem e ele me deixa sozinha para que me recomponha. Fico olhando para Lucy na tela. O que houve com ela? Não consigo entender. Num momento ela é uma garotinha feliz com um gatinho e um pai que a deixa ganhar no xadrez. E no momento seguinte? Balanço a cabeça. A menina de

dez anos desaparece e então, de alguma maneira, há um enorme salto, um vazio no tempo. Assim como órias de Chuva não comem até os catorze anos, treinando com Nico e outros adolescentes, em algum momento na floresta.

Aprendendo a atirar e explodir as coisas.

O que houve com ela nos quatro anos antes de ser levada para aquele lugar?

Am y e Jazz voltam de sua caminhada. Ao sair, toco na coruja que a mãe de Ben fez para mim. Ela guarda um segredo em seu interior. Um bilhete de Ben, ainda escondido ali. Sabendo para onde olhar, posso ver a pontinha branca, o canto do papel que, se puxado, revela as últimas palavras dele para mim. Mas não consigo suportar olhar para isso, não hoje.

Mac segura Sky e quando ela tenta vir conosco. Olho para trás. Seus olhos ternos nos seguem até que ela esteja a longe de vista.

Árvores verdes, céu azul, nuvens brancas, árvores verdes, céu azul, nuvens brancas...

Mas diferente.

Campos de grama alta. Margaridas. Tantos detalhes, movimentos e sons,

como nunca vi antes. Árvores, mas não por baixo: galhos altos passam por mim conforme mergulho. Um barulhinho sugere que haja um camundongo por ali, mas, quando me aproximo, ele desapareceu.

Não faz mal.

Bato minhas asas e subo novamente, o sol aquece minhas penas. Eu deveria me esconder, esperar pela escuridão para caçar melhor.

Mas quero voar até o sol. Deixar esta terra para trás. O quão alto posso voar?

Voo a céu aberto: planando em uma massa de ar quente, depois bato as asas para alcançar a próxima. Praticamente não me esforço, subo cada vez mais alto. Posso voar para sempre.

As árvores se fundem com os campos e formam um verde uniforme. É quando acontece. Primeiro um senso cada vez mais forte de obstinação, que faz com que minhas asas trabalhem mais. Depois uma armadilha. Como se meu corpo estivesse dentro de uma caixa em forma de coruja que gradualmente se comprime e diminui, ficando mais apertada e pesada, não importa o quanto eu lute. Até que não é mais carne e asas dentro de uma armadilha, mas tendão e sangue e

músculo, todos se afinando lentamente, enrijecendo. Transformando-se em metal.

A armadilha não está a minha volta. A armadilha sou eu.

O céu não é mais meu amigo. O ar passa assoviando, e as árvores se aproximam rapidamente. Começo a cair, cair, cair...

CAPÍTULO 14

Na manhã seguinte, amanhã está nos levando de carro pelas ruas de Londres, que agora vejo com outros olhos.

Vejo o perigo. Próximo ao hospital há Lordeiros de uniforme e preto em cada esquina. Estão em dupla ou trio: há mais deles agora do que da última vez que estive ali. Com metrôalhadoras. Vejo os sinais de conflito: janelas lacradas, prédios destruídos e abandonados entre outros cheios de vida. E, acima de tudo, vejo os danos reais, os olhos de um povo massacrado. Na forma com os seus cidadãos se controlam, para onde eles olham, para onde não olham. É bem pior em Londres do que no interior.

— Tudo bem ? — pergunta m am ãe, e eu faço que sim . — Seu pai estará em casa quando voltarm os; ele ligou m ais cedo — ela fala com casualidade, tanta casualidade que parece planej ado.

— Há algo errado? — pergunto, as palavras saindo antes que eu possa im pedi-las.

— Por que pergunta?

— Você fica engraçada quando fala dele, só isso — e lem bro com o ela m udou de assunto da últim a vez em que o nom e dele foi m encionado.

Ela não responde, seus olhos estão direcionados para o trânsito em frente; com eço a achar que ela não irá responder.

— Coisas de adultos — ela suspira. — É com plicado, Ky la — é tudo o que ela diz.

Seguim os em silêncio até que o hospital surge à nossa frente. Um a enorm e ferida na paisagem , entre prédios antigos e ruas sinuosas: um a m onstruosidade m oderna. Esse hospital é um sím bolo do poder dos Lordeiros: é um alvo óbvio, onde o processo de Reiniciação ocorre.

Estudo os núm eros e as posições das torres no perím etro. Prom eti a Nico m apas precisos de dentro e de fora. E é o que vou fazer. Qualquer um poderia

fazer anotações sobre aquele lugar, e tenho certeza de que isso j á aconteceu. O

m esm o para a organização interna. Alguém do corpo m édico ou outro funcionário poderia ser com prado. Nico quer confirm ação de olhos que ele tenha treinado; olhos em que confia. Os m eus.

Seguim os para a entrada principal e entram os na fila. Lordeiros revistam os carros j unto aos portões. Os visitantes são obrigados a sair e passar a pé por um detector de m etais antes de voltar para o carro e dirigir até o estacionam ento.

Sinto m eu estôm ago dar voltas. E se Nico estiver errado e o com unicador da parte interna de m eu Nivo não for indetectável? Talvez eu devesse tê-lo tirado antes de vir. Será que é possível tirá-lo? Eu não tentei.

Seguim os em frente devagar. Finalm ente é a nossa vez; o Lordeiro deste lado do portão ergue a m ão para pararm os. Ele faz um gesto de deferência para m am ãe, com o filha do Lordeiro herói: a m ão toca o coração, depois se ergue.

Um ar de desculpa em seu rosto por desta vez term os de obedecer, com o todo m undo.

Saím os do carro; m eus pés são com o chum bo quando ando até o detector de m etal. Um alarm e dispara quando m e aproxim o, e quase entro em pânico, até m e dar conta de que se trata de m eu Nivo. Um Lordeiro com um escâner de m ão m e faz estender os braços e o passa pelo m eu corpo. O aparelho apita novam ente próxim o ao m eu Nivo, e o hom em m e faz sinal para seguir em frente.

Foi só isso? Por dentro, solto um suspiro. Não é óbvio que o único local para se esconder m etal em um Reiniciado é no seu Nivo? E se fosse um explosivo?

No entanto, o com unicador está bem disfarçado. Se eu não soubesse que ele está aqui, eu não conseguiria encontrá-lo ao tocar. E acho que não seria possível ter algo assim na m aioria dos Reiniciados. Se o Nivo deles estiver funcionando direito, colocar o com unicador causaria dor e queda dos níveis.

Retornam os para o carro e dam os um a volta no hospital para estacionar. Meus nervos estão à flor da pele: será que passo pela inspeção da doutora Ly sander? Eu a vej o todo sábado; ela vasculha m inha m ente. Faz um a sondagem , buscando por frestas. Lugares onde sou diferente dos outros Reiniciados.

E estou *tão* diferente agora. Com o disfarçar isso?

Ela é inteligente, a pessoa m ais esperta que j á conheci. Ela vê o que tentam os esconder.

Simples. Não esconda nada. Fale com ela sobre a terrorista dentro de você.

Ah, claro.

Eu preciso ser Ky la, a garota que ela conhece, e apenas ela. Ninguém m ais.

Foco, m e concentro, penso em Ky la.

— Ky la? — doutora Ly sander está de pé em frente à porta de seu escritório.

— Entre.

Eu me sento na cadeira oposta à mesa dela, feliz pela porta fechada atrás de mim : há um guarda na sala de espera com o da outra vez. Eles devem estar em alerta para o caso de um novo ataque.

Quando o último aconteceu — muitas semanas atrás —, a doutora Ly sander foi arrastada dali ao primeiro sinal de problema. Ela desapareceu antes que os terroristas viessem com sua manobra. Um deles me apontou uma arma e seu colega lhe disse para não desperdiçar uma bala em uma Reiniciada. Para onde a levaram e a esconderam tão depressa?

Ela dá alguns toques na tela de seu computador. Olha para cima.

— Você parece pensativa. Talvez possam os comçar hoje e com você me contando o que a preocupa.

A verdade, mas não muito; mentir para a doutora Lysander é por sua conta e risco.

— Eu estava pensando em toda a segurança que vim os pelo caminho até aqui.

— Ah, entendendo. Isso preocupa você?

— Sim .

Hoje, realmente isso me preocupou.

— E por que você acha que isso acontece?

— Eu me sinto com o se eles fossem me arrastar e prender.

— Consciência pesada? — ela ri, pensando ser engraçado. Reiniciados nunca fazem nada errado. Quase nunca, mas... e Ben? De qualquer forma, se ser Reiniciado significa não oferecer perigo a si mesmo ou nem aos outros, então por que somos os observados e monitorados com tanto cuidado?

Eu sou diferente. Agora ainda mais, mas eu sempre fui. É por isso que ela é

minha médica? A doutora Ly sander é famosa; a inventora do

processo de Reiniciação. Em todas as vezes em que a encontrei, nunca houve outro paciente em sua sala de espera. E, mesmo sem entender o motivo para eu ser diferente, ela de alguma forma sabe que há algo errado, e tenta descobrir com o e por quê.

Nem mesmo ela é capaz de compreender o grau de diferença, as implicações. A bomba-relógio que eu era, que sou.

Uma bomba terrorista, com aquela que atingiu o ônibus de Robert.

Meu estômago dá voltas.

— O que foi, Ky-la? Me diga o que está incomodando você.

— O ataque terrorista que houve aqui — respondo.

Ela inclina a cabeça para o lado, analisando minhas palavras.

— Você ainda está pensando naquele dia? Não tenha medo. Você está a salvo aqui, eu garanto. A segurança aumentou consideravelmente — a forma com a qual ela diz isso: ela pensa que eles irão longe, sendo tão cautelosos. Ela está errada.

Descubra.

— Você está falando dos novos portões de segurança pelo qual passam os a pé?

— Sim, entre outras coisas. Coisas tecnológicas. O hospital está totalmente protegido.

Como?

Mas não posso perguntar. Curiosidade excessiva não é uma característica de um Reiniciado.

Então eu vejo. Noto que o telefone e o interfone que estão sobre a mesa mudaram: não são mais sem fio, muito pelo contrário. O computador também: uma serpente de fios desce por ele e passa por toda a sala, atravessando a parede em um canto. Mas isso não é uma tecnologia antiga?

Ela digita algo na tela. E olha para mim.

— Recebi relatórios conflitantes do seu colégio.

— É?

— Aparentem ente você tem estado tanto distante e deprim ida, quanto feliz e transbordando energia, às vezes, tudo ao m esm o tem po — ela dá um risinho. —

Se im porta de m e explicar isso?

— Eu não sou a m esm a pessoa o tem po todo — a coisa m ais verdadeira que

disse até agora.

— Ser adolescente pode ser duro às vezes. Ainda assim , gostaria de agendar alguns exam es, ver com o estão as coisas. Talvez na próxim a vez.

Eles devem conseguir ver que os padrões de memória mudaram. Exames devem ser evitados!

Mas com o?

Doutora Ly sander fecha o com putador, cruza as m ãos e m e olha.

— Me diga, Ky la. Você tem pensado ainda nos assuntos que conversam os nas últim as visitas?

— Com o assim ? — tento ganhar tem po.

Ela ergue um a sobrancelha.

— Estávam os falando sobre ser diferente. Um desvio. O que está acontecendo dentro e fora de você que foge do com um . Você disse que pensaria a respeito e conversaria com igo.

Dê algo a ela.

— Às vezes... — engulo em seco. — Acho que m e lem bro de coisas. Que não deveria lem brar.

Ela reflete.

— Isso não é incom um com os Reiniciados. É hum ano abom inar o vazio, a ausência de acessibilidade da m em ória. Inventar coisas para preenchê-la. No entanto...

Ela faz um a pausa, pensativa.

— Me diga do que se lem bra.

Sem querer, sem pensar ou escolher algo real ou inventado, vou direto para o tem a que quero guardar com igo e não dividir. A doutora Ly sander causa esse efeito.

— Me lem bro de j ogar xadrez com o m eu pai. Meu pai verdadeiro. Foi há m uito tem po, m inhas m ãos são pequenas. Eu era m uito nova.

— Me fale sobre isso — ela pede, e eu obedeço. Conto tudo.

A sensação da torre em m inha m ão. A sensação de calor e segurança quando acordei.

— É apenas um sonho, provavelm ente — ela diz.

— Talvez. Mas foi tão detalhado. Parecia tão real.

— Os sonhos podem ser assim às vezes. De qualquer form a, fico feliz que tenha deixado os pesadelos de lado — ela sorri e olha para o relógio. — Quase na hora — ela diz. — Há algo m ais que queira falar?

Deixe-a curiosa.

Hesito um instante. Depois balanço a cabeça.

— Tem algum a coisa: m e conte.

— Foi um pouco antes desse sonho, eu estava j ogando xadrez. E fiquei pegando a torre, para senti-la.

Ela se inclina para a frente.

— Você se sentiu atraída para segurá-la?

Fiz que sim .

— Isso é interessante. Talvez um resquício de m em ória física? Que desencadeou o sonho, um a invenção do subconsciente, m as, ainda assim , m uito interessante.

— Não entendo. Se um a m em ória se foi, se foi. Não é? — eu sei que deveria deixar isso de lado, não deveria fazê-la dar m uita atenção a isso, m as não posso evitar. *Eu quero saber.*

— Isso é o que a m aioria das pessoas acha que acontece aos Reiniciados. Mas não é m uito preciso — ela se recosta. — É m ais ou

m enos isto, Ky la: sua capacidade de acessar conscientem ente as m em órias é que foi destruída. As m em órias ainda estão lá, você só não consegue alcançá-las.

Ainda estão lá? Presas com o Chuva atrás da parede. Isso significa que Lucy está em algum lugar dentro de m im ainda, gritando para sair? Dou de om bros.

— É por isso que as coisas aparecem nos sonhos? Minha m ente consciente não chega até lá, m as quando durm o... — eu paro, não gosto do rum o que isso está tom ando; não gosto do que ela pode pensar. Reiniciados não têm m em órias, acordados ou dorm indo. Têm ?

— É m uito raro isso acontecer. É m uito m ais provável que seus sonhos sej am inventados nessa sua im aginação fértil — ela tam borila os dedos na m esa por um m om ento. — Vam os deixar os exam es para lá. Por enquanto. Agora vá.

Só depois de voltar ao carro com m inha m ãe e depois de nos afastarm os do hospital, consegui pensar direito. O que houve? Num m inuto a doutora Ly sander queria exam es, no outro não queria m ais.

Se estou acessando antigas m em órias, e esses cam inhos aparecem nos exam es, ela não teria escolha a não ser m e denunciar. Eu seria exterm inada.

Mas, se a doutora Ly sander percebe que algo deu errado com a m inha Reiniciação, o que ela pode fazer? Penso em nossa conversa, o que foi dito, e não dito; as expressões do rosto dela. Tudo o que pude perceber é que ela está curiosa.

Ela não pode me estudar se eu estiver morta. Ela quer saber o que me faz funcionar.

Funcionar fazendo tique-taque com o um a bom ba.

CAPÍTULO 15

O carro de papai está em frente de casa quando chegam os. Ele e Am y estão de braços dados no sofá segurando xícaras de chá quando entram os.

— Minhas outras duas garotas! — ele diz, sorrindo e estendendo um a m ão. Eu

vou até ele. — Dê um beijo na bochecha do seu pai — ele diz, e, sem alternativa, obedeço.

Ele está de bom humor hoje.

— Sente-se, Ky-la. Vou fazer algum coisa para a gente beber — diz mamãe, entrando na cozinha. Nada de beijos na bochecha da parte dela.

Lá vem a tortura.

— E então, com o que está no colégio?

— Legal.

— Quem é esse garoto novo sobre o qual tenho ouvido falar? — ele pisca um olho.

Eu me viro para Amy. *Muito obrigada*, digo com os olhos. Mas ela apenas sorri, desviando-se do olhar que lanço a ela.

Amy não parece entender que algumas coisas devem ser ditas, outras não.

Logo quando cheguei aqui, costumava ser eu a ter esse problema em relação a ela e Jazz, antes de eles terem permissão oficial para se encontrar. Mas, quanto mais eu entendo, menos com preendo o que há com Amy.

— Que garoto novo?

— Cameron, é claro — ela solta uns risinhos.

— Ele é só um amigo, nada demais. O tio dele faz bolos incríveis.

— Você podia fazer um bolo para nós de vez em quando — ele diz, falando na direção da cozinha. Mamãe não responde, mas as xícaras de chá batem umas nas outras na bancada.

— Onde você estava? — pergunto, antes que ele me faça outra pergunta.

— Ah, aqui e ali. Trabalhando, sabe — ele sorri; percebo que ele está muito satisfeito, e qualquer coisa que o anime tanto assim me deixa nervosa.

Alguém bate à porta quando mamãe chega com nosso chá. Ela se

vira para atender, m as papai se adianta.

— Pode deixar.

Ela se largou num a cadeira de braço, as m ãos segurando a xícara com força.

Ela não está *nem um pouco* feliz.

Sebastian está dorm indo no sofá preto. Eu o pego e coloco no m eu colo. Ele protesta sonolento e então se larga, seus olhos encontram os m eus. Um sorriso

sem graça. Terapia felina.

— Ora, ora, vej am quem está aqui — papai retorna, seguido por Cam . Eu resm ungo internam ente. Ele é um m estre da hora certa.

Ele tem um capacete de ciclista pendurado na m ão.

— Está um dia lindo; quer dar um a volta de bicicleta? Você pode usar a da m inha tia se não tiver um a.

Um pretexto?

Melhor parecer neutra.

— Acho m elhor eu ficar. Papai acabou de voltar.

— Não, não; pode ir — diz papai. — Divirta-se — ele sorri, am igável, aberto, atencioso. Esse é o m esm o pai que am eaçou m e entregar aos Lordeiros quando Ben desapareceu?

— Você pode pegar m inha bicicleta no barracão — oferece m am ãe.

— Não se esqueça de usar capacete.

Meu pai nos acom panha até a porta.

— Você pode pegar a bicicleta de Ky la? — ele pergunta para Cam , apontando o barracão ao lado da casa. — Ela j á vai encontrar você.

Cam faz o que ele disse, e papai e eu ficam os sozinhos no *hall*. Agora vêm as recom endações?

— Ky la — ele com eça, sorrindo. — Acho que com eçam os com o pé esquerdo. Se eu pareci m uito duro antes, foi apenas porque estava preocupado que você se m etesse em confusão. Você sabe que estou

aqui por você, para ajudá-la no que precisar. Não sabe?

— Claro — respondi, surpresa. Ele está sendo mais pai agora do que no início, quando cheguei aqui. Será que está arrependido de suas atitudes exageradas?

— Pode ir. Tenha uma ótima tarde — ele diz, abrindo a porta.

— Acho que não sei andar de bicicleta — digo a Cam, mas, ao segurar o guidão e levá-la pelo jardim até a rua, percebo que sei.

Cam coloca sua bicicleta na grama e segura a minha bem reta. Ele me ajuda a subir e pedalar lentamente na calçada enquanto acompanha, com a mão no guidão. Eu rio e pedalo com mais força, até ele cair para trás. Desço o meio-fio e continuo pela rua.

Mais rápido!

Mas me antenho a velocidade até que ele pegue a bicicleta dele.

— Você aprende depressa!

Eu rio.

— Vam os ver quem consegue pedalar mais rápido — e com êxito.

O dia está fresco, o céu limpo. O ar ameno de novembro toca meu rosto e corpo, mas pedalo rápido o suficiente para me aquecer. Liberdade!

Me seguro um pouco para que Cam me alcance. Quando comecem os a subir uma colina, ele grita para pararmos um pouco e descansar. Eu desvio para uma trilha ao lado da estrada e paro.

Ele respira ofegante quando me alcança.

— Você não apenas está em forma, Ky-la. Você ARRASA! — ele fala com dificuldade.

Eu rio. Nós largamos as bicicletas na grama e nos sentamos em um muro de pedra em ruínas. Desse lugar alto podemos ver a zona rural de Chiltern se desdobrando em todas as direções: uma área de inacreditável beleza natural, pelo menos é o que dizem.

Lucy desapareceu do Distrito de Lake: deveria haver montanhas onde ela morava, e não apenas colinas. Uma vez, sem estar prestando muita atenção no que eu estava desenhando, fiz uma imagem dela com

montanhas atrás. Mas, se eu tentar pensar nelas de propósito, não consigo nada. Seria outra m em ória presa dentro de m im ?

— Está tudo bem ? — pergunta Cam , m e encarando com curiosidade, e eu m e pergunto quanto tem po estive olhando para o nada.

— Desculpe. Sim , tudo bem .

Olho para ele e m e dou conta de algum as coisas. Ele m e olha nos olhos; está sentado bem perto. E eu gosto disso. Mas de repente, do nada, eu não gosto.

Me afasto um pouco e olho em direção às colinas.

— Escute, Ky la. Acho que precisam os conversar.

— Sobre o quê?

— Sobre Ben.

Ouvir esse nom e m e fere por dentro.

— O que você sabe sobre isso?

— Que ele desapareceu. Ouvi algum as coisas, que você esteve envolvida de algum a form a. O que houve? Você pode m e contar. Ninguém pode nos ouvir aqui.

Fecho m eus olhos com força. Há um a parte de m im que anseia falar sobre isso, contar tudo. Ele irá entender. O pai dele foi levado pelos Lordeiros, não foi?

Há um a outra parte de m im — Chuva — que diz *não*. Não confie. Não confie nunca.

Balanço a cabeça e olho para Cam novam ente. Parece desapontado.

— Bem , se você quiser falar, estou aqui. Já entendi um a outra coisa.

— O quê?

— Nós som os am igos, e isso é tudo. Não se preocupe. É óbvio que você ainda está sofrendo por causa desse outro cara. Não vou forçar nada. Está bem ?

Olho para ele novam ente, e tudo que vejo o é preocupação de am igo.

Até parece.

Mas vou acreditar nele. Por enquanto.

— Am igos, então? — digo, sorrindo, e estico m inha m ão.

Mais tarde, à noite, a casa está em silêncio. Papai se foi. Ele j antou conosco, m as, quando eu e Am y subim os para dorm ir, ele e m am ãe discutiam na cozinha.

As vozes estavam baixas, m as dava para perceber o tom . Depois o telefone tocou e ele saiu.

Sinto com pulsão para desenhar: o hospital, as torres, os novos seguranças nos portões, tudo com eça a tom ar form a no papel. Estou curiosa sobre os com putadores e telefones com fio. Mam ãe disse que seu celular não funcionou lá hoj e, e, quando perguntei, ela disse que sem pre funciona.

Meu Nivo tem seus próprios segredos: será que o com unificador teria funcionado lá, se eu tivesse tentado? Eu o giro e não sinto nada. Morto, com o tem estado desde que m inhas m em órias voltaram .

Algum as m em órias, na verdade. Em bora eu tenha m e lem brado do gatinho do aniversário. Eu não teria com o m e lem brar, se Lucy tivesse realm ente desaparecido com o Nico disse, não é? Olho para m inha m ão esquerda, m ovo os dedos, aqueles que foram quebrados, assim com o fui por dentro. Um a m ão é

um a coisa; o que seria necessário para partir um a pessoa ao m eio? Estrem eço ante a visão de um tij olo e aperto m eus dedos com força.

Talvez, se eu não tivesse visto Lucy no DEA, suas m em órias teriam continuado escondidas. Nico deve saber m ais, m as algo dentro de m im diz: *não pergunte*. Ele ficou m eio estranho quando perguntei sobre Lucy — m eio surpreso por eu saber quem ela era, m as não era só isso.

Ele disse que fez aquilo tudo para m e proteger, porque eu era especial: ele se esforçou para ser gentil. Mas por que eu sou especial? Por que ele m e arrastou para essa nova vida? Não consigo im aginar nada que eu possa fazer pelo R. U.

Livre que valha o esforço. Deve ser outra coisa. Preciso descobrir.

Eu hesito. Por que não? Deslizo da cam a e fecho a porta do quarto.

Toco o botão sob o meu Nivo. Passam-se alguns segundos.

Ouçoo um clique bem baixo.

— Sim ? — ele atende.

Sinto um arrepio ao ouvir sua voz dizer onde devo encontrá-lo amanhã. Estou animada para encontrá-lo, ridiculamente animada. Noto que ele não está mais chateado por eu ter largado Tori com ele. Ele parece feliz, relaxado, e eu estou tão aliviada. Ouço a risada de Tori do outro lado.

CAPÍTULO 16

— Tem certeza de que não se importa? — mamãe aguarda na saída de casa, com o guarda-chuva na mão.

— Tenho. Pode ir.

Mamãe vai para a casa da tia Stacey para um longo almoço de domingo: um amigo veio buscá-la, com um garrafa de vinho na mão. Ela não vai voltar tão cedo. E Amy foi passar o dia com a família de Jazz. Um lugar vazio, sem necessidade de fugir.

Penso em ligar para Nico e pedir a ele que me pegue em algum lugar por perto, mas desisto. Está chovendo um pouco, e é improvável que ele seja com premissa.

Procuro por capas de chuva no andar de cima quando ouço batidas na porta da frente.

Olho pela janela, encolhida em um canto fora de vista. Consigo perceber que é

Cam debaixo daquele guarda-chuva.

É difícil se livrar dele. A casa está quieta e às escuras. Vou deixá-lo pensar que não estou aqui. Espero em silêncio até que ele acaba desistindo e atravessa a rua.

Dobro os desenhos que fiz para Nico na noite passada, os mapas do hospital.

Embrulho em plástico para que não se me olhem e os coloco num bolso interno da roupa.

Mordo um lápis por um momento e então deixo um pequeno

recado: “Saí para um a cam inhada” — para o caso de m am ãe ou Am y chegarem cedo em casa e não entrarem em pânico ou ficarem preocupadas.

Acho m elhor sair pelos fundos, pois Cam pode estar de guarda e querer saber por que não atendi a porta. Mas a saída dos fundos não é convidativa com esse tem po. Suspiro. Já do lado de fora, cam inho pelo nosso longo j ardim lam acento e alagado, depois avanço para a cerca espinhenta e m e desvencilho do arbusto para chegar ao cam inho que dá a volta até o fim da rua.

— Você está encharcada — diz Nico, m e fazendo esperar na chuva enquanto pega um a toalha no banco de trás e a coloca sobre o banco do carona.

O carro anda e seguim os em silêncio, exceto pela m úsica baixa no som .

Clássica. Eu não im aginava que Nico gostasse, m as, afinal, o que eu sabia sobre Nico de verdade, com o pessoa?

— Está tudo bem , Chuva? — ele pergunta.

Balanço a cabeça afirm ativam ente.

— Sim . Só estou exausta; as últim as sem anas têm sido difíceis.

Ele ri.

— Você está ficando m ole. O que você precisa é de uns dias de curso de resistência na floresta.

— Está bem : irei se você for.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro.

— Se pudessem os. Aquela foi um a boa época, não foi, Chuva? Com os Coruj as.

Meus olhos se arregalam . *Corujas*. Era assim que eram os cham ados, o nom e secreto da nossa equipe. Era por isso que eu era tão fascinada por coruj as? Por desenhá-las e segui-las, não im porta para onde m e levassem ? Im agens flutuam

em m inha m ente.

Os Corujas eram os melhores!

Havia sete de nós. Bem, na verdade, oito, mas um morreu cedo em um acidente com explosivos, e eu evitava pensar nela. Três garotas e quatro garotos.

Eu era a mais jovem, menos de quatorze anos quando me juntei a eles. O mais velho tinha quinze anos. Eram os oito unidos: mais elos fortes, ferozes com petidores. Deixam os para trás nossas identidades originais e escolhem os nomes novos ligados à floresta quando nos unimos: o meu era Chuva. Um rosto surge diante de meus olhos, e desaparece. Quem era ele? A melhor coisa que havia até que... até que... alguma coisa saiu errada. E então ele passou a ser o pior. O que aconteceu? As memórias falhavam.

— O que houve com todo mundo?

Ele olha para os lados.

— Alguns foram capturados, com o você, e provavelmente Reiniciados. Outros morreram em missões. Quer saber quem ...?

— Não. Não me diga — eu interrompo. — Não quero saber quem morreu, me lembre de seus nomes apenas para saber que eles se foram.

— Eles lutavam por aquilo em que acreditavam — ele diz. — É uma morte boa.

É fácil dizer isso quando se está vivo.

Chegam os à casa de Nico debaixo de chuva. Com ele a me afastar da porta do carro e Nico me segura por trás.

— Não saia pingando por toda parte — e eu sacudo o casaco e as botas, ainda me olhada e tremendo.

Tori está no sofá, enroscada, lendo, aquecida e seca. Seus arranhões e hematomas estão menos aparentes e seu cabelo escuro está brilhante.

— Oi — ela diz, voltando-se para seu livro.

Eu não sei exatamente o que esperar de Tori. Nunca fomos amigos. Ela não gostava muito de mim antes, e isso provavelmente tinha algo a ver com Ben. Mas mesmo assim eu arrisquei meu pescoço para salvar o dela, então, de alguma forma, eu esperava mais do que isso.

— Tenho de fazer algum as ligações. Por que vocês duas não colocam as

notícias em dia? — diz Nico, que desaparece pelo corredor.

Eu m e apoio na ponta do sofá.

— E então, com o estão as coisas?

Ela dá de om bros.

Tento m ais algum as vezes, m as não chego a lugar algum . De certo m odo, eu quero quebrar esse gelo. Quero saber com o ela se livrou do Nivo. Depois do que houve quando cortei o de Ben... Estrem eço. Talvez ela saiba com o sobreviver a isso. Talvez ela saiba se há algum a chance de ele estar vivo.

Ben: é essa a m aneira de chegar até ela.

— Sky e está viva.

Os olhos dela se arregalam .

— A cadela de Ben? Onde ela está?

— Ela está... — com eço a dizer, m as paro, não sei se devo dizer o nom e de Mac. — Ela está com o prim o de um am igo.

— Ben am ava aquela cadela — ela diz, os olhos lacrim ej antes. Depois os ergue novam ente. — Ben m e am ava — ela diz, um tom de desafio em sua voz.

Não há nada a ganhar com discussões do tipo *ele amava a mim, não a você*.

Ela está sofrendo. Deixe-a guardar a m em ória que quiser.

— Você sabe o que houve com o Ben? — pergunto.

Ela abaixa a cabeça. Depois faz que sim .

— Nico m e disse que ele cortou o Nivo e os Lordeiros o levaram . Mas não com preendo. Por que ele faria isso? Ele nunca foi do tipo que fazia perguntas, não fazia nada para se m eter em apuros. Por quê? Se ao m enos eu estivesse lá.

Eu poderia tê-lo im pedido.

Não digo nada, m e m o com vontade. Tenho m edo da reação dela se eu lhe disser que eu estava lá. Com o ela não perguntou sobre isso, Nico não deve ter contado a ela essa parte da história. Ela não sabe o quão próximo os eu e Ben eram os.

— O que Ben disse quando eu desapareci? — ela pergunta.

E eu m e lem bro que ele não se deu conta disso no início. Até que eu perguntasse a ele onde ela estava e então ele tentou descobrir. Mas ela não precisa saber disso.

— Ele foi ver a sua m ãe.

— Ele foi? Ele lhe disse o que houve?

Eu hesito.

— Se sabe de algum a coisa, m e diga. Por favor. Preciso saber — ela segura m inha m ão. A m inha está fria, e ela coloca sua m anta sobre nós duas.

— Tudo bem — eu digo, m e aconchegando. Conheço a agonia de querer saber as coisas e não conseguir. — Ben disse que perguntou a ela onde você estava e ela disse que você não m orava m ais lá. Acho que ele pensou que ela queria dizer que você tinha ido m orar com seu pai em Londres.

Ela fungou.

— Até parece. Ela não m e deixaria chegar perto dele. E depois, o que houve?

— Ela disse que você tinha sido devolvida.

— Devolvida? Que palavra engraçada para isso. — Ela abaixa a cabeça.

— O que houve, Tori?

— Bem , eles não colocaram um a etiqueta “devolver ao rem etente” em m inha testa e deixaram na caixa do correio. Um a noite, m am ãe estava fora, e eles vieram e m e levaram . Eu estava dorm indo. De repente aqueles dois Lordeiros estavam no m eu quarto e m e arrastaram com eles.

Coloquei a m ão em seu om bro, m as ela a afastou.

— Ela falou isso? Que eu fui devolvida? — os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Desculpe, eu não devia ter dito nada. Desculpe.

Tori se curvou e colocou a cabeça entre os olhos.

— Costumavam os ser tão amigas, mãe e eu. Quando fui me orar lá, ela costumava me vestir com roupas parecidas com as dela. Me levava para todas as festas com as amigas. E então, no ano passado, tudo acabou. Foi com o se eu exigisse tanta atenção dela, que ela não me queria por perto.

Com o meu a boneca com que ela não queria mais brincar.

Tori balança a cabeça de um lado para o outro. Sua voz sai entre soluços:

— Eu gostava de ser o centro das atenções; eu pregava peças nas amigas dela.

É minha culpa, eu não devia ter feito isso! Mas ainda assim. Um a parte de mim ...

realmente esperava... quero dizer, eu nunca pensei que ela fosse fazer isso. Eu

me perguntava se ela sabia o que aconteceu comigo, entende? Se ela estaria chorando por eu estar desaparecida e... — ela joga o livro do outro lado da sala.

— Aquela vaca — ela diz.

Ela se descobre e vai até a cozinha, me alcançando.

— Chá? — ela pergunta.

— Ah, sim.

Ela remove as xícaras, sem cuidado. Nico aparece por uma porta do corredor, um olhar tranquilo em seu rosto. De curiosidade.

— Está tudo bem ?

Mas ele não pergunta isso para mim. Vai direto para Tori e coloca a mão em suas costas. E está lá, nos olhos dela: ela já o adora.

Ela balança a cabeça, dizendo que sim .

— Estou bem . Obrigada, Nico. Você quer chá?

— Mais tarde — ele responde, e se vira para mim .

— Quando terminar, venha conversar comigo no escritório — e desaparece pelo corredor.

Ela o chamou de Nico. Ele deve ter dito a ela que John Hatten não é seu nome verdadeiro. Com o que ela fez isso? Nico não confia nas pessoas, não confia.

Foram meses de tortura e treinamentos na floresta até que ele começasse a confiar em mim . E então ele tinha dito a ela seu nome verdadeiro.

Balanço a cabeça.

— Açúcar? — ela pergunta.

— Olha, eu não estou com muita sede.

— Você quem sabe — ela coloca minha xícara na pia, pega o livro do chão e começa a ler novamente, com o chá na outra mão.

Havia tantas outras perguntas que queria fazer a ela. Com o que conseguiu fugir dos Lordeiros? O que houve com o seu Nivo?

Mas ela se fechava novamente. A conversa tinha acabado.

Bato à porta de Nico.

— Entre.

Abro a porta. Há um sofá, uma mesa com um computador saindo de um canto dela. Deduzo que o aparelho desapareça no interior da mesa de

uma forma inteligente, com o que não existisse. Prateleiras aparentemente cheias de livros de biologia. Para mim antes o disfarce de professor.

E ali está Nico. Ele sorri.

— Mostre-me o que você conseguiu.

Tiro os desenhos do hospital do meu bolso interno. Ele os desdobra

em um a m esa baixa em frente ao sofá, acena para que eu sente ao seu lado. E com eça a m e interrogar sobre as posições e defesas desenhadas, além da segurança da entrada.

— Você j á deve saber de tudo isso.

— A m aior parte. Mas a segurança da entrada foi reforçada. Mais algum a coisa?

— Acho que há algo novo. Um a pessoa disse que há defesas tecnológicas.

— Algum detalhe?

— Não. Mas os telefones e com putadores m udaram . Agora têm cabos e fios que entram pelas paredes. E o telefone da m inha m ãe não funcionou lá. Ela disse que sem pre funciona.

— Interessante. Será que instalaram bloqueadores de sinal por todo o hospital?

Os com unicadores serão inúteis.

— E controles rem otos?

Ele m e olha sem entender.

— Com o os explosivos detonados por controle rem oto.

Ele sorri.

— Você é esperta, Chuva. É verdade. Em bora nada que não possam os carregar, de um a form a ou de outra, tenho certeza.

— Há algo m ais.

— O quê?

— Deve existir um a passagem secreta. No últim o ataque, alguns Lordeiros tiraram os m édicos de vista rapidam ente. Rápido dem ais. Com o se estivessem escondidos bem à vista.

— Interessante. Você deve ficar de olho, observar. Descubra o que puder.

— Está bem .

— Talvez possam os planejar um ataque, um a uma eça, em um momento que

você esteja lá, e poderá ver o que consegue.

O último ataque ao hospital vem a minha memória. Minha cabeça fica tonta e eu balanço. Bom bas. Tiros. Morte: escorregando no sangue grudento e gelado pelo chão. Meu estômago dá voltas e tenho de lutar para respirar, muito calmo ante, evitando desmaiar.

— Chuva! — ele me chama, sacudindo meus ombros. — Fique comigo.

Com a pressão firme da mão dele, o calor com o qual atravessa as roupas molhadas para a pele, as manchas das extremidades desaparecem. Tudo fica claro e firme.

— Sim. Farei o que você quer, qualquer coisa. Prometo.

— Bom. Minha Chuva especial! — ele me abraça e me sinto aquecida. As perguntas que eu tinha para ele desaparecem.

Ele me solta.

— Agora, vamos falar da Tori.

— O quê?

— Ela pode ser útil para nós. Vamos ver. Ela tem muita raiva; não sei se ela é capaz de aprender a controlá-la, canalizá-la. Mas lembre-se disso. Ela ainda é um risco e foi você que a trouxe. Se alguma coisa der errado, cai tudo sobre você.

— ele beija minha testa. — Já deve estar na hora de levar você para casa.

Naquela noite, repasso tudo em pensamento: o que foi dito e feito. E tudo ainda está confuso.

Por que sou especial para Nico e seus planos? Por que não perguntei a ele o que quero perguntar? É com o se, quando estou com ele, minha vontade desaparecesse.

E, quando pensei no ataque que presenciei no hospital, eu quase a perdi.

Mesmo agora, não consigo pensar nisso sem enjoeirar, o pânico subindo

novam ente. *Sangue*. O toque de Nico — cham ando m eu nom e, *Chuva* — e tudo passa. A calm a e o controle retornam .

Sei que o hospital é um lugar ruim . O que eles fazem , roubar a m ente e a m em ória das pessoas, é m aldade. Os Lordeiros são m aus. Eles precisam ser im pedidos.

Eles serão impedidos.

Mas o que eu fiz antes, com Nico? E os Coruj as. A lem branca do sangue no chão do hospital durante o ataque do m ês passado é forte, clara. O horror que vem dali. Mas ainda nada sobre antes... nada além de um vislum bre.

O cam inho de Nico é o correto. Meu cam inho. É verdade, ele pode ser cruel.

Ele não valoriza a vida. Não apenas as dos Lordeiros, ou transeuntes inocentes —

m as m esm o a dos seus seguidores. O que foi que ele disse? Que aqueles que m orreram tiveram um a boa m orte.

Mas e Ben, ele teve um a boa m orte, tentando se libertar de um a vida ditada pelos Lordeiros? Me encolho, parte de m im ainda rej eita a possibilidade, enquanto a m aior parte está soterrada pela dor.

Na m esinha ao lado da m inha cam a há um a torre. A casa ainda estava vazia quando retornei esta tarde. Descansada, peram bulei pelo andar inferior e encontrei um j ogo de xadrez em poeirado em um a prateleira de livros. Não é tão legal quanto o da Penny ; as peças são de plástico, e não de m adeira. Mas peguei um a das torres e a segurei na m ão. De algum a form a, era tranquilizador. Eu a m antive em m eu bolso depois de m am ãe e Am y voltarem para casa, e durante o j antar eu dava tapinhas no bolso de vez em quando para ter certeza de que ela continuava ali.

Agora a retiro da m esinha de cabeceira e ponho entre as m ãos.

Eu corro. A cada passo, a areia escorrega sob meus pés, mas corro o mais rápido que posso. O pavor me dá forças que normalmente não tenho. Corro, mas há limites. A energia se acaba.

— *Mais rápido!*

Tropeço e escorrego, arfando por oxigênio. Caí em uma pilha.

Ele tenta me levantar.

Sacudo a cabeça.

— Não posso. Vá embora. Salve-se — respiro com dificuldade.

— Não. Nunca vou deixar você — ele passa os braços ao meu redor. Braços que me fazem sentir aquecida e protegida pela primeira vez em muito tempo. Mas apenas por alguns segundos.

O terror se aproxima.

Ele é levado embora. Onde havia quentura, só restou o frio.

Eu grito.

Abro bem os olhos. Está escuro, silencioso. Nenhum som, exceto pelas batidas frenéticas do meu coração. Não há movimentos ou passos que indiquem que gritei alto em meu sonho, com o faço às vezes. Ninguém está vindo para me confortar.

Sinto dor em minha mão esquerda. Meus dedos estão fechados com força e não consigoesticá-los. Conforme meu coração se acalma, abro os dedos um a um.

A torre está na palma de minha mão. Eu a segurei com tanta força que as pontas do topo do castelo me feriram. Ficou um círculo perfeito de seis pontas na pele, preenchidas por pontilhados de sangue.

Já tinha tido esse pesadelo muitas vezes antes. Mas desta vez foi diferente.

No início, quando corro apavorada, os detalhes são sempre tão claros quanto cristal: posso sentir a areia escorregando sob meus pés. Sinto minha respiração durante a corrida. O medo que me faz seguir em frente, passando dos limites.

Mas, depois que caio, tudo *muda*.

No passado, tudo ficava nebuloso, vago. Ainda estou apavorada, mas os detalhes se tornam distantes e irreais. Sem um contorno claro. E alguém está gritando para que eu não esqueça e levante uma parede: a parede de tijolos.

Uma representação concreta do que escondeu Chuva dentro de mim. Teria sido aí que fui levada pelos Lordeiros e Reiniciada? O que mais

poderia ser tão assustador?

Mas esta noite foi diferente. Tudo se m anteve claro até o fim . O hom em que estava com igo tam bém era diferente. Ele não gritava, ele m e abraçava, e eu estava agarrada a ele até que ele foi tirado de m im à força. Meus olhos perm aneciam fechados, m as pude sentir a aspereza da areia, a brisa fria e salgada do m ar. Pude ouvir a batida do m eu coração e o quebrar das ondas. Foi tão *real*.

Quem era o hom em que corria com igo, que disse que nunca m e deixaria?

Esse nunca se transform ou em segundos; ele foi levado praticam ente na hora em que disse isso. E o que houve com ele, e com igo? O que veio a seguir?

O m edo que ainda resta em m im após o sonho se converte em frustração,

depois em raiva. Dou um soco no colchão. Por que não consigo lem brar o que *realmente* aconteceu, agora que tenho todas essas outras lem branças de volta?

Por quê?

São tantas coisas que ainda estão faltando. Me sinto vazia por dentro, com o se existisse um buraco. Sentindo-m e m ole de repente, m e enfio na cam a, as lágrim as com eçando a descer por m eu rosto, e eu não m e preocupo em lim pá-

las.

CAPÍTULO 17

Bzzzz!

Acordo de repente com um a vibração no pulso, confusa. Meu Nivo...? Mas ele não funciona m ais. Espio os núm eros no escuro: 5.6. Mesm o que ainda funcionasse, m eus níveis não estão baixos o suficiente para fazê-lo vibrar.

Bzzzz!

O com unicador na parte interna. Só pode ser. Cham ada de Nico? Meu estôm ago dá voltas de nervoso.

Cutuco a parte de baixo do Nivo até apertar o botão escondido.

— Alô? — sussurro.

— Até que enfim ! — a voz de Nico parece tensa.

— Desculpe. Não percebi que era você.

Ainda mais porque foi esperto o bastante para fazer meu Nivo vibrar. Ninguém perceberia, a não ser que vissem que os números não estavam baixos.

— Você pode falar?

— Sim .

A casa está silenciosa, escura. Estão todos dormindo, menos eu e Sebastian. Ele está esparramado na cama, olhando para meu Nivo, mantendo distância segura com o se houvesse algum perigo à espreita.

— Estamos com um problema.

— O que aconteceu?

— Tori desapareceu.

— O quê?

— Eu tive um compromisso. Acabo de voltar e ela não está aqui. Ela parecia muito determinada desde que você saiu daqui ontem . Sobre o que vocês

conversaram ? Para onde você acha que ela foi?

Nico está se controlando agora, mas sua voz parece no limite. Tudo o que ela fizer é minha culpa. Seja lá o que ela disser, forçada ou não, no local onde esteja, ou com quem . É minha culpa ela ter desaparecido.

— Não sei. Falamos sobre Ben e sua cadela. Foi isso.

Ele fala um palavrão.

— Se lembrar de algo, me ligue — ele desliga num rompante, depois é só silêncio.

Eu deito e olho para o teto. Onde ela pode estar? Relembro o dia anterior e o pouco que conversamos. Tori me antevia-se fechada a mim

aior parte do tem po, contida. A única vez que se desarm ou foi quando falam os sobre os Lordeiros a terem tirado de casa, e sobre sua m ãe.

Sento direito. Eu disse a ela que Ben tinha ido ver a m ãe dela e que ela lhe dissera que a tinha devolvido. Tori estava furiosa com ela. Deve ser isso, não?

Ela foi confrontar a mãe. Ligue para o Nico!

Eu devia ligar para ele. Mas j á estou de pé, tirando roupas das gavetas e m e vestindo no escuro.

Eu sou a responsável por isso, e não vou fazer do j eito dele.

Com cuidado e em silêncio, desço as escadas e saio de casa. Não há tem po para m ais nada; pego a bicicleta de m am ãe no barracão. A porta bate quando vou fechá-la e m eu coração dispara pelo susto; estou nervosa. Mas nenhum a luz se acende, nenhum a cortina se m ove.

Não há tem po para discricção. Desço a rua de bicicleta o m ais rápido possível, torcendo para que ninguém m e vej a.

Ben tinha m e m ostrado a rua de Tori um a vez enquanto corriam os: do outro lado do prédio onde tem os reunião de grupo. Não sei qual é a casa, m as m e lem bro de Ben dizendo que era a m aior no final da rua. Espero que sej a o suficiente para encontrá-la.

Se Nico tiver o endereço dela, será um dos primeiros lugares que irá procurar.

E, se ele ainda não souber, logo saberá. Eu pedalo m ais rápido.

A noite cai. Se ela estiver lá, posso entender o m otivo. Ela achava que a m ãe sentia sua falta, sem saber o que houve com ela, e eu destruí sua esperança.

Idiota! Ela queria saber a reação de Ben quando ela foi levada. Aquilo era verdade, m as por que eu não disse que ele tinha ido procurá-la em vez de dizer que ele foi conversar com a m ãe dela? Ben ficou falando dela. O suficiente para m e deixar com ciúm es. Foi por isso que não contei a ela?

Chego à rua dela e dim inuo a velocidade, tentando controlar m inha respiração após aquela esticada. Já passa da m eia-noite, m as a casa

grande do fim da rua ainda está com luzes acesas. Há carros estacionados por toda parte, e ouço um piano ao fundo. Alguns convidados estão espalhados pelo gramado e há vozes e risadas. Escondo minha bicicleta em uns arbustos e me aproximo com cuidado, pelas sombras. Há muitos olhos por ali, mas talvez isso tenha me pedido Tori. Ela não seria doida de se aproximar com todas aquelas pessoas ali. Seria?

A rua termina depois da casa grande; há uma placa na calçada apontando para a floresta. Foi lá que ela se escondeu.

Do outro lado da rua, me esgueiro por trás das cercas do jardim, torcendo para que os vizinhos estejam dormindo, apesar do barulho da festa, e não olhem pelas janelas.

Foi fácil encontrar Tori entre as árvores escuras que cercam sua antiga casa, num casaco de capuz azul-claro que quase brilha no escuro. Chego até ela e toco seu ombro. Ela dá um salto, se vira e vê que sou eu. Volta a olhar para a casa.

— Você precisa aprender a se vestir para esse tipo de coisa.

Ela não responde, seus olhos estão fixos. Eu os alcanço: há um grupo de meninas dúzias, conversando, dando risadas. Uma única mulher entre homens de *smoking*. Ela deve estar congelando naquele vestido preto e justo, os braços de fora. Ela ri de algo que um deles disse, a cabeça inclinada para trás.

— É ela? — pergunto, num sussurro.

Tori confirma com a cabeça.

Ela é bonita, como a Tori. As duas têm cabelos escuros e com orgulhos. Será que ela pediu uma Reiniciada com características similares às dela? Ouvi dizer que algumas pessoas fazem isso, pedem um filho ou filha com características específicas. Talvez, quando Tori fosse mais adulta, desviaria muitos olhares de sua mãe: sua versão mais jovem e mais bonita.

— Por que está aqui, Tori?

Ela não responde. Pego sua mão, está gelada.

— Vamos embora. Venha comigo. Não há nada para você aqui.

Ela não reage. Seus olhos estão fixos para a frente. A seguir uma

lágrima a se formar e desce por sua bochecha.

— Tori?

— Eu só queria vê-la. Eu queria que ela me dissesse por que me devolveu, queria ouvi-la dizer isso. Ver qual é a explicação dela.

— Tem muita gente esta noite.

— Sim. Talvez seja até melhor. Em frente de todos os amigos. Imagine com o ela ficaria envergonhada!

— Os Lordeiros pegariam você novamente.

Ela estremece.

— Valeria a pena.

Seguro sua mãe.

— Venha comigo. Antes que nos vejamos.

Ela desvia os olhos da mulher que tinha sido sua mãe.

— O que eu fiz de errado? — ela pergunta, e outra lágrima surge, encontrando a anterior em sua bochecha.

Eu balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Nada. Você não fez nada.

Ela me deixa levá-la dali e obedece quando me mando se abaixar para passar pelas cercas sem sermos vistos.

Chegam os até onde deixei a bicicleta.

— Vamos, eu levo você — e ela senta no banco de trás. Eu pedalo de pé rua abaixo. Minhas pernas protestam após o esforço anterior.

— Para onde vamos? — ela pergunta, enquanto eu ouvido.

— Para a casa de Nico. Aonde estamos?

— Ele vai ficar muito zangado.

— Sim. Ele já está.

Nico não está em casa quando chegamos lá. A casa está fechada, mas

Tori sabe a com binação da porta e logo estam os do lado de dentro.

Ela está trem endo. Eu encontro um a garrafa de uísque e lhe sirvo um copo.

Em seguida, tam bém tom o um gole.

Então ligo para Nico e digo a ele onde estam os.

Tori está adorm ecida no sofá.

— O que você deu a ela?

— Um sedativo. Vai segurá-la por um dia ou dois até que eu planeje e o próxim o passo — ele diz, friam ente. — Essa foi por pouco. Você devia ter m e dito onde ela estava.

— Eu não sabia; deduzi.

— Suas deduções são boas, Chuva. Você devia ter m e dito — ele se aproxim a; com o é bem m ais alto, olha para baixo e eu luto contra o ím peto de m e afastar.

Mantenho-m e no lugar.

— Ela era m inha responsabilidade. Deveria ser eu a lidar com ela. O que você vai fazer?

Ele m e observa em silêncio por alguns m om entos e então balança a cabeça, com o se para si m esm o.

— Ainda acho que ela pode ser útil. Enquanto isso, preciso levá-la para um local m ais seguro — ele suspira. — O que farei com você? — seus lábios se curvam para cim a no que parece ser um sorriso, m as o gelo ainda está lá, por trás.

— Sinto m uito, Nico. Eu só queria consertar as coisas; foi tudo m inha culpa.

Ele m e olha por um segundo, ou dois. Seus olhos ficam brandos. Ele coloca um a m ão em cada um dos m eus om bros, m e puxa para perto e eu m e aconchego em seus braços. Tenho receio de m e m over, receio de respirar, de fazer qualquer coisa que possa destruir isso.

— Seu coração bate tão rápido — ele diz, finalm ente. Me afasta e m e olha nos olhos. — Não estou zangado com você, Chuva. Ao m enos

não com o você acha que estou.

Sinto um alívio enorm e.

— Não está?

— Não. Eu estava com m edo.

— Com *medo*? — até m esm o dizer a palavra parece errado. Nico não tem m edo de nada.

Ele sorri.

— Sim . Até eu sinto m edo. Eu tive m edo de que algo acontecesse com você. E

se você fosse pega? Você devia ter m e contado onde ela estava, para que eu pudesse tom ar um a providência. Você precisa ficar em segurança, Chuva. Eu preciso que você estej a segura.

Eu o olho confusa.

— Desculpe.

— Não precisa se desculpar. Você foi coraj osa. Mas m e prom eta um a coisa: não saia por aí salvando as pessoas sem falar com igo antes. Com binado?

— Com binado.

— Mais um a coisa antes de você ir. Aqueles m apas que você fez do hospital são incríveis, m as eu quero as pessoas tam bém . Os rostos. Eu sei que você pode desenhá-los. Todos os rostos do hospital. Enfermeiras, m édicos, seguranças.

Todos com os quais você tiver contato agora ou que j á teve no passado.

— O que você fará com eles?

Ele não responde, e eu só consigo pensar naquela enferm eira que m orreu no últim o ataque do R. U. Livre ao hospital. O sangue dela em poçado no chão. Sinto um em brulho no estôm ago e luto para que não aum ente. Se eles puderem ser identificados fora do hospital, eles serão alvo fácil.

— Você sabe a resposta, Chuva, m as não perca seu tem po

protegendo aqueles que servem aos Lordeiros. Lem bre-se de que lado você está. Pense nisso. Se você não está conosco, então está com os Lordeiros e tudo o que eles representam . Você tam bém podia ter entregado Tori aos Lordeiros. Segurado Ben e term inado com a vida dele. Acendido o fósforo que queim ou os pais dele vivos. Pense nisso, Chuva. Agora vá.

Sigo para a porta, para a longa pedalada que m e espera até em casa. Ansiosa para escapar por entre a noite. Mas m e esforço para olhar para trás. O peito de Tori sobe e desce; seu rosto está adorm ecido e em paz, um contraste m arcante com a dor que carregava antes.

— Ela vai ficar bem ? — não posso evitar a pergunta.

— Por enquanto.

Já em casa, sinto m eus pés pedirem por um a cam inhada de descida em um

terreno arenoso. Nico quer rostos. Mas dar isso a ele é com o decretar sentenças de m orte para enferm eiras e m édicos.

Eles não são inocentes!

Não. Eles m e reiniciaram , e a incontáveis outros com o eu. A culpa pelo que houve com Ben pesa sobre os om bros deles.

Eles obedecem a ordens. E eu sei que isso não é o suficiente. Mas alguns deles são legais, m ais do que legais. Mas o que m ais eu posso fazer? Nico está certo.

Todos fazem parte disso.

Não consigo dorm ir. Espalho várias folhas de papel ao m eu redor. Toda vez que m eu lápis toca o papel, um rosto surge em m inha m ente. Com o o cabelo grisalho e desarrum ado da enferm eira Sally, do décim o andar. O m eu andar, e ela foi um a das que tom aram conta de m im no início. Ela sem pre estava rindo, e m e falou sobre seu novo neto quando ele nasceu. Me m ostrou um a foto.

Um dia, ele pode estar em perigo. O neto dela — era Brian, Ry an ou algo parecido — pode dizer algo de que as autoridades não gostem e então desaparecer e ser Reiniciado tam bém . Para depois ser devolvido ou exterm inado se algo der errado. Com o Tori, cuj a vida — sem m e iludir com as prom essas superficiais de Nico — agora está por um fio.

Será que Sally sacrificaria a si mesma por seu neto? Eu poderia tomar aquela decisão por ela? Por seu neto e por todas as crianças e netos cujas vidas estejam limitadas, controladas e ameaçadas pelos Lordeiros?

Continuo desenhando, com a pena. Não consigo parar.

CAPÍTULO 18

— Ky-la? Então, o que você acha? Ky-la? Ky-la...

— Desculpe. O que foi? — eu me viro para Cam, percebendo que estava ouvindo o eco do meu nome e já fazia algum tempo. Perdida em meus pensamentos enquanto comia o sanduíche. A voz de Cam era um som confortável, mas sem significado.

— Um simples sim ou não é suficiente — ele zomba.

— Hum, vamos ver: você poderia estar me oferecendo bolo, então eu deveria dizer sim. Por outro lado, você pode ter me sugerido *qualquer coisa*.

— Decida.

— Sim!

— Ok, eu pego você por volta das dez.

— Para quê?

— Para uma caminhada amanhã.

— E o colégio?

Ele sacode a cabeça em frente ao meu rosto.

— Tem algo de muito errado com sua memória — e então sua expressão demonstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

— demonstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

— demonstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que
ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de

ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu

conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu

conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu

conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado

bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

— Levantou cedo hoje e — diz mamãe.

— Sim. Acordei e não consegui dormir de novo.

Pego um pouco de chá e sento. Amy chega depois, se espreguiça e dá um abraço em papai. Ela é com o Lucy com o pai, e por dentro sinto um pouco de ciúme. Amy encontrou uma familiaridade em seus pais adotivos após ter sido Reiniciada. Ela é bem apegada a papai, em particular. Comigo, ele sempre foi esquisito: às vezes muito comigo, outras vezes frio e amigável.

Algo não está certo, algo em relação a papai e Amy. Mamãe se agita pela cozinha, olhando para todo lado, me ensina papai. Ele faz tudo com o se estivesse prestando atenção às histórias de Amy, mas seus olhos estão em mim.

Observando, analisando. Até mesmo o curioso, mas cuidadoso, e ele não é assim.

Alguma coisa *estala* dentro de mim. Talvez eu tenha entendido errado.

Quando subo, bato à porta do quarto de Amy. Ela está ocupada, arrumando a mochila do colégio.

— Amy, sabe aquele dia em que encontrou meus desenhos? Do hospital e outras coisas. Você contou ao papai sobre eles?

Uma onda de culpa passou por seu rosto.

— Desculpe, ele ligou, e, sim, eu disse a ele. Ele me pediu para cuidar de você e garantir que você não se metesse em nenhuma confusão. Ele castigou você por isso?

— Não, não; está tudo bem — respondo. Não quero que ela corra para contar a ele. — E quanto à mamãe? Você contou a ela?

Ela franze as sobrancelhas.

— Não, acho que não. Por quê?

— Por nada. Não se preocupe.

Vou para o meu quarto e escovo o cabelo, olhando para o espelho sem me ver.

Eu estava tão errada. Não pensei que pudesse ter sido ele; papai nem

sequer estava em casa. Eu não contava com Am y m e dedurando pelo telefone.

Então: ele foi até os Lordeiros. Foi por causa dele que eu e Cam fom os pegos aquele dia.

Pobre m am ãe. Eu quero correr lá em baixo e lhe dar um abraço, pedir desculpas por tê-la evitado. Mas é m uito tarde para isso. Barreiras foram criadas.

A doutora Ly sander está presa por m inha causa e o guarda está m orto. Eu não posso m anter m am ãe em m inha vida, não m ais. Escolhi m eu cam inho com o R.

U. Livre e não há volta.

Se eu estava tão errada sobre m am ãe, no que m ais posso estar errada?

Por que fui Reiniciada?

— Am y, Ky la — m am ãe grita das escadas. — Jazz está aqui.

Conform e o carro se afasta do vilarej o, o trânsito fica com plicado. Vam os seguindo e acabam os descobrindo a razão. Um a am bulância e alguns Lordeiros.

A estrada está bloqueada em um a pista, um Lordeiro organiza o trânsito, e nós esperam os a vez para passar. Há um lençol cobrindo algo no chão. E um a van branca queim ada e esm agada contra um a árvore.

Eu fico gelada por dentro. Porque sei o que está escrito ali, posso ver o que restou de *Melhores Construtores* pintados na lateral.

Corro para o escritório de Nico na hora do alm oço. Ele tranca a porta.

— Chuva! — ele sorri, com o se estivesse em êxtase por m e ver ali, e m e agarra para um abraço. Eu não retribuo.

Ele m e solta.

— Ah, você está chateada com a pequena charada de ontem ?
Desculpe, Chuva. Tudo pela causa. Sente-se — ele diz, e em purra um a cadeira na m inha direção. — É o m eu últim o dia aqui.

— No colégio? — pergunto, surpresa.

— Muitos planos em mim então para perder mim eu tem po aqui — ele pisca. —

Cá entre nós, eu terei um a emergência familiar que me levará em bora.

— Com o está a doutora Ly sander? — pergunto, incapaz de evitar. — O que acontecerá com ela?

— Ela é um a mulher fascinante — ele responde. — Muita força de caráter.

Ele não diz mais nada. Talvez não tenha conseguido tirar o que queria dela.

Será que fez algo a ela?

Ele deve ter visto isso em mim eu rosto.

— Chuva, lembre-se: ela é sua inimiga. Em bora esteja a salvo, por enquanto.

Mas chega de falar sobre ela: precisam os conversar sobre o que está para acontecer em Chequers. Se sua mãe adotiva não fizer o que é certo e não contar a verdade, o que acontecerá depois?

— Você disse que tem outro plano. Qual é?

— Você, minha querida, é o plano B.

— Com o assim ?

— Ou ela diz a verdade ao mundo, ou morre. E tem que ser durante aquela transmissão, ao vivo para todo o país.

Eu olho indignada.

— Eu sou o plano B... eu? Eu tenho de fazer isso?

— Não há outro jeito. Só você e sua família estarão presentes na cerimônia. E

irão juntos em um carro do governo, assim como o Primeiro Ministro: eles não fazem revista de segurança. Você é a única que pode levar um arma.

Eu entro em pânico. Eu, matar alguém ? E não uma pessoa

qualquer... m as a m inha m ãe?

— Nico, eu...

— Você é a única pessoa que pode fazer isso, Chuva. A única que pode deter os Lordeiros. A liberdade está aqui, em suas m ãos: agarre-a!

— Mas eu...

— Não se preocupe. Você não vai m e decepcionar — ele diz, com certeza absoluta, seu olhar m e transpassando. Olhos a que se deve obedecer. Se Nico diz que devo fazer isso, que consigo fazer isso, então assim será.

Algo ainda espreita dentro de m im , por trás de todo o horror: o que m e trouxe aqui hoj e? O *porquê* por trás de tudo.

— Posso fazer um a pergunta? — eu m al tenho coragem , m as de algum a form a as palavras saem . — Você dirá a verdade?

Ele fica im óvel.

— Você insinua que eu nem sem pre digo a verdade — ele afirm a, com um

tom perigoso na voz. — Você deveria m e conhecer m elhor agora. Posso não responder curiosidades inúteis, m as, quando respondo, é com a verdade.

Ainda assim , a verdade de Nico não é sem pre com o as das outras pessoas.

Mas então ele sorri.

— Você, querida m enina, após nos entregar o troféu de ontem , pode perguntar o que quiser que responderei — ele senta na beirada da cadeira, atento. —

Vam os lá.

Eu engulo em seco.

— Por que eu fui Reiniciada?

— Você sabe por quê.

— Sei?

— Ou, ao menos, sabia. Pense. Vejamos se consegue descobrir — ele diz.
—

Protegem a parte de sua mãe em ória de ser Reiniciada, não foi? Suas mães em órias estão voltando, cada vez mais ais.

E outra pergunta passa por minha mente, com o que se sem pre tivesse estado ali: por que mãe e preparar para ser Reiniciada a não ser que eu estivesse destinada a ser Reiniciada desde o início? Foi esse o verdadeiro *porquê* da doutora Ly sander?

Meus olhos se arregalam com o choque.

— O que foi? — ele pergunta.

— Eu estava destinada a ser Reiniciada. Não foi apenas um risco, ou má sorte que mãe e pegou, ou qualquer outra dessas coisas.

Ele inclina a cabeça.

— Bravo, Chuva: você se lembra.

Eu recuo, o choque e o horror suplantando o medo o suficiente para que eles não saiam do meu rosto.

— Mas por quê?

— Precisavam os meus mostrar aos Lordeiros que eles podem falhar; que podem os nos aproximar deles. Que em algum lugar, a qualquer momento, quando eles menos esperam, estão vulneráveis.

— Mas com o que você pôde fazer isso comigo?

— Agora, Chuva: você concordou com esse plano. Assim com os seus pais. Eles nos entregaram você pela causa, para esse propósito.

— Não — sussurro. — Não. Eles não fariam isso.

— Eles fizeram. Seu pai verdadeiro fazia parte do R. U. Livre, ele sabia que em um país liderado pelos Lordeiros não havia futuro para sua filha, ou qualquer outra — o rosto dele estava cheio de paixão. — Você pediu a verdade. Essa é a verdade.

Eu fecho meus olhos, bloqueio o rosto de Nico e suas palavras, e foco no sonho de ontem. Aquele homem não faria algo assim. Ele não entregaria sua filha para Nico. Nunca.

Torno a abrir os olhos, desta vez com cuidado para esconder a descrença.

Nico coloca as mãos nos meus ombros.

— Você fez essa escolha. E é a escolha certa. Você sabe, em primeira mão, que os Lordeiros e o processo de Reiniciação podem ser im pedidos.

— Eles precisam ser im pedidos — sussurro, e não estou fingindo. Verdade é liberdade; liberdade é verdade.

— Você não vai me decepcionar — ele se curva e beija minha testa. — E não se esqueça do que eles fizeram com o Ben — uma onda de dor passa por mim ao ouvir esse nome. Há tanta coisa se aglomerando dentro de mim que o deixei de lado por um tempo.

— Ben também estava do nosso lado, você sabe — lembre-se Nico. — Ele iria querer que você lutasse por ele.

Nico me conduz para fora do escritório. Suas palavras só se encaixam realmente um tempo depois, quando estou fora do prédio e em meio a um dia cinzento de novembro.

Ben estava do lado do R. U. Livre? Nico só poderia saber disso se estivesse recrutando Ben.

Minhas mãos se fecharam com rigidez. Eu sempre perguntei um outro *porquê*. Por que Ben decidiu de repente tirar o seu Nível e pensou em entrar para o R. U. Livre? Só poderia haver uma resposta: Nico.

Ele tem recrutado outros do colégio, mas por que Ben? Um Reiniciado não é um recruta ideal: não são bons em guardar segredos e, tirando Tori, eles têm sérios problemas com violência. Ben só pode ter sido escolhido por minha causa.

Mais tarde, naquela noite, não consigo dormir. Não consigo. Ondas de raiva

passam por meu corpo, um fluxo de metal fundido pulsando em meu coração, em minhas veias, por tudo que Nico me fez. E ao Ben. Uma raiva que não tem para onde ir, mas que cresce ainda assim.

Mas, no fim de tudo isso, estão os Lordeiros. Eles e o processo de Reiniciação ainda são o inimigo principal: foram eles que me trouxeram aqui. Eles reiniciaram Ben, e o levaram embora. Eles ainda

são o alvo. Nico continuará.

Um zum bido em m eu pulso m e assusta: o com unicador de Nico, com o se ele estivesse ouvindo m eus pensam entos, esperando pelo m om ento certo. Eu penso em não responder, m as aperto o botão.

— Sim ? — respondo, em voz baixa.

— É o Katran. Me encontre j unto à sua bicicleta em um a hora — e desliga.

CAPÍTULO 40

Eu m e esgueiro pelas som bras escuras por trás de nossa casa, depois subo a trilha. Tantos m istérios fazem os quilôm etros passarem rápido, andando com a cabeça cheia de perguntas e m eias-respostas.

Qual o m otivo do encontro? Talvez Nico tenha decidido que sou um risco m uito grande, e enviou Katran para m e elim inar. Meu estôm ago revira ao pensar no que Katran fez, e tem feito, e o que isso o torna: um derram ador de sangue. Um assassino frio.

Mas, anos atrás, era Katran quem m e abraçava no m eio da noite quando os sonhos m e faziam chorar de terror. Katran, que acredita com todas as suas forças que o que está fazendo sej a o cam inho para derrubar os Lordeiros e tornar nosso m undo um lugar m elhor.

Estou tão perdida em pensam entos que quase trom bo com ele.

— Oi — eu digo.

— Cuidado por onde vai — ele sussurra. — E tente não fazer barulho, eu ouvi você a um quilôm etro de distância.

— Mentiroso. O que foi?

— Nico m e enviou.

Ao ouvir esse nom e, a raiva irrom pe novam ente por dentro de m im e cerro os punhos com força. — Por quê?

— Ele quer que eu lhe entregue isso, m as eu não quero — ele enfia a m ão no

bolso e um a pequena arm a brilha em sua m ão sob o luar. Ele vai m e m atar. Eu dou um passo atrás.

Ele ri.

— Você deveria ver sua cara. Sua idiota. Isso é para o plano B do Nico: assim você pode matar sua mãe. Mas quem você está enganando? Você nunca seria capaz de fazer isso. Desista. Fugir enquanto ainda pode.

Eu estendo minha mão, desejando que esteja firme. Ele segura a arma, com o se fosse puxar o gatilho.

— Está vendo isso, Chuva? Você puxa aqui. De perto. Um único tiro. O dano que isso pode causar: destruir os tecidos, os músculos. Sangue, Chuva: uma chuva de vermelho, de sangue quente. Vai respingar por todo o seu corpo.

Meu estômago revira novamente; luto para não imaginar o que ele descreve.

Para manter a mão firme.

Ele xinga em voz baixa, e a raiva em seu rosto muda para algo mais suave.

— Chuva, por favor. Pense melhor. Se você conseguir puxar o gatilho, o que vai acontecer com você? Você será morta em segundos.

— Me entregue. Agora.

Ele deixa a arma em minha mão. Balança a cabeça. Me mostra com o funciona corretamente desta vez — pequena, talvez único; uma tira que passa ao redor do braço para mantê-la escondida. Feita de plástico especial que deve passar pela maioria dos detectores. De curto alcance. Não há problema, pois estarei bem ao lado de minha mãe, pronta, para o caso de ela não fazer seu discurso do jeito que Nico quer.

— Nico também quer que eu verifique se você está do nosso lado. O que o preocupa?

— Eu percebi algumas coisas, e fui tola o bastante para falar disso com ele.

— Nossa! Com o quê?

— Você pode responder a uma pergunta primeiro?

— Pode perguntar. Só não sei se vou responder.

— Com o os Lordeiros m e pegaram ? O que aconteceu para que eu term inasse sendo Reiniciada?

Katran fica quieto, e com eço a achar que ele não vai responder. Em seguida,

ele suspira, passa os dedos pelo cabelo, com o sem pre faz quando está preocupado. Com o consigo m e lem brar de pequenas coisas com o essa, e não das grandes coisas?

— Honestam ente? Eu não sei. Houve um ataque a um local de arm azenam ento de arm as dos Lordeiros, m as eu não estava lá. Eu deveria estar, m as no últim o m inuto Nico m e enviou para um a m issão estúpida. Eu estava com tanta raiva! Então, quando voltei... — ele sacode a cabeça. — Ouvi dizer que era um a em boscada. De algum a form a eles sabiam que estariam os lá. Três m ortos.

Você e alguns outros que eram m ais novos foram levados, deduzim os que Reiniciados. Eu não estava lá para protegê-la! Até reencontrar você aqui, dias atrás, era tudo o que eu sabia sobre o que tinha lhe acontecido.

Eu fico olhando para ele, chocada. Tantas vidas desperdiçadas.

— Não foi culpa sua. Além disso, o que você poderia ter feito se estivesse lá, m as fosse m orto?

— Talvez. Eu não sei — ele diz. Mas Katran sem pre pareceu invencível, com o se, se ele tivesse estado lá, as coisas pudessem ter term inado de outra form a. Foi por isso que ele foi enviado para outro lugar?

— Não foi sua culpa, m as eu sei de quem foi.

— Dos Lordeiros.

— Eles fizeram o trabalho suj o, m as quem arm ou tudo?

— O que quer dizer?

— Ouça. O que eu descobri hoj e é que eu sem pre estive destinada a ser Reiniciada. Não foi um ato aleatório, ou azar que m e fez ser pega. Eu fui preparada para isso, e sem pre estive nos planos de Nico.

— Não. De j eito nenhum . Mesm o que sej a verdade, não com todos os outros lá. Não!

— Ele não podia simplesmente entregar aos Lordeiros e dizer: “Aqui está, por favor, Reinicie esta menina na qual tem os feitos experiências”...

Os punhos de Katran se fecharam .

— Se isso for verdade, eu vou matá-lo.

— É verdade. Ele simplesmente confirmou. Mas e quanto ao R. U. Livre e tudo pelo qual você tem lutado?

Seus olhos estão enfiados.

— Com o que posso simplesmente continuar com o que nunca tivesse ouvido isso?

Com o que posso confiar nele novamente?

— Sim, simplesmente não confie nele. Eu não confio. Mas isso não muda o motivo pelo qual estão trabalhando: a mesma coisa que Nico quer. Derrubar os Lordeiros

— eu ouvi dizer as palavras, eu odiando por defender Nico quando o que me aconteceu, o que houve com Ben, foi culpa dele. E pensar que eu culpava Aiden, quando era Nico que estava por trás das ações de Ben o tempo todo. Mas, ainda assim, foram os Lordeiros que reiniciaram Ben; Lordeiros que o transformaram seja lá no que ele é agora. — Mas quando os Lordeiros se forem ... — falo, dando de ombros. *Depois será outra história.* Nico não vai sair disso simplesmente. Não agora que Katran sabe.

— Quando eles se forem ... — diz Katran e, em seus olhos, vejo a morte de Nico.

— Você acha que isso realmente é possível? Ganhar dos Lordeiros?

— Sim. Vamos conseguir desta vez. Estamos organizados com o que nunca tivemos antes.

— Sério?

— Há muita coisa planejada. Teremos ataques coordenados por todo o país.

Assassinatos-chave, também, e tudo no momento exato em que foi assinado o tratado que deu início à Coalizão Central e seu controle sobre este país. Mas ainda precisam do apoio geral. Sem isso... —

ele dá de om bros.

Sem isso, vamos falhar definitivamente.

— Precisam os do discurso da m inha m ãe, que ela diga a verdade. Mas e se ela não disser? O que acontece depois?

Ele m e vira, suas m ãos nos m eus om bros. Os olhos nos m eus.

— Nico diz que é o plano B. Apunhalar o coração dos Lordeiros m atando a filha de seu herói: m ostrar que ninguém está a salvo, que eles são vulneráveis em toda parte. Mas não faça isso, Chuva. Salve-se.

Eu engulo em seco.

— Tenho de fazer. Os Lordeiros precisam ir em bora. Lem brar as coisas, o que Nico fez, não m uda isso.

Os olhos escuros de Katran im ploram para que eu m ude de ideia. Sem pensar, estico a m ão com o fiz antes, para tocar leve m ente a cicatriz em seu rosto. Seu *porquê*. Desta vez, ele não se afasta.

— Katran, você estava certo, o que você disse no outro dia: eu preciso saber o que houve com igo, e por quê. Tudo.

— Você realm ente está falando sério?

— Sim . Nico disse que m eus pais m e deram para ele. Que eles e eu concordam os que isso fosse feito com igo. Quero saber. *Preciso* saber a verdade.

— Tenho um a coisa para você — ele diz. — Mas só se você tiver certeza. Você quer se lem brar, não im porta o que sej a?

— Sim . Tenho certeza.

Ele coloca a m ão dentro da cam isa e puxa um a tira de couro que está ao redor de seu pescoço. Quando ele a coloca para fora da cam isa, noto que há algo pendurado nela.

— O que é isso?

Ele a tira do pescoço e coloca em m inhas m ãos.

— É algo que você m e deu, há alguns anos.

A luz é fraca, e eu sinto o obj eto com os dedos: ainda com o calor de

sua pele, um a peça esculpida em m adeira, com poucos centímetros de comprimento.

Um a torre. Meus dedos se lembram, e não é apenas um a torre qualquer, é a *torre*. Minha torre. Do meu pai. Respiro fundo.

— Você se lembra dela?

— Acho que sim. Algo da minha infância. Eu não entendo. Por que eu lhe dei isso?

— Seus pesadelos eram muito ruins. Você disse que, mesmo não querendo mais perder nenhum a peça de si mesmo a, você não podia mais antes aquela.

Precisava deixá-la ir, para esquecê-la. De alguma forma, tem relação com esta torre. Você me pediu para me livrar dela para você porque não suportaria fazê-

lo. Mas eu sempre a guardei, Chuva. Para antes comigo um a parte do que você foi. Talvez ela ajude a lembrar.

Eu olho com espanto para Katran. Parte do que fui, próximo ao seu coração?

— Obrigada — eu digo, e a coloco em volta do meu pescoço, debaixo das

minhas roupas. Um pavor que eu não identifico me invade quando a sinto contra a pele.

— Hora de ir — ele diz, mas não se move, e nem eu.

— Tenha cuidado amanhã — eu peço. Com bata o bom com bate. — Ecos da voz de Nico em meus ouvidos: *tenha uma boa morte*. Sinto um arrepio na espinha.

— Vam os ficar bem, você e eu — ele diz. Devagar, indeciso, ele estende as mãos. As mãos violentas de um assassino; mãos gentis, que confortam e protegem. Eu me aproximo dele, ele me abraça. Seu coração bate enlouquecidamente no peito. — Vá — ele diz no meu ouvido, e me dá um pequeno empurrão. — Tente ser silenciosa desta vez.

Eu me afasto, e momentos depois ouço o som distante de sua bicicleta.

De volta à cam a, seguro a torre com força: m inhas m ãos são tam bém as de um a assassina? Por que a torre é tão im portante? Tudo o que eu sei sobre isso é a lem brança de um sonho feliz, j ogando xadrez com m eu pai.

Nós corremos. Ele segura minha mão, com força, como se nunca a fosse soltar novamente.

Mas minhas pernas estão falhando, minha respiração está tão ofegante que meu peito irá estourar com certeza, e não consigo ar o suficiente. A areia escorrega sob os meus pés, e ainda assim eu corro.

Até cair. Tropeço, caio e aterrisso com força na areia da praia, sem fôlego. Sem força, mais nada.

— Vá! — eu o empurro, mas ele se vira, me abraça.

— Nunca se esqueça — ele diz. — Nunca se esqueça de quem você é!

E o terror se aproxima. Eu consigo ouvi-lo, mas não posso olhar. Ele me dá cobertura, mas eu giro o corpo e dou cobertura a ele, e meus olhos se fecham com força. Eu não posso olhar, não posso.

Um eco de outra época, outro lugar. Terrores do meio da noite, e uma voz gentil: vá em frente e olhe, Lucy. Enfrente o que assusta você, e ele perderá o poder.

Abro os olhos. Mas, desta vez, não é como debaixo da cama.

Esse medo é real.

O terror me olha de volta. Grandes e pálidos olhos azuis brilham diante da morte e do triunfo.

Dou um pulo da cam a, o coração batendo dolorosam ente contra m inhas costelas. Um terror tão real e forte que preciso acender as luzes. Os cobertores estão puxados até o m eu queixo, m as ainda assim estou trem endo. Nunca, em todas as versões desse pesadelo, eu tinha m e atrevido a abrir os olhos e ver o que m e perseguia.

Apenas um hom em tem olhos com o aqueles.

Nico.

Eu am aldiçoo o m edo que m e acordou, tão perto de saber... o quê?

Quem estava comigo? O que aconteceu depois?

CAPÍTULO 41

— Que tal estou? — Cam dá um a rodadinha para mostrar o terno. O Senhor Casual está surpreendentemente bem de paletó e gravata, mas as outras coisas ocupam minha cabeça.

Franzo a sobancelha.

— Sua gravata está torta. Fique em casa, Cam. Você não quer ir. — Meus olhos im ploram.

Ele ajusta a gravata em nosso espelho do *hall* e me olha.

— O que foi, Ky-la? — ele pergunta. — Me diz.

— Nada. É só que vai ser chato com o inferno. Você não precisa ir; fuja enquanto pode.

Ele parece pensativo, com o que se notasse que há algo que eu estou tentando esconder. Ele entreabre a boca para dizer alguma coisa quando meu pai aparece.

— Vocês dois estão ótimos — ele diz.

Eu estava usando o que me mandaram, sem questionar. Um vestido verde escuro — chamativo e sedoso —, felizmente de mangas compridas. Me caiu bem. Sapatos idiotas de salto alto não são meu calçado preferido em dia nenhum, mas a velocidade pode ser útil e, se for assim, eles terão de sair. A fria sensação de algo cilíndrico e mortal contra a minha pele, amarrado em meu braço.

— Sua mãe ainda não está pronta?

— Eu vou ver — respondo, e subo as escadas. Bato na porta de seu quarto. —

Mãe?

— Entre — ela diz.

— Você está bem?

Ela encolhe os ombros, passando o pé no rosto.

— Odeio essas cerimônias.

— Por quê? Ela honra seus pais, lamenta a perda deles, para você e para o país

— repito, com o um papagaio, o lema oficial do Dia do Memorial Armstrong. Eu a observo de perto.

— Eu sinto falta deles, muito. Mas hoje, aqui, eu sou um marionete em um cordão. Isto não tem nada que ver com meus pais, ou comigo. Mas com *eles*.

— Lordeiros?

As sobrancelhas dela se movem; ela confirma com a cabeça.

— Talvez seja a hora de cortar os cordões.

Ela olha para trás.

— Talvez — ela diz, finalmente, e suspira. — Se ao menos fosse assim tão simples.

— Você não pode simplesmente dizer com o que se sente? Diga a verdade. Não é sempre a coisa certa a se fazer?

— Saber o que é certo e errado não resolve tudo, Ky-la. Eu vivi minha vida desse jeito: esqueça essa bosta toda, esqueça a política, fique fora disso. Cuido das pessoas com as quais me importo, quem está aqui, agora. Com o você — ela toca minha bochecha e sinto uma dor profunda por dentro. — Se todo mundo fizesse isso.

— Talvez, às vezes, o aqui e agora não seja tão importante quanto fazer o que é certo. Talvez as pessoas com as quais você se preocupa possam entender — e eu sei que estou forçando, que ela vai comêçar a se perguntar. Mas *não posso* deixar de dizer isso.

Ela me olha.

— Talvez.

— O carro já chegou — papai chama lá em baixo.

— Vam os lá — ela diz. — Hora do *show*.

Cam nos acompanha até nosso carro.

— Não é tarde demais para mudar de ideia — digo a ele.

— Sem chance! Vej o você lá.

Nossa limusine é um carro do governo, com o Nico disse que seria: bandeiras sobre o capô. Um a escolta de motocicletas com Lordeiros na frente e atrás.

Papai está na sua versão feliz, conversando com Amy. Mamãe está silenciosa; seus olhos estão cansados, tensos. Aparência de quem não tem dormido bem.

Aparência de quem está às voltas com uma decisão.

Por dentro, tudo im plora a ela: *conte a verdade*. Faça isso!

Não me e faça me atar você.

Estão os perto dos portões da casa, e ao lado da entrada está um avião preto.

Segurança Lordeira. Uma onda de medo me e sufoca: talvez isso acabe aqui. Eles vão me e arrastar, revistar; encontrar a arma e me e levar presa. Coulson nunca me deixaria passar por essas portas sem ter certeza, não quando ele suspeita do que, afinal, é verdade. Não quando ele não sabe se eu vou me ater ao combinado.

Entretanto, com o Nico tinha dito que seria, nossa limusine e a escolta passam pelos guardas direto pelos portões. Seguimos os pela rua Vitória: um a pista de cascalho que dá a volta em um gramado com uma estátua quebrada.

— Estão vendo isso? — diz papai. — Estátua da deusa grega da saúde.

Quebrada por vândalos nas revoltas. Eles foram encontrados aqui e executados ao lado de sua afronta; que é muito antiga assim para nos lembrar pelo que lutamos.

Executados aqui: na gramada. Por derrubar uma estátua? Lordeiros fazem essas coisas. A decisão cresce dura e fria por dentro de mim.

Paramos na frente das portas principais. Guardas as abrem e nós percorremos o um corredor de pedra. Seguimos os um oficial para o Grande Salão, e eu recupero o fôlego. O teto é tão alto, o espaço tão descomunal, que nossos passos parecem pequenos ao caminhar ali. Pinturas enormes estão penduradas nas paredes: retratos de mortos nos observam. Um fogo crepitante queima em uma lareira branca, duas poltronas dispostas em um dos lados. Câmeras e

icrofones arrum ados m ostram que o discurso será aqui.

Um funcionário passa a ordem do dia. Prim eiro: às 13:10, o m om ento em que a bom ba explodiu m atando os pais dela, m am ãe fará o discurso televisionado ao vivo. Apenas a fam ília estará presente: papai, Am y e eu. A seguir, nossos am igos

e fam iliares — Cam incluído — terão perm issão para se j untar a nós, e vam os tom ar um chá. Segundo: novidade este ano, para lem brar os 25 anos de suas m ortes, o atual Prim eiro Ministro se pronunciará para a nação, e a um seletor grupo de dignitários. Isso será nos j ardins da casa. Nós estarem os ao lado dele, exatam ente às 16 horas, m om ento preciso em que o tratado que acabou com as revoltas foi assinado, há trinta anos. E então eu saio com Cam , enquanto m am ãe e papai ficam para um a recepção interm inável e, m ais tarde, o j antar. Am y, garota louca, optou por ficar para isso tam bém .

Mas as coisas nunca passarão do *primeiro* ato do cerim onial, não é m esm o? De um a m aneira ou de outra.

Eu fico olhando para o teto, bem acim a. Será que tiro faz eco?

— Im pressionante, não é? — diz m am ãe. — No entanto, ainda m e faz sentir em casa. Eu costum ava adorar estar aqui. Há um a biblioteca tão grande que dá para j ogar críquete lá.

— Você j ogava?

Ela pisca.

— Eu não lia m uito naquela época.

Som os cham ados para nossos lugares. Mam ãe em um a cadeira, papai em outra. Am y e eu tem os que ficar de pé, atrás da m am ãe, cada um a com um a m ão descansando em sua cadeira. Luzes são verificadas; em seguida o som ; e eu faço a m inha própria checagem .

Lordeiros. Eles estão por toda parte, m as não m uito perto, para que não apareçam na film agem . Mas perto o suficiente para im pedir o discurso de m am ãe se eles acharem que há algo errado, e ela terá apenas segundos antes de a transm issão ser cortada. Eu estudo seus rostos, convencida de que Coulson estará aqui, que ele im pedirá isso antes de com eçar. Mas ele não está.

Um a garota se aproxim a e retoca o rosto de m am ãe com m aquiagem .

Mas e se ela não fizer o discurso que querem os?

Minha cabeça está leve. Eu olho para cima e sinto como se estivesse flutuando sobre a sala, tudo está se arrastando, cada segundo — *tique, taque* — ficando mais lento.

Se ela não fizer o discurso que querem os, *então*: eu devo deslizar a mão pela

minha manga e puxar a arma? Não. Estou ao lado dela, não é preciso me irar. Mão na manga, seguro a arma. Atiro nela através da manga; eles não terão chance de ver, de me impedir.

Não. Ela dirá a verdade. Ela dirá.

Se ela disser... o que fazer, então? Os Lordeiros ainda estarão aqui.

Transmissão interrompida. Será que eles vão prendê-la? Atirar nela? Eu pisco.

Nico disse que não. Eles não ousariam, eles têm de fazer coisas legais e adequadas, tudo me undo estará observando com o que ela será tratada. E, se for provado que o que ela disse é verdade, não existe traição. E ele encontrará o Robert, e provará que é verdade.

Além disso que os Lordeiros reajam sem pensar, atirem nela para impedir suas palavras antes que a transmissão seja cortada. Meu estômago em brulha. O país iria vê-los em ação, ver o que eles realmente são.

Mas se ela não contar a verdade... eu tento alcançar a fria solução que senti mais cedo, guardada do lado de dentro. Concentre-se. Mão na manga; arma; tiro.

Eu posso fazer isso. Haverá sangue. Mas não até que eu tenha feito isso, e o que importa depois, se eu enlouquecer? Com todos os Lordeiros aqui eu estarei morta antes de ter uma chance. Nós duas estaremos mortas.

— Ky-la? — Amy me cutuca. — Sorria.

Eu recomponho meu rosto. Eles estão em contagem regressiva. Uma luz aparece na câmera, e então...

Ela com a cabeça.

— Hoje faz 25 anos que houve uma terrível tragédia com a morte de

William Adam M. Arm strong e sua esposa, Linea Jane Arm strong, nas m ãos dos terroristas. Nossa nação perdeu seu Prim eiro Ministro e sua esposa. Eu perdi os m eus pais. Não foi por acaso que escolheram esse dia. Em 26 de novem bro, há trinta anos, os tratados foram assinados nesta m esm a sala para form ar o nosso Governo de Coalizão Central. O governo liderado por m eu pai que acabou com as revoltas, que trouxe a paz de volta a este país. Estou aqui diante de vocês com m inha fam ília agora, e eu m e pergunto o que m eu pai diria se estivesse aqui. O

que ele faria.

Ela faz um a pausa. Há pequenos cartões brancos em suas m ãos. Não estão

abertos.

Vej o o funcionário atrás da câm era trocando um olhar atento com outro. Ela não está m ais seguindo o discurso preparado! A esperança cresce dentro de m im .

— Meu pai era um hom em de princípios. Ele acreditava estar fazendo o certo, e lutou para tornar este país um lugar seguro para seus filhos, e os filhos de seus filhos, em um m om ento de caos, quando isso parecia um sonho im possível. No entanto, ele não conheceu seu próprio neto. Um filho que eu tam bém perdi.

Ela realm ente vai falar. Sem pensar, m inha m ão segura o seu om bro. A m ão de m am ãe se estende e segura a m inha.

O funcionário está sussurrando para um técnico, ouvindo, vigilante.

— Um a das m inhas lindas filhas m e lem brou hoj e o que é im portante: fazer o que é certo. Dizer a verdade. Mas a verdade para m im é esta: é hora de parar de se concentrar em tragédias passadas. Nós não podem os voltar atrás, só podem os ir para a frente. É hora de o nosso país se concentrar no que é bom : no que podem os fazer por nossos filhos e pelos filhos de nossos filhos.

Os Lordeiros estão em alerta; suas palavras estão chegando perto do lim ite agora.

Seus olhos passam por eles. Ela se vira para Am y e para m im , e sorri.

Um Lordeiro se aproxim a dos técnicos da câm era.

O tem po está se esgotando! *Diga agora!* Im ploro por dentro. *Diga o que houve com o Robert.*

Ela se vira e encara a câm era.

— Obrigada — ela diz.

Estou gelada. Isso é tudo? Estava nos olhos dela, naquele m om ento em que ela se virou para m im e Am y. Ela não ia fazer ou dizer nada que nos colocasse em perigo. Foi isso. Ela ainda segura a m inha m ão, a m ão que deveria estar escorregando por m inha m anga, agora, buscando os m eios de acabar com a vida dela. A m inha tam bém .

Um funcionário se aproxima. Estam os na frente da câm era ao lado dele; ainda transm itindo ao vivo. Ele agradece à m am ãe e com eça a explicar a ordem do dia. E todo o tem po eu poderia largar a m ão dela. Buscar a arm a dentro da m inha m anga. Ainda há tem po. Os segundos estão se esgotando, cada tique-taque

do relógio soa m ais distante, cada um é um a eternidade de decisão.

Pense.

Arranque o coração dos Lordeiros. Isso foi o que Katran disse; repetindo o que disse o Nico, sem dúvida. Suas palavras eu reconheço.

Precisam os de apoio popular: novam ente Katran. Mas com o m atar a m am ãe, a filha do herói Lordeiro, conseguiria isso? O buraco na lógica está se abrindo na m inha frente. Poderia ter o efeito oposto, afastar a opinião pública de nós.

Certam ente Nico percebe isso.

Nico diz que devem os atacar as Lordeiros onde e com o podem os: m ostrar sua vulnerabilidade...?

Não.

Afasto as palavras dele. Sou apenas eu, sozinha, neste m om ento.

Aqui, agora: eu decido. Eu não sou quem eu era, ou quem Nico quer que eu sej a. Eu quase suspiro alto quando percebo:

Eu sou o que eu escolho fazer.

Assim com o m am ãe. Quem ela é, em sua essência, é a som a de todas as decisões que ela tom a. Ela fez o que achou certo: extrapolou

os limites do que disse, mas não muito. Para nos proteger.

Eu não posso fazer isso.

Eu não vou fazer isso.

A luz da câmara se apaga. Muito tarde. É muito tarde para ela dizer o que deveria ter dito.

Tarde demais para eu fazer o que eu nunca conseguiria.

— Está tudo bem, Ky-la? — pergunta a mãe. — Você está tão concentrada.

— Estou com dor de cabeça — eu digo, com sinceridade. As pessoas agora se espalham pelo salão principal para chá e bolos. Alguns poucos rostos familiares, mas muitos mais que não são. E Lordeiros, em toda parte: olhos atentos, que prestarão mais atenção na minha mãe, agora.

Tudo está se movendo, tremendo por dentro. Ela não pôde fazer nada que nos colocasse em perigo, não importa o que ela pensava. Eu não poderia machucá-

la, também. Todo este sentimento: é uma armadilha? Os laços que nos prendem às nossas lealdades, Nico diria. Ele estava errado sobre mim: eu não era capaz de

fazer isso.

— Pode ir, se quiser — diz a mãe. — Você não precisa ficar para a segunda cerimônia. Você só precisava realmente estar aqui para a primeira, para a foto oficial de família — ela revira os olhos. E acena para Cam. — Por que vocês dois não vão agora?

— Claro — ele diz. — Este terno me dá coceira. Vamos, Ky-la.

Somos instruídos a seguir um funcionário: pelos corredores até uma porta.

Através de um gramado até o estacionamento, onde está o carro de Cam.

Conforme caminhamos, meus pensamentos se agitam. O que acontece agora?

Nico disse que os ataques do R. U. Livre seriam ao mesmo tempo do

discurso da minha mãe sobre os Lordeiros terem Reiniciado o filho dela, ou de sua morte.

Nada disso aconteceu. Isso é tudo?

Nico ficará indignado com o meu fracasso. Eu suspiro. Não apenas zangado; mas letal. Eu estou morta.

Talvez Katran tente impedir-lo. Mas...

Katran. Ele disse que os ataques foram sincronizados para ocorrerem quando o tratado foi assinado: a segunda cerimônia. Nico disse que seria na primeira. Eu entendi algum deles errado? Franco a testa. Não, tenho certeza de que não entendi errado. O que Katran disse? Os ataques e assassinatos cronometrados juntos, na segunda cerimônia: ela com início às 16 horas.

Assassinatos... isso inclui a doutora Ly sander? A dor cresce por dentro.

Chegam ao carro de Cam e entram os. Um funcionário sinaliza para esperarmos. Outra limusine está chegando, mortos na frente e atrás. Ela para, e a porta é imediatamente aberta; tem os um vislumbre dos cabelos loiros desarrumados antes que os seguranças cerquem o Primeiro Ministro, escondendo-o de vista.

Eles caminham até os degraus e entram. Assim que a porta se fecha, nos fazem sinal para ir.

— Você perdeu sua chance de conhecer o Primeiro Ministro — diz Cam, conforme seguimos para fora do portão. Eu não respondo. — O que há de errado? — ele pergunta.

Eu balanço a cabeça, fecho os olhos, me recosto no banco. A doutora Ly sander foi em purrada dos meus pensamentos por todo o resto. Ou talvez eu estivesse

evitando pensar no que aconteceria com ela.

Ainda assim, mesmo quando eu não entendia o que ela estava fazendo, ela estava me protegendo. Ao ponto de falsificar registros hospitalares. Ela infringiu regra após regra para me dizer o que eu precisava saber. E a maior de todas, ao me encontrar fora do hospital. Nico disse que, para ela, eu sou a filha que ela nunca teve. Sim, ela faz parte de todo o regime e de Lordeiros que eu odeio. Mas, por minha causa, sua segurança está morta, e ela é uma prisioneira.

A doutora Ly sander é com o parte da m inha fam ília. Ela, com o m inha m ãe, m e protegeria, se pudesse. *As palavras da minha mãe, mais cedo, em casa: cuide das pessoas com as quais você se importa, que estão aqui, agora.*

Eu olho para o m eu relógio: 14:20.

— Ky la?

— Cam ? Lem bra quando disse que, se tivesse qualquer coisa que você pudesse fazer para aj udar, você faria?

— Claro.

— Você pode dirigir rápido para casa, para que eu possa trocar de roupa? E

então m e deixar em outro lugar. Mas o m ais im portante: sem perguntas.

Ele sorri e pisa no acelerador.

Em casa, subo correndo as escadas, tirando os sapatos e abrindo o vestido ao m esm o tem po. Jogo o vestido no chão do m eu quarto, enfio um j eans e um a cam iseta escura. Odeio a sensação da arm a de Nico na m inha pele, m as a deixo presa ao m eu braço. Eu posso precisar dela. Com eço a correr para a porta e paro em seguida.

O com unicador de Nico. Pode ser um rastreador tam bém , e eu não quero que ele saiba para onde estou indo. Eu paro, passo o dedo debaixo do m eu Nivo para tentar soltá-lo. Xingo, estou prestes a desistir, quando m inha unha finalm ente encontra um a borda. Um toque e o retiro. Eu o j ogo em um a gaveta de roupas e corro para baixo.

Cam j á está no carro, tam bém trocou de roupa.

— Isso foi rápido — ele diz. — Algum tipo de em ergência?

— Sem perguntas, lem bra? — repito, e então cedo. — Digam os que eu só preciso aj udar um a am iga.

Explico a ele o cam inho conform e nos dirigim os para lá, o tem po todo m e perguntando: o que estou fazendo? Vou m e atrever? Posso m e opor a Nico?

Sim.

Por m uito tem po fui em purrada para um lado, depois para o outro; entre quem eu era, e quem eu sou. Mas quem eu quero ser?

Quem eu sou agora e o que eu faço, agora, será decidido por m im , e apenas por m im .

Há tantas grandes questões: as políticas. Que envolvem Katran e Nico. Os Lordeiros estão errados, m uito errados, m as cortar suas gargantas, um a após a outra, é a solução? Eu m e convenci de que Nico estava certo; que, com o Chuva, eu j á tinha feito essa escolha, havia m uito tem po, que devem os usar todos os m eios necessários. Mas eu estava errada. Essa não é a m inha resposta.

Guio Cam direto pela estrada da trilha única, o cam inho pelo qual Nico m e levou na prim eira vez, e então sinto um aperto gerado pelo m edo: e se ele vier por esse cam inho hoj e? Mas é tarde dem ais para voltar atrás.

— Pare aqui — eu digo, finalm ente. — Você vai ter que dar ré um pouco antes de voltar.

— Aqui? Você tem certeza? — Cam espreita pelas árvores ao redor.

— Sim . Aqui. Obrigada.

— Não está na hora de você m e dizer o que está acontecendo? — ele faz um a pausa, e olha m eu rosto de perto. — Aleluia! Você realm ente *vai* m e dizer algum a coisa, não é?

— Um a coisa — eu digo. — Sabe aqueles Lordeiros a que fom os apresentados outro dia? Eles podem estar irritados com igo, e eu realm ente espero que isso não se estenda a você. Eu só queria avisá-lo. Sinto m uito.

— De Lordeiros irritados eu gosto, m as não na m inha cola. Mas, se eles vão agir daquele j eito, m e deixe ir com você. Talvez eu possa ajudar.

— Não.

Ele suspira.

— Tem certeza de que você ficará bem ?

— Absoluta — m into, m ão na porta do carro, pronta para correr se ele tentar m e seguir.

— Boa sorte — ele diz.

— Até logo, Cam — eu digo, e saio, m e em brenhando nas árvores. Aguardo fora de vista para ter certeza de que ele vai em bora. Ele dá ré até a pista e desaparece.

Tem algo *errado*. O quê, exatam ente, eu não sei. Ele desistiu m uito fácil? Fico atenta, escutando até que o m otor soa distante e o som não é m ais ouvido.

E Cam é um a das piores culpas que sinto em tudo isso. Não foi culpa dele ter cham ado a atenção dos Lordeiros, foi puram ente por m inha causa. Espero, com todas as m inhas forças, que nada aconteça com ele. Se tudo der certo hoj e, se a doutora Ly sander escapar, Coulson vai saber em breve no que tenho m e m etido.

E acho que ele não vai ficar m uito contente.

CAPÍTULO 42

No esconderij o de Katran, onde as bicicletas estavam na prim eira vez que vim por aqui, a lona está m ais baixa do que eu esperava. Eu a retiro novam ente para ter certeza, e suspiro: nenhum a bicicleta aqui hoj e. Devem estar todos na casa: eu vou ter que ir a pé. Rápido.

O ar está úm ido e pesado, tranquilo, m olhado. O céu está escurecendo. E eu penso ter ouvido sons abafados, alguém ou algum a coisa escondida. A im aginação está a m il, continuo m e virando, certa de ter ouvido o estalo de um galho distante ou algo entre as árvores. Mas, se eu m e viro rápido, silenciosa e cuidadosa, não há nada lá.

Conform e ando, considero o ponto fraco do plano: quem está guardando a doutora Ly sander? Se Katran está diretam ente ligado aos ataques das 16 horas, todos que podem estar em ação devem ter sido designados; pode ser apenas um guarda do lado de fora da porta trancada. Com o faço para tirá-los da casa e distraí-los o suficiente para libertar a doutora Ly sander? Não tenho ilusões sobre um a luta para valer: a única m aneira de eu realm ente m achucar alguém seria em autodefesa. Com o foi com Way ne. Eu estrem eço por dentro: eu não lam ento, exatam ente, por ele estar m orto. Pode ter sido pelas m ãos de Nico, m as, ainda assim , é outra m orte cuj a culpa é m inha.

Concentre-se.

Se Nico estiver na casa, estou em apuros. Ele não deve estar, deve

estar

coordenando os ataques.

A menos que esteja a no que me atará a doutora Ly sander às 16 horas.

Você sempre pode desistir, fugir. Se esconder.

Não. É hora de enfrentar o problema que causei. Me apresso pela trilha, meio andando, meio correndo. Um olho no relógio: 15:15 agora, e vou mais rápido, examinando e rejeitando planos no caminho. Há muitas incógnitas.

Chego ao local onde as bicicletas estão escondidas perto da casa: estou quase lá. Mais uma vez sou tomada pela sensação, tão forte, de estar sendo vigiada; eu paro, prendo a respiração e apuro os ouvidos, mas não consigo escutar nada. O

único movimento é um falcão vermelho circulando lá em cima, de olho em alguma presa aqui em baixo. Medo e imaginação: isso é tudo.

Em silêncio, meio em brejo entre as árvores ao redor da casa, escondida, fora de vista. Nenhum carro: Nico não está aqui! O alívio é tão grande que relaxo contra uma árvore. Por mais que eu tente fingir que sou capaz de enfrentá-lo, eu conseguiria? Sério? Além do controle que ele sempre teve sobre todos, há um outro controle em mim, que até recentemente estava enterrado tão fundo que eu não sabia. Ele é o meu terror. O material de que são feitos os pesadelos.

Há um movimento na porta: eu me encolho. Um vulto de cabelos escuros sai, derrama os restos de uma xícara no chão e volta para dentro: Tori. Ela é a guarda? E talvez o carrasco também.

Fora isso, a casa ainda parece abandonada, vazia. Meus olhos procuram os pequenos detalhes que dizem o contrário, pois sabem onde procurar. Vejo e evito o fino arame que circunda a casa, escondido na vegetação rasteira: um sistema de alerta para os que estão lá dentro.

No entanto — alguma coisa ainda parece *errada*.

Um silêncio, não na casa, mas em torno de mim, com o se as árvores prendessem a respiração. Os pássaros estão silenciosos. O próprio vento, e...

Eu recuo. Ouço um pequeno estalo, à esquerda. Eu me viro, pé para cima preparado para um chute, mas paro no último segundo.

— Cam ? Que diabos você está fazendo aqui? — pergunto, em um sussurro feroz, e o vejo de volta para as árvores.

Ele sorri.

— Eu não poderia deixar você ir sem ter certeza de que você estava bem . O

que está acontecendo?

— Não fique tão satisfeito consigo mesmo. Isto não é um jogo de brincadeira! —

estou com raiva: de mim , por ter optado pela maneira fácil, deixando que ele me trouxesse de carro; dele, por me seguir; de mim , por não tê-lo visto antes.

Ele guarda o sorriso, mas a expressão permanece em seus olhos.

— Desculpe, senhorita.

— Volte por onde você veio. Já!

— De jeito nenhum . Eu não vou embora. Você pode muito bem me deixar ajudá-la. O que é isso? Você disse que estava ajudando um amigo, mas, se é sua amiga lá dentro, você está tomando cuidados demais para circundar a casa, conferir, ficar quieta. Devo bater na porta e ver se eles estão? — ele dá um passo à frente; eu o agarro pelo ombro e o puxo de volta.

— Você realmente não vai sair por bem , não é?

— Não — ele diz, e desta vez há uma séria determinação em seus olhos, uma que estava lá o tempo todo por trás das piadas.

— Cam , você não sabe no que está se metendo.

— Então me diga.

Eu suspiro, e o puxo mais para trás por entre as árvores. Preso.

— É o seguinte. Há uma pessoa trancada na casa, e eu quero arrancá-la de lá.

— Fuga da prisão. Bom , eu gosto disso.

— Espero que só tenha um guarda.

— Certo — ele se abaixa, com os punhos para cima. — Quer que eu o traga para fora para você?

Eu reviro os olhos.

— É uma garota, e cale-se e me deixe pensar.

Ele fica quieto. Preciso distrair Tori. Uma luta é uma maneira, mas há outra: Ben. Suspiro por dentro. Toda essa culpa com a qual preciso lidar nesse esforço de fazer o que é certo. Preciso dizer a ela que Ben ainda está vivo. Isso deve ser o suficiente para desviar sua atenção de seus deveres de guarda.

— Está bem . Que tal isso — eu digo. — Eu entro lá e a chamo para uma conversa. Eu a levo para dar uma volta em torno da casa. Você entra na casa,

destranca a porta e tira a prisioneira de lá — explico a ele com o que é lá dentro, e onde está a chave na gaveta de Nico. Torcendo para que Tori não esteja com a chave quando sair de lá.

— Sim , saquei — ele diz. — Sem *pobrema*.

Eu balanço a cabeça. Pode haver todo tipo de problema.

Faço Cam se esconder na lateral da casa, longe da porta para que Tori não o veja quando sair.

— Vou dar outra volta, para sair da vegetação no lugar certo, no caso de ela verificar as trilhas. Então, espere alguns minutos.

Conformo-me e retorno para a mata, com cuidado para não fazer barulho, alguma coisa me incomoda. Isso ainda parece *tão errado*. Ele não deveria estar aqui, mas não é só isso. *Como* ele está aqui?

Eu paro onde estou, e reflito sobre a dúvida que me incomoda por dentro. Eu fiquei tão ocupada sentindo raiva, tentando descobrir como fazê-lo ir em bora, e depois pensando no que fazer quando ele não foi, que eu não foquei no principal.

Como ele me seguiu? Ele deveria estar bem atrás. Ele dirigiu para longe o suficiente pela estrada até que eu não ouvisse mais o carro dele, e, depois, teria tido que voltar tudo de novo pela estrada, e pela floresta.

Com o sabia que cam inho seguir? Eu estava em alta velocidade — com o ele conseguiu m e alcançar?

Cruzo os braços ao m e dar conta. Ou ele é um m estre em perseguir e correr em silêncio, ou, m uito m ais provavelm ente, ele pôde ficar bem para trás porque há algum rastreador em m im . Eu não entendo, isso não se encaixa. Cam ?

Eu retorno para a posição em que ele estava, silenciosa e com cuidado. Talvez ele tenha sido apenas sortudo, pegou o cam inho certo e acabou na trilha das bicicletas. Assim que se avança na trilha, há m arcações o suficiente para seguir sem m uita dificuldade.

Não é provável.

Ele ainda está onde o deixei, esperando, conform e instruído. Eu rastej o para m ais perto. Ele está de costas para m im ; reclinado, fazendo algo com as m ãos.

Há um ligeiro estalo m etálico. Ele se vira um pouco e vej o a arm a em sua m ão, a expressão m ortal em seu rosto.

Cam ? Com um a arm a?

O choque é tão grande que fico com o um a idiota, m ovim entando m eus pés.

Ele se vira com o ruído, m e vê e não m e resta escolha a não ser atacar. Dou um pontapé em seu pulso. A arm a voa pelo ar.

— Quem é você? — consigo dizer.

Nenhum a resposta. Mas agora há um a faca em sua m ão. Ele m ergulha, finge ir para um lado. Eu rolo, m as não rápido o suficiente; sinto um a pressão, um corte, no m eu om bro. E eu m e lem bro da arm a presa ao m eu braço, m e contorço para pegá-la, m as ele m ergulha novam ente e há outro golpe quente na lateral do m eu corpo, um m ais profundo. Para o inferno com a distração, eu preciso de ajuda. Eu volto aos troços para o aram e escondido e m e j ogo sobre ele.

Cam se aproxim a e sorri, m as não são os seus olhos, aquele não é o Cam que eu pensava conhecer.

— Quem é você? O que é você? — eu sussurro novam ente, pressionando as m inhas m ãos na lateral do m eu corpo, e m eus

dedos estão m olhados com o verm elho pegaj oso. O m undo gira. Sua im agem se divide em quatro ou cinco Cam s, feio de repente, m udado.

Ele m e olha e se vira, afastando-se da casa. Ele não vê Tori aparecer pela lateral, ou a arm a em sua m ão. A indecisão no rosto dela, por ser um a péssim a atiradora. Ela se aproxim a lentam ente e acerta a arm a, com força, na parte de trás da cabeça de Cam .

Há um baque assustador. Ele se vira e então cai de rosto no chão.

Ela dá a volta e o chuta, m as ele não se m ove.

— Quem é este? — ela se vira para m im , finalm ente percebe que estou sangrando, sem m e m over. Corre.

Um a parte da m inha m ente percebe que Nico não ficaria *nem um pouco* im pressionado com ela: não verificou se havia outros atacantes, não deu um j eito em Cam , para o caso de ele se levantar, nada.

Eu solto um gem ido, o início de um plano em form ação.

— Estou m orrendo — sussurro, em bora duvide disso. Os cortes fizeram um estrago, m as são superficiais; o sangue está fazendo o de sem pre e quase m e

fazendo desm aiar, m as não pelos ferim entos. E Tori não sabe disso.

Ela parece assustada. Não tenho ilusões de ser a sua favorita, m as ela sabe que Nico m e quer, por algum a razão.

— Tori — eu sussurro. — A m édica, eu preciso de um m édico agora, é a única m aneira... — m inha voz desaparece e m eus olhos se fecham . Eu m e largo para trás na m elhor im itação de inconsciência que consigo, então espredito entre m eus cílios. Tenho de dar um crédito a Tori: ela dá um chute em Cam , para verificar se ele está neutralizado antes de correr de volta para a casa.

Eu inspiro e expiro, lutando para ignorar o verm elho que escorre do m eu om bro, e da lateral. Testo m eus m em bros, m as apenas um leve m ovim ento e tudo roda doentiam ente. Nada bom . Eu xingo por dentro.

Um m om ento depois, a doutora Ly sander aparece na porta. Ela corre para m im , Tori atrás dela, a arm a apontada para a cabeça da prisioneira.

Ela se agacha, verificando, puxando m inhas roupas. Ela é m édica, deve perceber que eu não deveria estar inconsciente apenas com isso. Ela está entre m im e Tori, bloqueando a visão de Tori. Abro os olhos e pisco. Seus olhos se arregalam .

— Eu preciso de um torniquete, agora — ela diz. — Me arranjanj e um kit de prim eiros socorros!

Tori hesita.

— Vá! Ou ela m orre.

Tori corre para a casa. Eu m e sento.

— Corra — eu digo, e aponto. — Direto por ali há um a trilha; vá para a esquerda quando ela se ram ificar.

— Não sem você.

— Vá! Faça isso. Eu não posso; eu estou m eio grogue por causa do sangue.

— Não — ela m e coloca em pé. Minhas pernas estão bam bas, m as ela está determ inada e coloca um braço em torno da m inha cintura, e com eçam os a m ancar para o bosque.

Então Tori sai correndo da casa. Deixa cair seu kit de prim eiros socorros e se volta para pegar a arm a.

Mas, antes que Tori possa alcançar a arm a, há um grande *estrondo*, e lascas de

m adeira voam sobre nossas cabeças.

— O próxim o não será em um a árvore — diz um a voz. Um a voz que m e faz trem er.

Nós param os. Viram os.

E lá está Nico, arm a apontada para m inha cabeça.

— Agora. Será que alguém gostaria de m e dizer que diabos está acontecendo aqui?

CAPÍTULO 43

— Estou m e sentindo um pouco irritado — diz Nico. Seu olhar e sua

voz estão frios; não apenas frios, m as glaciais. — Alguém tem que pagar por isso.

— Você — ele olha para Tori enquanto ainda aponta a arm a diretamente para m im . — Você fez um a coisa certa, ao m enos. Me chamando. Eu estava quase chegando, de qualquer form a, por isso vim sorrateiro para ver qual era a situação de em ergência, e o que eu encontro? Você deixou nossa prisioneira sair — ele diz para Tori.

Ele se vira e aponta a arm a para ela.

Ela fica pálida.

— Não, Nico; não, eu...

— Você nega ter destrancado a porta?

— Não, m as...

— Foi m inha culpa — eu digo.

Ele se vira para m e olhar.

— E quem é esse? — ele aponta para o Cam , sangrando e ainda no chão.

— Só alguém da escola; m as eu não sei. E m ais: ele m e seguiu. Ele não deveria ter sido capaz de fazer isso.

— Você deixou alguém seguir você até *aqui*? — ele balança a cabeça, desgostoso. — Estou cercado por estupidez! Quem deve pagar? — ele suspira.

Aponta a arm a para m im , e a doutora Ly sander dá um passo à frente e levanta a m ão, prestes a dizer algo, m as eu a puxo de volta.

Ele aciona o gatilho; o som ressoa alto na floresta. Sobre nossas cabeças novam ente.

Estou congelada. Medo. Choque. Olhos o m ais longe possível de Cam , do

sangue na parte de trás da sua cabeça, do m eu sangue tam bém , m as não posso desm aiar agora, não posso. Respiro profundam ente, esvaziando m inha m ente.

Colocando aquilo de lado, para *então* poder lidar com isso.

— E você, Chuva. Que decepção. Isso m e m achuca. Por que você não está em Chequers agora, onde deveria estar?

— Eu não consegui. Eu não poderia m achucá-la. Ela não fez nada para m erecer levar um tiro.

Ele balança a cabeça.

— Garota estúpida. Se ela tivesse feito o discurso com o queriam os, isso teria sido a cerej a sobre o bolo. Mas você precisava *estar lá* às 4 da tarde! Sua idiota

— ele está trem endo de raiva.

No entanto... por que eu precisaria estar lá às 4? Os segundos estão passando depressa. 15:50 agora. O que irá acontecer lá às 4? Estou confusa. Era para eu m atá-la na prim eira cerim ônia, na parte interna.

A m enos que ele j á soubesse que eu não seria capaz de fazer isso.

A raiva nos olhos de Nico é absoluta.

— Depois de tudo que eu fiz por você — ele balança a cabeça. Aponta a arm a novam ente. — Eu deveria resolver isso, agora m esm o, m as não vou. Há um a razão, sabe — ele diz, em tom de conversa. — Você precisa viver para m orrer um outro dia. Sua m orte ainda pode ter um grande im pacto! Teria sido a ocasião perfeita para isso hoj e. Mas não im porta. Fica para outra vez. Se tiverm os que drogar e am arrar você, vam os garantir que você sej a film ada e a im agem fique gravada para sem pre: a Reiniciada loirinha e de aparência angelical que m ata pessoas e tira a própria vida.

Eu balanço a cabeça, sem entender. HorrORIZADA dem ais para m e m over, assustada dem ais para falar.

— Claro. Faz sentido agora — diz a doutora Ly sander. Você quer provar publicam ente que um Reiniciado pode ser violento, para atacar de um a só vez tudo o que os Lordeiros estão fazendo. Mas e os outros Reiniciados? O que aconteceria com eles?

A constatação supera o m eu m edo dorm ente.

— Os Lordeiros veriam todos nós com o um risco. Eles não saberiam quem

poderia ser violento. O que eles fariam sobre isso?

— Todas as atrocidades que os Lordeiros com etem fortalecem a nossa causa.

Nos dão m ais adeptos.

— Tori — ele grita. — Tranque essas duas j untas.

Ela fica lá, olhando para ele. Confusão em seu rosto.

— Mas o que vai acontecer com todos os Reiniciados?

Ele revira os olhos. Levanta a arm a e aponta para ela. Então os olhos dela focam por trás dele; eu vej o isso e ele tam bém . Há um a fração de segundo em que ele se pergunta se ela está evitando olhar para ele, m as, antes que possa decidir, sua arm a voa pelo ar, com um chute em sua m ão. Katran.

— Seu desgraçado — Katran vocifera. Nico finge ir para um lado, gira o corpo para o outro, e dá um a rasteira em Katran.

— Tori! — Nico grita. — Escolha um lado.

Tori pega a arm a de Nico e olha para ela em sua m ão.

Ela olha para m im e depois de volta para a arm a. Eu m e aproxim o, os pés ainda vacilantes, m as m ais fortes agora.

— Me entregue — eu peço, estendendo a m ão.

Nico e Katran se atracam no chão. Algo prateado cintila e Katran grita: Nico cortou o braço de Katran com um a faca que tinha escondida. Nico fica de pé, a faca em riste. Gingando. Katran rola para o lado e saca sua faca. Ele fica de pé.

— Ben está vivo! — Nico grita. — E ela sabe disso.

O rosto de Tori se contorce. Ela levanta a arm a. Eu m ergulho e um tiro ricocheteia atrás de m im .

Doutora Ly sander está congelada.

— Corra — eu grito para ela, e desta vez ela obedece, se em brenha entre as árvores, e eu a sigo. Meus m úsculos funcionam novam ente, o suficiente para cam baleiar atrás dela, m as não acom panhá-la. Grito por dentro, a cada passo, com m edo por Katran: Nico não pode

ganhar essa luta. Pode?

Mas então ouço novos sons: gritos. Pisadas fortes.

Olho para trás, e ali, por entre as árvores, vejo: Lordeiros. Meia dúzia deles, pelo menos, convergindo para a casa a pé.

CORRA.

— Pare — diz uma voz na frente. Uma voz que eu conheço.

E eu faço exatamente isso. Em vez de me orgulhar, atacar, qualquer coisa, eu simplesmente paro.

À minha frente está Coulson.

— Você poderia ter facilitado bem as coisas para si mesmo se tivesse simplesmente *me contado* o que estava acontecendo aqui. Felizmente o jovem Cam nos chamou e rastreamos você até aqui.

— Me rastrearam ...? Com o?

Ele dá tapinhas na testa, soltando um risinho. Um movimento não natural nos seus músculos faciais. Uma arma surge em suas mãos e está apontada para minha cabeça.

Depois de tudo, é assim que termina? Ouço gritos, luta e barulho atrás de nós, que gradualmente desaparecem, até que tudo o que existe é o aqui e agora. Meus olhos, e os dele. Minhas pernas estão molhadas com o geleiá. Meus olhos se dobram.

— Me deixe ir — eu sussurro.

— Eu não posso fazer isso.

— Por favor.

Ele balança a cabeça. O que acontece distante de nós ainda soa fraco, um outro lugar distante, alheio a este momento. No entanto, alguns sons persistentes se intrometem, se aproximam. Até que...

Coulson estabiliza a arma com as duas mãos e puxa o gatilho.

CAPÍTULO 44

Em vez de ser jogada para trás por um tiro, para uma morte rápida; em vez disso, há um baque e um grito atrás de mim. Eu me viro.

— Katran?

Suas mãos estão contra o peito. *Vermelho, vermelho, vermelho* por toda parte, e ele cai no chão, e por dentro sinto tudo girar, tudo ficar cinza, prestes a desaparecer e me tirar desse novo horror, e...

Não. Luto internamente, por meus pais tem po, o meu pai forte que posso. NÃO. Eu rastejei até ele, peguei sua mão, passo meus braços à sua volta. Seu corpo estremece e *vermelho, vermelho, vermelho...*

— Desculpe, desculpe, desculpe — repito sem parar, e seus olhos são espelhos do choque dos meus. Katran é invencível; não podem os acreditar *nisso*. Em seguida... um leve agitação de sua cabeça, seus olhos se modificam, ele tenta falar, mas asse, e meus pais sangue aparece, meus pais verme lho escorre. As palavras não vêm, mas seus olhos falam. *Olhos de amor*.

— Não, Katran, não. Não vá! — eu digo, em choque, mas ao mesmo tempo tem po conhecendo a verdade de com o ele se sente. Com o ele sempre se sentiu, e a raiva que o fez esconder seus sentimentos. A raiva que tentou me afastar para longe, longe de Nico e do R. U. Livre. Para me proteger.

Seus olhos ficam im óveis, seu corpo deixa de trem er.

Não.

NÃO NÃO NÃO e eu estou gritando por dentro e por fora, e depois, de repente, eu me *lembro*. Outro lugar e tem po, muito parecidos com estes para não lembrar. Aonde eu nunca meus pais quero ir, mas para o qual sou arrastada de volta diversas vezes.

ENTÃO

Eu não o reconheci, no início. Não com os meus olhos.

As mudanças eram óbvias, seu rosto tão esquecido. Conscientemente, ao mesmo tempo. No entanto, algo quase *soou* por dentro: uma confusão de terror e saudade, misturados. Eu não entendia, mas o encarava sempre que podia.

Ele estava ali, naquele lugar, entregando com ida e outros suprim entos. Mas não era apenas um entregador; ele era um deles, isso estava claro. Eu o via através das barras da minha janela, conversando com os guardas. Do quarto que vinha sendo meu fazia dois anos.

Um a vez por sem ana ele vinha, ficava um a noite no prédio ao lado e, em seguida, ia em bora. Um dia, ele m e viu olhando pela j anela, e algo passou por seu rosto. Um ar de desespero, substituído de repente por um a gentileza que não cabia ali. Eu m ergulhei de volta em m eu quarto, abalada e confusa.

Toda sem ana em que ele vinha, ele m e dava aquele olhar especial quando encontrava m eus olhos. Um olhar gentil em um lugar onde isso não existia.

Ele com eçou a trazer um as garrafas e outras coisas para os guardas, retirando-as de seu casaco e colocando no deles. Então, houve um a sem ana em que a

m aioria dos guardas ficou m uito doente. Intoxicação alim entar; m as ninguém m ais passou m al. E ele ficou a sem ana lá, se m isturando com eles, e eu o vi m ais, não apenas através da m inha j anela. Ele estava lá quando eu ia e vinha das sessões com o doutor Craig; para os treinos com arm as sob a vigilância do hom em de olhar frio e estranho que liderava os guardas.

Então um dia ele colocou algo em m inha m ão. Eu quase gritei: um pedaço de papel. Um bilhete. Eu o escondi, para ler m ais tarde. *Lucy, eu sei que pareço diferente: estou disfarçado. Mas sou eu: o papai. Nós vamos tirar você daqui e eu vou levar você para casa assim que encontrar uma maneira. Eu te amo.*

E eu o rasguei em vários pequenos pedaços, até que virasse pó. Eu não tenho m ais um a fam ília. Doutor Craig disse isso, várias e várias vezes. E, m esm o que ele sej a o m eu pai — e m eus pensam entos ficam confusos só de pensar nisso —, *ele m e deu*. Ele não m e quer.

Racionalm ente, não acreditei nele, m as algum a outra parte de m im acreditou, e eu m e peguei: com esperança, sentindo. Coisas de que o doutor Craig não gosta, com o lem brar de coisas que eu devo esquecer.

Então, um a noite eu estava dorm indo, e, de algum a form a, aquele que m e deu o bilhete estava no m eu quarto. Falando em voz baixa com m uita tristeza, de outros tem pos, outros lugares. E isso m e fez querer gritar e gritar. Cham ar os guardas e fazer parar a sua voz, fazê-la ir em bora e nunca m ais ser ouvida novam ente. Mas não fiz isso.

Ele estava idealizando um plano. Íam os na próxim a sem ana. Mas eu balancei a cabeça negativam ente; com m edo de quê, eu não sei. De

deixar um lugar que eu odiava? Confusão e saudade m isturadas. Ele então estendeu a m ão. Nela, um pequeno pedaço de m adeira esculpida, com o um castelo.

Quando o segurei em m inha m ão esquerda, havia algum a coisa, algum a m em ória. E de repente outras surgiram .

— Papai? — eu sussurrei, e ele sorriu, com m uita alegria.

Ele tom ou a torre de volta.

— É m elhor eu continuar com isso por enquanto, para que ninguém vej a. Mas, se você o encontrar escondido no parapeito da j anela, essa será a noite que sairem os daqui. Estej a preparada.

E toda noite eu olhava. E finalm ente estava lá: escondido entre um canto e um a barra onde não podia ser visto, apenas sentido e retirado por pequenos dedos.

Naquela noite, a casa estava em silêncio quando ele destrancou a porta e pegou a m inha m ão.

— Silêncio — ele sussurrou, e nos esgueiram os pelo corredor até sairm os pela porta. Mas o que houve com os guardas? Nenhum estava lá, m as, à m edida que nos aproxim ávam os do lado da casa, eu vi pés por trás de um a cerca viva.

Ele sussurrou em m eu ouvido sobre um barco que aguardava na praia, que precisávam os ser rápidos para aproveitar a m aré. Nós rastej am os por entre as dunas que levavam para o m ar quando isso aconteceu. Um barulho distante.

Vozes.

— Hora de correr, Lucy.

E nós correm os. Ele segurou m inha m ão e correm os e correm os. Havia vozes, sons atrás de nós, se aproxim ando.

— Mais rápido! — ele gritou, e nós correm os.

Mais e m ais os m eus pés batiam na areia que escorregava e cedia.

Então eu tropecei e caí. Ele tentou m e puxar para que eu ficasse de pé, m as a exaustão e o terror m e m antiveram im óvel.

— Eu não posso — gritei.

— Nunca se esqueça — ele disse. — Nunca se esqueça de quem você é!

E eles estão em cima de nós. Sou agarrada, e afastada. Papai é em purrado de volta para a areia.

O de olhar frio sorri, levanta um a uma.

— Lucy, feche os olhos — diz papai. — Não olhe — sua voz está calma, me tranquilizando.

Eu fico olhando para a uma. Não. Ele está apenas assustando papai, com o faz comigo o tempo todo. Ele não vai fazer isso, ele não vai.

Será que vai?

— Olhe para o lado, Lucy — papai diz, mas meus olhos estão bem abertos, com o se não fosse eu que os controlasse; eles são atraídos, tremendo, incapazes de se desviar ou fazer qualquer outra coisa.

Os momentos se combinam e se separam, um clarão que se sucede diversas vezes ao mesmo tempo. O barulho ensurdecedor. A torre apertada com força em minha mão. O verme que se espalha de um lugar até que haja mais e mais, e ainda não consigo desviar o olhar. As mãos que me seguravam me soltam, e eu corro para ele apenas a tempo para que seus olhos olhem nos meus antes de se fecharem para sempre.

Ver o que assusta você e entender seu significado não diminui o terror. Ele ainda tem o poder de partir seu coração, diversas vezes.

CAPÍTULO 45

Movimento. Vagamente percebido, mas ignorado. Até parar, e uma pancada da minha cabeça contra algo duro me força a retornar para o *agora*, para o meu corpo, a consciência. Abro os olhos, me esforço para sentar. Sem saber quanto tempo se passou.

Estou no chão perto da casa. Sinto meu braço: a uma que estava presa ali se foi. Um Lordeiro com uma a está próximo, ele se agita quando me vejo, vigilante.

Coulson está gritando com outros Lordeiros que desaparecem pela mata: caçando alguém. Quem?

Tori está segura por um Lordeiro, com um braço preso às costas,

sugerindo que ela tem dado trabalho. Cam está sentado, de costas. Um médico verifica sua cabeça. Doutora Ly sander tam bém está aqui, falando com Coulson. Katran está

— e eu engulo em seco — m orto: eu o incluo num a lista (ainda por fazer) de pessoas cuj o paradeiro agora eu conheço, m as tenho m edo de pensar nessa im ensa perda. E no papel que tive nisso.

O único desaparecido é Nico. Será que conseguiu fugir?

Nico corre e eles o perseguem . Se for pego, será m orto na floresta assim com o foi o m eu pai na praia? Com o Katran? Am bas as dores são tão fortes que am eçam tom ar conta de m im , m e engolir, e então tudo o que existe é a dor.

Um a recente, outra de anos atrás, m as esquecida. Tudo retornou hoj e.

Mais tarde.

Doutora Ly sander olha para onde fui j ogada. Ela deixa Coulson no m eio da frase e corre até m im .

Ela se aj oelha, tocando, verificando, puxando m inhas roupas.

— Está ferida onde?

E eu não posso responder, não posso falar. Onde não estou ferida? Mas então percebo que foi o sangue fresco na m inha roupa que lhe cham ou a atenção. O

sangue de Katran.

— Este sangue não é m eu — consigo responder, m ais um sussurro do que palavras.

Coulson cam inha, contornando alguns corpos pelo chão. Corpos com roupas pretas de Lordeiros.

— Eu disse a eles que você m e salvou, que não os cham ou para m inha segurança — diz a m édica, sua voz baixa e preocupada.

Tudo parece distante. Cam era parte dos Lordeiros que ele afirm ava odiar? Ele *traiu você*, um a voz sussurra dentro de m im , m as isso tam bém fica para m ais tarde. Eu não posso lidar com nada além da m orte do m eu pai.

E Katran. Coulson o m atou. Se tivesse tido a chance, Katran teria m atado, sem pestanej ar, qualquer um desses Lordeiros. E eles tam bém . Nico m ata até os seus para prom over a causa de m atá-los.

— O que tudo isso significa? Por que tudo isso?

— Silêncio — diz a m édica, e eu percebo que falei a últim a coisa em voz alta.

— E aí está ela — diz Coulson. — Ela vai sobreviver? — ele pergunta à m édica.

— Espero que sim . Ela precisa de alguns pontos.

Seus olhos frios passam por m im , m e avaliando.

— Entendo que devem os a segurança da doutora Ly sander às suas ações. Nós vam os investigar m elhor e ver o que aconteceu aqui. Mas diga-m e agora: quem é o hom em que escapou de nós?

Que lealdade tenho para com o hom em que assassinou o m eu pai?

Nenhuma.

— Nico. Nicholas. Sobrenom e desconhecido.

Coulson faz um a pausa, noto um brilho em seus olhos.

— Sabem os quem ele é.

Ele acena com a cabeça para o Lordeiro cuj a arm a está apontada para m im .

— Ela está livre para ir. Por enquanto — ele se vira para m im . — Entrarei em contato.

O rosto de Tori se contorce de fúria. Ela dá estocadas, um súbito m ovim ento que surpreende o guarda. Ela se liberta e está quase m e alcançando quando é arrastada de volta.

— Traidora! — ela grita. — Ky la, ou Chuva, ou quem quer que você sej a, eu vou pegar você. Eu vou caçar e estripar você com a m inha faca — ela é arrastada para longe, jogada na traseira de um a van dos Lordeiros. Mas não antes de eu ver o ódio estam pado em seus olhos.

Coulson fez um dos Lordeiros m e levar para casa depois de um a parada em um hospital local para os pontos. Em um a de suas vans pretas, m as, desta vez, sentada na frente. O desgosto está estampado em seu rosto, m as eu não m e im porto. Há m uita coisa com que m e *importo*, gritando dentro de m im .

É tarde da noite agora. Está escuro. Conforme descem os a estrada principal do nosso vilarejo, eu m e pergunto distraidamente se as cortinas que balançam nas cozinhas e janelas dos quartos o fazem pela visão de um a van dos Lordeiros passando.

Ele estaciona em frente à nossa casa. O carro do m eu pai está aqui. A porta da frente se abre: m am ãe.

— Saia — diz o Lordeiro, a voz fria.

Abro a porta da van e desço. Com eco a caminhar rigidamente para casa enquanto ele se afasta.

— Oh, m eu Deus — diz m am ãe. — O que aconteceu com você? O que eles fizeram ? — m inhas pernas ficam bambas e ela tenta m e segurar.

Eu dou de ombros.

— Eu estou bem — respondo, a m aior m entira de todos os tempos, e atravesso a porta da frente.

O rosto chocado de Amy aparece na cozinha. Silencioso.

Meu pai sai da sala e m e olha de cima a baixo. Sorri. E bate palmas: um a, duas, e m ais um a vez; lenta e deliberadamente. Ele sabe; de alguma forma, ele sabe. *Lordeiro*, eu concluo. Não apenas um informante, m as um deles.

Minha m ãe olha para ele e depois para m im .

— Ky la? — ela pergunta, incerta. — O que aconteceu?

Mas eu olho para o pai.

— Você não apenas m e denunciou para os Lordeiros. Você é um deles.

Ele não responde, seus olhos se dirigem inquietos para a m inha m ãe, e depois retornam .

— Não im porta — eu digo, com preendo tudo. Cam estava aqui,

abrindo cam inho para entrar em m inha vida antes que eu fizesse o desenho do hospital.

Eles estavam de olho em m im *de qualquer forma*, com o disse Coulson. Tudo o que m eu pai fez ao m e delatar e fazer com que fôssem os pegos serviu para m e dar a dica de que eu estava sendo vigiada. — Você é um peixe pequeno, não é?

Eles nem sequer lhe disseram o que realm ente estava acontecendo em sua própria casa. Então, quando você finalm ente notou algum a coisa, eles m andaram você calar a boca e m anter-se fora disso.

A boca dele com eçou a se abrir, em seguida se fechou novam ente.

— Ky la? — m am ãe insiste, m as eu não posso falar m ais, não agora.

— Desculpe — m e esforço para dizer. — Eu preciso de um banho — subo as escadas. Tranco a porta do banheiro. Tiro m inhas roupas, cobertas por m eu sangue, m as m uito m ais pelo sangue de Katran, e as j ogo no cesto de lixo.

Cam inho rígida, lenta, com o um a m arionete. Com o se não tivesse controle do m eu corpo, com tanto controle necessário em outro lugar. Para m e im pedir de m e enrodilhar em um canto e gritar, gritar e gritar.

Sangue se lava, eu sei disso: em breve estou lim pa, pele m acia e suave.

Algun as novas cicatrizes, cortesia de Cam . Meia dúzia de pontos no m eu om bro, m ais ao lado do corpo. Analgésicos ainda no m eu sistem a para m e aj udar a seguir, m as eles não fazem nada pelo verdadeiro dano, o interior.

Eu nunca vou esquecer nada, nunca m ais. Não im porta o que sej a, ou que sej a tão ruim que m aчуque. Nico e aquele m édico — doutor Craig — naquele lugar de que eu nem sequer m e lem brava direito até esta tarde: eles m e ensinaram m aneiras de esquecer, de esconder. E os m eus anos perdidos, entre Lucy desaparecendo aos dez anos, e Chuva tom ando o controle aos catorze? Era lá que eu estava. Com eles, sendo forçada a m e dividir ao m eio, de m odo que parte de

m im poderia ser escondida atrás de um a parede em m inha m ente, e sobreviver quando fosse Reiniciada.

E o tij olo, grande o suficiente para m e partir em duas: agora eu sei o

que era.

Vendo Nico m atar m eu pai. Quando Katran m orreu nos m eus braços, isso trouxe tudo de volta.

No m eu quarto, visto o pij am a e m e enrolo com um cobertor apertado em m inha volta. Há um a leve batida na porta.

Am y espreira.

— Quer com panhia? — ela pergunta, hesitante. Eu dou de om bros. Ela entra, e Sebastian a segue. Ele salta para cim a da cam a, sobe no m eu colo. Am y senta-se ao m eu lado. Coloca o braço em volta dos m eus om bros. Estrem eço e m ovo sua m ão para que não toque nos m eus pontos; em seguida, m e aconchego nos braços dela.

Há ecos de vozes lá em baixo. Vozes acaloradas.

— Eles m e m andaram aqui para cim a — diz Am y.

— Foi?

— Sinto m uito.

— Pelo quê?

— Por contar ao papai sobre o seu desenho. Mam ãe o fez adm itir que ele delatou você. Eu não posso acreditar nisso — o rosto de Am y está em choque.

— O que m ais ele disse? — pergunto, m inha voz soando fraca e distante para os m eus ouvidos, com o se eu estivesse falando em baixo d'água, e não exatam ente ali.

— Coisas em que não consigo acreditar. Que você vinha sendo algum tipo de agente duplo para os Lordeiros. Loucura.

— É. Loucura — sussurro.

— Você quer falar sobre isso?

Eu neguei com a cabeça e, em vez de ela m e fazer vinte perguntas, com o eu esperava, ela parece quase aliviada, e não diz nada m ais. Mas ela fica, calorosa e firm e, ao m eu lado.

Há um a pancada repentina na porta lá de baixo. Um carro liga na frente de casa, desce a rua cantando pneus e vai em bora. Há um a

longa pausa, e então,

passos na escada. A porta abre e m am ãe está lá, quieta, olhando para nós duas e o gato aconchegados j untos.

— Que boa ideia — ela diz, e consegue se acomodar do m eu outro lado. É

com o um abraço apertado.

Devo ter caído no sono. Horas m ais tarde, quando acordo, o quarto está escuro, e o único que ainda está comigo é o gato.

O vazio entorpecido está se dissolvendo, deixando apenas a dor para trás. Eu choro pela m enininha que eu fui, da qual eu m al consigo lembrar além do fato de que ela amava seu pai. Eu choro por ele, e por tudo o que ele fez para tentar resgatá-la, não im porta com o ela tenha chegado lá. Eu choro por ter falhado com ele: *nunca se esqueça de quem você é*, ele disse, e eu esqueci. Eu choro por Katran, cujas falhas eram óbvias, m as cujas sentimen to não era. Quando ele poderia ter corrido, fugido com o Nico, ele voltou por m im . Tentar m e salvar o levou à m orte.

E eu choro por m im , por quem sou agora. Onde está o m eu lugar neste m undo?

CAPÍTULO 47

Um Lordeiro vem até m im dias depois. Outra van preta no início da m anã, e eu m e controlo para não correr e m e esconder. Para onde estou indo? E eu m e pergunto se hoje m e estará reservada a parte de trás ou da frente da van. Será que eles se deram conta de que, em prim eiro lugar, foi por m inha causa que a doutora Ly sander foi feita prisioneira?

Mas o Lordeiro sai e abre a porta do passageiro, e lá v am os nós. *Leve-me ao seu líder* — um pensamen to aleatório que quase digo em voz alta, e tenho que reprimir um a risada histérica que quer sair da m inha garganta.

Seguim os de carro por um tem po.

— Para onde v am os? — eu arrisco, m as o m otorista permanece em silêncio.

Nos arredores de Londres, passam os por um portão seguro e bem

guardado, em direção a um prédio feio de concreto de paredes espessas. Parece que se destina a cidadãos furiosos.

Eu o sigo para fora da van para um a porta de escritório. Ele aponta e eu entro.

Ouç o clique de um a fechadura atrás de m im .

Há um a enorm e m esa de m adeira, com um a cadeira felpuda. Fico de pé, incerta, e então penso *ah, que se dane*, e m e entrego ao desejo o de m e sentar na enorm e cadeira do outro lado da m esa. Ela reclina e gira, e estou dando um a volta experim ental quando a porta se abre.

Coulson.

O assassino de Katran. Ele olha para m im e eu olho para ele; eu, inabalável do lado de fora, não quero que ele vej a a m inha dor, o m edo. Acim a de tudo o que vej o são as m ãos dele, a arm a nela, Katran, e...

Ele estreita os olhos, e eu salto da cadeira.

— Sorte sua que estou de bom hum or hoj e — ele diz. Suas palavras e o fato de que eu ainda estej a viva provam isso. Seu rosto é inexpressivo e frio com o sem pre. — Sente-se, ali — ele resm unga, apontando para um a cadeira em frente à m esa, e eu m e esforço para obedecer.

— Nós tínham os um acordo — ele diz. — Você não fez as coisas exatam ente com o eu teria preferido, no entanto, o resultado foi satisfatório. Logo levarem os você para o hospital para ter seu Nivo rem ovido.

Eu olho para a coisa inútil no m eu pulso. Uau. Que grande prêm io. Claro, ele não sabe que m eu Nivo é inútil. Ele deve pensar que eu tenho tom ado Píulas da Felicidade todo esse tem po para os níveis pararem de cair.

— Mas há outra coisa que você deve fazer por nós.

Tudo se contorce e gira por dentro.

— O quê?

— Se você vir ou ouvir qualquer coisa sobre o Nico, nos avise.

Se há alguém que eu iria gostar de entregar para os Lordeiros é o

Nico, m as estou cheia de descrença.

— Ele não foi capturado?

Um tom de aborrecim ento atravessa seu rosto.

— Não. Mas desm antelaram a m aioria de seus planinhos m alignos — os lábios dele se curvam em um a satisfação cruel. — Muito disso foi graças a você.

E eu estrem eço por dentro. Assim que com ecei a ver as coisas com clareza, não quis fazer parte do R. U. Livre, parte de suas explosões e m ortes. Mas desm ontar os planos do R. U. Livre significa capturas, prisões. Pessoas sendo

Reiniciadas e sentenças de m orte. Por m inha causa, o controle dos Lordeiros está m ais forte que nunca.

A culpa é m inha. E Nico, ainda à solta, seus planos desfeitos, irá m e culpar.

— Ele virá atrás de m im — eu falo, em voz baixa, m e odiando por dizer isso, e desse j eito: com um silencioso *me proteja* subentendido. Eu não quero aj uda de Lordeiros.

— Estarem os de olho.

Mas por que não estiveram sem pre de olho?

— Tem algo que não entendo — eu com eço a dizer, e então paro. Ele não diz nada; perm issão para continuar? — Se você estava m e observando, por que não no Dia do Mem orial Arm strong? Por que sim plesm ente entrei, sem perguntas, sem revistas, nada?

Há um brilho de raiva em seus olhos? Ele se foi tão rápido que não posso ter certeza.

— Isso não é da sua conta.

Há um a batida na porta.

— Hora de ir para o hospital — ele diz.

— Só m ais um a coisa — atrevo-m e a dizer quando levanto. — Você disse que ia m e contar o que aconteceu com m eu am igo. Ben Nix.

Ele olha para m im .

— Ah, sim . Ben. Infelizm ente, ele m orreu — ele diz, m as não há nada em seu rosto que estej a “infeliz”. Na m elhor das hipóteses, desinteressado, antipático.

O chão fica instável sob m eus pés, m eus j oelhos estão cam baleando. Não. Não pode ser. Pode?

Eu paro na porta, olho para trás.

— O que aconteceu? — pergunto, com dificuldade.

— Convulsões quando seu Nivo foi cortado. Não se preocupe, isso não vai acontecer com você hoj e, e não no hospital.

Eu sigo cam baleando o m otorista Lordeiro, o alívio quase m e fazendo tropeçar.

Por um m om ento horrível, pensei que algo tivesse acontecido com Ben nestes últim os dias desde que eu o vi correndo naquele colégio. Mas, não, ele disse que aconteceu quando seu Nivo foi cortado. Ele está m entindo.

Pouco depois, estou no escritório da doutora Ly sander no hospital Nova Londres.

— Desculpe — eu com eço, m as ela levanta a m ão e a coloca ao redor da orelha, a boca m urm urando: “depois”. Ela deve ter descoberto que sua sala está gram peada.

— Hoj e vam os rem over seu Nivo. Não há riscos significativos quando isso é feito em hospital — ela explica sobre isso, aquilo e aquilo outro, enquanto m inha m ente divaga.

Eu seguro o Nivo no m eu pulso. Está ali há m uito tem po. Governou m inha vida quando o recebi: m uita tristeza ou raiva, e ele causava desm aios dolorosos; um pouco m ais, e ele poderia ter m e m atado.

Ainda assim ... um a parte de m im ainda sente falta daquele controle. Ele tornou realm ente im possível que eu sentisse dor após um determ inado nível. E, quando ele se for, o que pode acontecer? Com eço a com preender.

— Venha agora, Ky la — diz doutora Ly sander, de pé j unto à porta.

Deixam os seu escritório.

— Eu não quero tirar. Ele tem que ser rem ovido?

— Não. Pelo m enos, eu acho que não; eu posso verificar o quão rígida é essa solicitação dos Lordeiros. Mas por que m antê-lo?

— Todo m undo vai saber. Eu posso nunca m ais ser a pessoa que eu era.

— Depois de tudo o que aconteceu, você poderia voltar a ser quem era, de qualquer form a? — ela pergunta, gentil. Chegam os ao elevador, e novam ente ela coloca um a m ão sobre o ouvido e balança a cabeça. O elevador está gram peado tam bém ?

Descem os vários andares para um andar de tratam ento. Enferm eiros passam de um lado para o outro, com os pacientes em cadeiras de rodas, ou inconscientes em m acas.

Ela m e leva para um pequeno escritório. Um hom em que digita em um a tela olha para nós; ela gesticula, e ele sai.

— Agora podem os falar norm alm ente — ela diz, sentando. — O que a preocupa se o Nivo sair?

— A única m aneira que eu poderia m e livrar dele e não ser levada por

Lordeiros seria se eles m esm os fizessem isso. Todo m undo vai saber. Vão achar que sou algum tipo de espiã.

— Isso provavelm ente é verdade. No entanto, você acha que as pessoas não vão suspeitar disso, de qualquer m aneira?

E eu penso nas vans dos Lordeiros indo e vindo em nossa casa, e todas as pessoas desaparecidas ligadas a m im , em bora sej a um a inj ustiça. Olhos atentos e vozes fuxiqueiras ligarão os fatos. Eu suspiro.

— Você deve estar certa.

— Há um a outra questão — ela diz.

— Qual?

— Nico. Fontes m e disseram que ele não foi capturado. Enquanto você tiver esse Nivo, você é um a Reiniciada. Ele poderia retom ar o plano de usá-la em um ataque, para m ostrar ao m undo que um Reiniciado pode ser violento. Sem o Nivo, ele não pode.

— Não. Eu nunca faria isso. Ele só pode m e usar se eu esquecer o que aconteceu, e eu estou m e apegando a cada detalhe — anos atrás, eu

fui forçada a esquecer a dor da morte do meu pai nas mãos de Nico: imagine com o as coisas teriam sido diferentes se eu tivesse me lembrado antes. Eu nunca teria caído sob seu feitiço.

— Vamos começar com isso, então? — ela propõe.

— Primeiro, eu tenho uma pergunta.

— Vá em frente.

— Eu tenho alguns fragmentos de mim em órbita de antes de ter sido levada pelo TAG. Mas eu não me lembro de nada da minha casa antes, minha mãe: nada.

Posso recuperar essas lembranças?

— Existem algumas possibilidades. Memórias que você tenha suprimido conscientemente com o parte da vida de Chuva podem ser acessíveis: mas, para encontrá-las, é preciso encontrar os gatilhos certos. Essa fragmentação de personalidade que eles induziram? Não sei o quão profundo e o quão longe foi isso. Se a outra metade foi Reiniciada, deveria ter ido em busca, mas... — e sua voz diminui, os olhos ficam pensativos, e eu me esforço a ficar quieta, a não interromper. — Pode haver uma maneira de conseguir isso de volta também —

ela diz, finalmente. — Reconectar cirurgicamente todos os caminhos cortados para torná-los acessíveis de novo. É teoricamente possível, mas as nunca foi tentado, não que eu saiba.

— Com o assim? Pensei que ser Reiniciado significasse ir em busca para sempre

— minha cabeça está girando. — E quanto ao Ben? Você poderia reconectar coisas no cérebro dele?

— Ben? Já lhe disse, Ky-la, que não tem os nenhum registro de sua localização.

Por mim é difícil que seja aceitar isso, mesmo o que ele esteja vivo, ele está perdido para você.

Devo contar a ela? Apesar de tanta coisa na minha vida ter provado que ninguém é o que parece, depois de tudo, e contra toda a lógica, ela é uma pessoa em quem confio.

— Ele não está.

— Ele não está o quê?

— Morto, ou perdido. Eu sei onde ele está.

É forte o choque que a doutora Ly sander leva quando explico sobre o paradeiro de Ben e com o ele está: Ben não tem ideia de quem eu seja, mas não está com o um novo Reiniciado.

— Isso é muito preocupante — ela diz, finalmente. — Seja lá o que eles estão fazendo naquele lugar, não foi sancionado pelo Conselho de Medicina. É

antiético.

— E reiniciar é ético?

Ela me olha aborrecida.

— É — ela responde, mas em seu rosto há traços de dúvida. — Você preferiria ter enfrentado uma sentença de morte? Com o meuinha amiga, tantos anos atrás.

— Com o posso saber? Eu não me lembro! — as palavras são amargas. Mas estou pensando no que ela disse antes. — Então você poderia trazer Ben de volta.

Ela balança a cabeça.

— Não. Eu não sei o que foi feito a ele. Seria muito arriscado sequer considerar.

— Arriscado, mas possível?

— Teoricamente, talvez. Agora. Ficam os aqui por muito tempo. Venha

comigo: vamos os tirar desse Nível.

*

Minutos depois, ele se foi: meu pulso é uma extensão vazia de pele que de alguma forma está *errada*. Meu pulso nu. A remissão hospitalar era uma simples questão de ir até uma máquina, apertar alguns botões e vê-lo se partir; estava desfeito.

Me sinto em evidência, diferente.

Com o se um grande sinal lum inoso flutuasse sobre m inha cabeça: vej a a espiã dos Lordeiros!

De volta ao seu escritório, a doutora Ly sander abre o com putador, faz sinal para que eu olhe, m as continua falando sobre nada e sobre tudo ao m esm o tem po.

Ela vai aos m eus registros. O núm ero do m eu Nivo: 19418.

Ela faz um a pausa, consulta um a lista na tela que diz “núm eros inativos”. Muda o m eu núm ero para 18736.

Eu balanço a cabeça, sem entender.

Em um pedaço de papel, ela escreve um a única palavra: *indetectável*.

E só quando estou a m eio cam inho de casa na van do Lordeiro é que entendo.

Se sou indetectável agora, isso im plica que eu não era antes. Tudo o que ela fez foi m udar o m eu núm ero no com putador, o m esm o núm ero que estava no m eu Nivo. Com o eu poderia ser rastreada só com aquele núm ero, sem o m eu Nivo?

Mas há algo m ais. Algo dentro de m im : o *chip* no m eu cérebro que trabalhava com o Nivo. Que ainda está lá.

Sinto-m e m al por dentro quando entendo: Coulson, dando tapinhas na testa quando perguntei com o Cam m e rastreara. O chip na m inha cabeça. Colocado quando fui Reiniciada: chips de rastream ento. Com o usam em cães.

Agora que a doutora Ly sander alterou os m eus registros, m udando m eu núm ero, eles não podem usá-lo m ais para m e encontrar.

Indetectável.

CAPÍTULO 48

— Você não pode se esconder em casa para sem pre — diz m am ãe.

— Eu sei.

Ela beij a m inha testa e, em seguida, m archa pela garoa e pelo frio até o carro para ir trabalhar. Am y j á foi para a escola com Jazz, e a

paciência de m am ãe está se esgotando com a m inha recusa em m e j untar a eles.

Com um a xícara de chá, eu retorno para a cam a, um lugar em que tenho passado m uito tem po ultim am ente. Eu sei que ela está certa, m as é com o se eu estivesse em anim ação suspensa. Meus pontos foram retirados, os ferim entos estão quase curados, m as, por dentro, eu estou processando as coisas que aconteceram ; aprendendo a viver com a perda, a dor. As m em órias. Um a nova experiência para alguém que foi forçada a esquecer.

E certas questões ainda estão m e incom odando. Eu achava que ter sido pega quando estava com o R. U. Livre, e ter sido Reiniciada, tinha sido apenas azar.

Descobri que estava errada. Nico planej ara isso. Perdi a capacidade de aceitar coincidências, pois há m uitas delas na m inha vida. Foi coincidência, após eu ter sido Reiniciada, ser colocada com Sandra Davis, filha do herói Lordeiro? Foi coincidência eu ser um a “j oana-ninguém ”, que m ilagrosam ente não tem registros de DNA que possam ser rastreados? Foi coincidência eles terem com etido um erro com a m inha data de nascim ento nos testes celulares, e m e Reiniciado ainda que eu tivesse m ais de dezesseis? Os Lordeiros nunca notaram um a garota que se parecia com igo no *site* do DEA e deduzido quem eu era?

E tudo o que aconteceu no Dia do Mem orial Arm strong. Não é costum e de Nico deixar tanta coisa ao acaso. E Coulson ter esquecido de m e m onitorar e revistar, j usto nesse dia?

Por trás de todas as m inhas perguntas não respondidas, vagas ideias e planos se configuram , e um a necessidade em form a de Ben. Mas é quase com o se eu estivesse reunindo m inhas forças, à espera de algum a coisa. Do quê, eu não sei.

Então acontece.

Bzzzz... Bzzzz...

Um suave ruído, m ais um a vibração e, sem pensar, eu busco autom aticam ente em m eu pulso, onde o Nivo costum ava ficar.

Bzzzz... Bzzzz...

Meus olhos se arregalam com o choque. O com unicador de Nico: ele im ita o zum bido de um Nivo. Eu o deixei em m eu quarto, j ogado

em um a gaveta antes

de sair correndo para resgatar a doutora Ly sander. No caso de ser um rastreador.

Bzzzz... Bzzzz...

O que eu faço? Engulo em seco. Melhor saber...

Eu o pesco do fundo da gaveta onde estava escondido e esquecido todo esse tem po, e aperto o botão.

— O quê?

— Olá, Chuva — um a voz, um a que nunca serei capaz de esquecer: Nico.

— Esse não é o m eu nom e. Não m ais.

— Um a rosa, se não se cham asse rosa, teria o m esm o perfum e...

— Deixa de palhaçada. Eu m e lem brei que você m atou m eu pai.

— Ah. Foi esse o m otivo da traição, Chuva? — a voz dele é fria. — Não im porta. Podem os com eçar de novo! Tudo será esquecido.

— Nunca. De qualquer form a, os Lordeiros retiraram o m eu Nivo, então, não tenho utilidade para você agora, Nico. Arranj e outro plano.

Eu desligo antes que ele possa responder, trem endo. Será que ele aceitará m inha palavra e seguirá em frente? Sim plesm ente vai deixar para lá?

Não o Nico que conheço e odeio.

E então eu não suporto ter m ais nada dele, aqui, no m eu quarto, nesta casa, nem por m ais um segundo. Corro até a j anela aberta e j ogo o com unicador o m ais longe que posso. Assim que ele deixa a m inha m ão, m e dou conta: terei que encontrá-lo e destruí-lo um a outra hora. Estúpida. Observo com o ele brilha na luz da m anhã, atravessa parcialm ente o gram ado. E descansa perto do carvalho.

Fecho a j anela, volto para a cam a, e...

BUM!

Um a onda de som e m ais algum a coisa m e em purra para o outro lado do quarto. Caio no chão. Sem fôlego. Dor. Solto um gem ido. Tento levantar, e percebo que estou coberta de vidro. Vidro quebrado da j anela. Atordoad, confusa. A fum açã aum enta e eu tusso. O que está acontecendo?

Cam baleio até a j anela. A árvore está em cham as. O que resta dela.

A m esm a árvore onde o com unificador de Nico caiu segundos antes.

Eu fico olhando, incrédula. A segunda função do com unificador não era ser um rastreador, m as um a bom ba?

O choque da descoberta quase m e derruba no chão. Nico insistindo que eu não podia desapontá-lo; em seguida, sua raiva por eu não estar na segunda cerim ônia na casa do m inistro. Um a cerim ônia ao ar livre, por isso não haveria sinal bloqueado com o havia dentro da casa. Um a cerim ônia onde eu estaria de pé ao lado da m inha fam ília, e o atual Prim eiro Ministro Lordeiro. Os grandes e os bons todos por perto, com o Cam os tinha cham ado. Nico não tinha apenas um plano B; ele tinha um plano C tam bém . Sem que eu soubesse, era para eu ser seu

“hom em -bom ba”. Quando rem exessem os escom bros e encontrassem o que restara de m im e vissem que eu era a portadora da bom ba, com um a arm a do TAG presa em m eu braço, eles não teriam dúvidas: um a Reiniciada absurdam ente *violenta*. Abalaria tudo o que os Lordeiros fazem . Tornaria todos os Reiniciados um risco que os Lordeiros não poderiam tolerar.

Nico ia m atar todos nós naquela cerim ônia, m as eu arruinei isso por correr para salvar a doutora Ly sander. Não é de adm irar que ele estivesse tão zangado!

E agora Nico o detonou por controle rem oto para m e m atar. Ou ele acreditou em m im quando eu disse que m eu Nivo se foi, ou ele decidiu que se vingar era m ais útil do que qualquer outra coisa que ele pudesse fazer comigo.

Ou talvez ele só tenha ligado antes para ter certeza de que eu o estava usando.

Um a risada com eça a subir pela m inha garganta.

Acalme-se!

Mas eu não posso evitar, e logo estou agachada no chão, rindo, e fazendo careta pela dor que sinto novam ente no m eu corte por causa do m ovim ento.

Nico acha que estou m orta. E eu rio m ais.

E eu estou *indetectável* pelos Lordeiros. Graças à doutora Ly sander.

Antes que o pensam ento estej a totalm ente form ado, estou de pé, colocando algum as coisas na m ochila. Verificando apressadam ente m inhas costas no espelho: apenas pequenos cortes. Um pouco de sangue, m as isso perdeu o poder de m e deixar com o antes. Eu j ogo algum as roupas na m ochila e bato m eus dentes quando tento vestir um casaco pela cabeça. A dor física eu posso ignorar.

Rápido, agora.

Sebastian aparece na porta do quarto, pelo e cauda com pletam ente arrepiados.

Esse gato está seriam ente assustado. Sinto um a pontada no peito quando o pego e

lhe faço um carinho rápido.

— Eu queria poder levar você com igo, m as não posso. Cuide de m am ãe e de Am y.

Outra pontada: um bilhete para m am ãe? Não. Eu não posso. Alguém poderia encontrar. Eu vou falar com ela, de algum a form a.

As sirenes com eçam a chegar à estrada no m om ento em que em purro a cerca dos fundos e desapareço pela trilha do canal.

Todos esses planos m eio form ados em m inha m ente, de coisas que eu poderia fazer um dia...?

Um dia é agora.

CAPÍTULO 49

É um a longa viagem no escuro, sem um a das bicicletas de corrida de Katran.

Em vez disso, uso um a bicicleta antiga, desengonçada, e sigo em torno do canal e pelas trilhas no m eio da noite. Ganhei bastante tempo, por isso ainda está escuro quando eu chego.

Sinto culpa, m e esgueirando sem dizer um a palavra para Mac, depois de tudo o que ele fez por m im , deixando que eu m e escondesse em sua casa enquanto eu planeja o que fazer. E culpa, tam bém , pelo em préstimo de sua bicicleta raquítica sem lhe pedir. Mas o que eu mais com preendi foi o seguinte: eu não podia dar nenhum passo para a frente sem dar um passo para trás.

Eu escondo a bicicleta na floresta.

Desta vez, será diferente. Vou ser diferente, tendo pensado sobre isso com cuidado.

E se ele não vier?

Ele virá. Ele tem de vir. Não aceito nenhum a outra possibilidade, mesmo com o medo que me corrói.

Escondo a peça cam uflada que usei sobre minhas roupas durante a viagem .

Tiro o chapéu; escovo o cabelo até que ele fique brilhante. Um top verde claro de corrida, quente, ainda que já estou, que Ben uma vez dissera realçar a cor dos meus olhos.

O céu mais al com a clarear enquanto me aqueço. Um vulto distante aparece no alto da colina: Ben! Eu quase derreto de alívio. Tremendo com tantas

emoções que eu mais sei o que são, eu corro pela trilha. Rápido. Para que, quando ele subir a colina, eu esteja a bem à vista.

Ele não vai resistir à ultrapassagem . Será que vai?

Não, ele não vai resistir.

Eu o ouço se aproximando por trás e, pouco a pouco, aumento o meu ritmo para que ele possa quase, mas não completamente, alcançá-lo. Sentindo a pressão, o esforço. A alegria da velocidade. Eu fico ligeiramente para trás e então acontece. Correm lado a lado. Essa música familiar dos pés deslizando: o *tum tum* que ele faz e as batidas de minhas pernas, mais curtas. Eu olho para o rosto dele assim como ele olha para o meu. Ele sorri, sorriso largo, e é tão exatamente o Ben que eu conheci, que meus pés vacilam , e ele ultrapassa. Mas então diminuí o ritmo para que eu possa alcançá-lo.

Finalmente, nós dois diminuímos para uma velocidade de cam

inhada.

Ele está rindo.

— Excelente corrida! — ele diz, e eu sorrio. Sinto com o se estivesse iluminada por dentro, e tudo o que eu sou está ali para ser visto, estampado em meu rosto.

Com o eu costumava ser. É tão fácil esquecer, fingir que nada aconteceu.

Fingir que somos apenas Ben e Kyia. Amigos, e em seguida algo mais, com vidas e famílias descomplicadas. Um possível futuro juntos. Eu sofro para chegar, e aperto sua mão. paro e o puxo para perto, e...

Mas nós não somos aqueles fantasmas. Não mais.

— Você é aquela garota — ele diz, e eu me mantenho em silêncio. Será que um a parte dele me reconhece ou sente quem eu sou? *Aquela garota*. Não. Ele deve se lembrar da outra vez por esta trilha. — A que disse que me conhecia —

ele diz, confirmando. — Mas eu me lembraria de você.

— Lembraria? — eu rio. O nascer do sol está a caminho agora. A luz morna de uma manhã fria em nossos rostos.

— Eu vou me atrasar. Viem os muito longe — ele diz, e inverte a direção. —

Correr de volta?

— Ainda não. Precisam os conversar.

— Precisam os? Sobre o quê?

— Quem é você?

— Não posso responder isso. Estou em uma missão secreta — ele diz as palavras com o se estivesse brincando, com o se fosse um jogo, mas há algo por trás disso. — Quem é você?

— Eu estou em uma missão secreta, também. Mas posso lhe contar uma história. Uma que aconteceu.

— Vá em frente — ele diz, ainda parecendo o Ben. Em seus olhos: curiosidade, querendo saber tudo o que eu sou por dentro, com o ele

sem pre fazia.

— Era um a vez um garoto Reiniciado chamado Ben, que adorava correr. Ele conheceu um a garota Reiniciada com alguns problemas os chamá-la de Ky la. Mas ela também amava correr. Eles se tornaram ... amigos. Mais do que amigos — eu corro.

— Ben: foi assim que você me chamou da última vez.

— Sim .

Eu vejo o entendimento em seus olhos.

— Tenho bom gosto para garotas, mesmo nos contos de fadas — ele diz, ainda leve, provocativo. Curioso.

— Mas agora é onde fica difícil — meu sorriso desaparece. — Ouça, Ben, ou quem você seja agora. Você foi Reiniciado novamente, ou tratado de alguma forma para esquecer. Eu não sei com o, nem por quê. Não acredite no que lhe dizem . O Ben de antes lutou para pensar por si mesmo! Ele acreditava que poderia haver uma maneira melhor do que a maneira dos Lordeiros.

Ele olha nos meus olhos, algo dentro dele pensando, considerando, por alguns instantes. Em seguida, o olhar se foi junto com seu sorriso.

— Isso é realmente um conto de fadas — ele diz. — Está na minha hora de ir, garota dos sonhos — e ele parte, correndo, de volta para onde veio. Eu me impeco de correr atrás dele e me embrenho nas sombras sob as árvores. Lutando para não chorar no vácuo gelado criado por sua ausência.

Eu fiz o melhor que pude. Será que consegui alguma coisa?

Por um momento, houve algo em seus olhos, algum traço de pensamento. Eu não imaginei isso! Será que plantei uma semente de dúvida que pode crescer e se transformar em algo forte o bastante para suportar o que tem sido feito com ele, o que tem sido implantado nele naquele lugar de Lordeiros?

Eu visto novamente minhas roupas escuras sobre a que estou usando e pego a bicicleta para iniciar a longa viagem de volta à casa de Mac.

Pensando no que eu disse, no que eu poderia ter dito que fosse melhor, e...

Quando m e dou conta tão de repente que quase caio da bicicleta.

Garota dos sonhos, foi com o ele m e cham ou. Será que ele tem sonhado com igo? Com o eu sonho com o passado, e m em órias perdidas. Será que ainda estou lá, escondida, em seu subconsciente?

Em algum lugar dentro de m im há um pequeno brilho, um sentimento. É

quente e estranho, e eu o seguro, o abraço apertado.

É a esperança.

Mais tarde, naquela noite, eu estou no Mac, sentada diante de seu computador.

O rosto de Lucy — o m eu rosto, de tantos anos atrás — preenche a tela no *site* do DEA. Ela foi Desaparecida em Ação, m as não m ais.

Aiden se senta ao m eu lado.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — ele pergunta, seus olhos azuis escuros estão atentos e am áveis. Sem pressionar, m esm o que eu saiba o quanto ele quer isso.

— Sim — respondo. — Tenho; m uita certeza. Papai disse *nunca se esqueça de quem você é*, m as eu esqueci. Eu falhei com ele. Só há um a coisa que eu posso fazer para tentar consertar isso: eu devo isso a ele, tentar descobrir quem era Lucy. Quem eu era. E não há outra m aneira de encontrar os pedaços perdidos de m im m esm a, além dessa.

Quem relatou que estou desaparecida? Com m eu pai m orto, terá sido a m ãe de que não consigo m e lem brar, ou outra pessoa? Só há um m odo de descobrir.

Eu pego o *mouse* e clico no ícone: Lucy Connor foi *encontrada*.

Table of Contents

[ROSTO](#)

[FRONTISPÍCIO](#)

[CRÉDITOS](#)

[DEDICATÓRIA](#)

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

CAPÍTULO 43

CAPÍTULO 44

CAPÍTULO 45

CAPÍTULO 46

CAPÍTULO 47

CAPÍTULO 48

CAPÍTULO 49

Document Outline

ROSTO

FRONTISPÍCIO

CRÉDITOS

DEDICATÓRIA

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

CAPÍTULO 43

CAPÍTULO 44

CAPÍTULO 45

CAPÍTULO 46

CAPÍTULO 47

CAPÍTULO 48

CAPÍTULO 49

Document Outline

- ROSTO
- FRONTISPÍCIO
- CRÉDITOS
- DEDICATÓRIA
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO 13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
- CAPÍTULO 16
- CAPÍTULO 17
- CAPÍTULO 18
- CAPÍTULO 19
- CAPÍTULO 20
- CAPÍTULO 21
- CAPÍTULO 22
- CAPÍTULO 23
- CAPÍTULO 24
- CAPÍTULO 25
- CAPÍTULO 26
- CAPÍTULO 27
- CAPÍTULO 28
- CAPÍTULO 29
- CAPÍTULO 30
- CAPÍTULO 31
- CAPÍTULO 32
- CAPÍTULO 33
- CAPÍTULO 34
- CAPÍTULO 35
- CAPÍTULO 36

- [CAPÍTULO 37](#)
- [CAPÍTULO 38](#)
- [CAPÍTULO 39](#)
- [CAPÍTULO 40](#)
- [CAPÍTULO 41](#)
- [CAPÍTULO 42](#)
- [CAPÍTULO 43](#)
- [CAPÍTULO 44](#)
- [CAPÍTULO 45](#)
- [CAPÍTULO 46](#)
- [CAPÍTULO 47](#)
- [CAPÍTULO 48](#)
- [CAPÍTULO 49](#)